

COSME VELHO

*(Escrito à mão)*

# DIALOGOS DAS NOVAS GRANDEZAS

DO

**BRAZIL**

**1.<sup>a</sup> SERIE**

I *Ruy Barbosa: Anteu ou Briareu?*—  
II *R. B. Briareu.*—III *R. B. Proteu.*—IV *R. B. Prometheu. Sonho chinês.*—V *Moscas e aranhas.*  
VI *Utopia.*—VII *De automovel.*



RIO DE JANEIRO

Typ. do "Jornal do Commercio

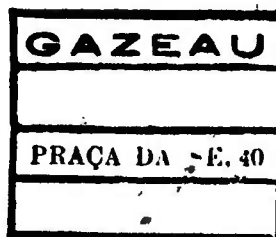
—  
1909

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

**Ex Libris  
José Mindlin**

COSME VELHO



# DIALOGOS DAS NOVAS GRANDEZAS

DO

**BRAZIL**

**1.<sup>a</sup> SERIE**

*I Ruy Barbosa: Anteu ou Briareu?—  
II R. B. Briareu.—III R. B. Pro-  
teu.—IV R. B. Prometheu-Sonho  
chinez.—V 'Moscas e aranhas.—  
VI Utopia. — VII De automovel.*



RIO DE JANEIRO

Typ. do "Jornal do Commercio

—  
1909



# Dialogo das novas grandezas do Brazil

---

## I

### RUY BARBOSA: ANTEU OU BRIAREU?

Ainda se conservam vivas, como de hontem, as impressões da festa litteraria que no seu dia natalicio Brazilino Dias, o fino diletante conhecido de toda a sociedade fluminense, ofereceu aos amigos nos salões do seu encantado palacete das Laranjeiras.

A reunião, embora intima, foi sumptuoza; já se vê que o luxo não devia ferir o gosto do anfitrião, o qual, como se sabe, reúne ás qualidades de um espirito educado á moderna, indole comparavel ao daquelle celebre romano que se chamou Attico. Seu enorme poder de assimilação não lhe permite ser estranho a nada que se refira á vida das sociedades antigas e modernas. Para que se compreenda quanto é exata a semelhança da sua fizinomia com a do intimo de Cicero, basta dizer que elle, rastejando pelo seus sessenta anos de idade, atravessou a revolução e todos os motins politicos, sem quebra da amizade de individuos pertencentes ás *coteries* litterarias e aos credos politicos mais opostos.

Brazilino Dias é o que se póde chamar rigorosamente um intellectual, mas um intellectual pratico, cuja

força reside em singulares e extraordinarias faculdades de previzão. Os seus conhecimentos são universaes.

Uma fortuna bem aplicada deu-lhe ensejo de viajar, Hoje, a par de uma cultura scientifica e literaria invejavel, de um gosto artistico apurado, pois é muzico, pintor e até escultor, possui observações proprias no campo da economia politica e da finança e, si quizesse, poderia exercer o cargo de ministro da fazenda, dando lições aos mais pintados. O seu horror á politica o tem, todavia, afastado de imiscuir-se nos negocios publicos. Isto, porém, não o impede de dar conselhos a muita gente; e mais de um amigo deve ao seu tino a reconstrução de seus negocios particulares. Emfim, Brazilino Dias é uma dessas naturezas privilegiadas a cuja serenidade todo mundo acha prazer em acolher-se, e cujo bom senso e bondade nativa saram, só pelo contato, os desgostozos da vida e os ajitados pelas torturas do idéal. E digam que a cultura nacional não produziu até agora senão bananas !

Não se descreve o luxo com que estava ornamentado o palacete em que se celebrava a festa aniversaria, porque não é a primeira vez que o nosso anfitrião abre os seus salões. O do banquete achava-se preparado sobriamente. Um quer que seja de simplicidade grega nos adornos; algum excesso de panejamento na pintura muito branca, apenas tonificada por azul e tenues douraduras. Moveis de laca branca, um dos tics de Brazilino, e serviço de cristal. Poucos acepipes; abundancia de frutas do paiz e passas do Oriente; vinhos italianos e hungaros; Samos, Chypre, deliciosos.

Não tendo família e vivendo no meio desse luxo modulado e um tanto arcaico, Brazilino Dias fazia, elle mesmo, as honras da caza. No seu trato, sem perda do

verniz moderno, ha alguma couza que lembra uma hospedagem de beneditino dos bons tempos. A sua conversa não se impõe; flutua no aconchego dos amigos, e o agrado, não sendo obsedante, monopoliza as atenções dos mais indiferentes. Todavia, Brazilino Dias não se antecipa; sempre recatado no seu principio de ampla liberdade, nunca solicita essa atenção. Os convivas de ordinario fórçam-no a falar.

Não é propozito dar aqui a discricão dessa festa que deixou Cosme Velho para toda a vida cativo da candura de tão facinante espirito.

Incumbam-se outros de contar o que houve de mais notavel na parte artistica e na culinaria; digam elles o que fizeram os amadores e profissionaes que lá estiveram e a execução das obras dos mestres Bach, Beethoven, Wagner e Saint-Saens. Cosme reproduz o que ouviu na meza, depois de saudado o anfitrião, relativamente álguns homens do Brazil, logo que se entornou o Champagne, e, ao signal do dono da caza, pôde a conversa generalizar-se.

Coubera a Cosme Velho assentar-se entre o folhetinista J. Guerra e o muito querido Luciano de Medina. Perto estavam Arthur Aguinaldo, o comediografo da moda, Raulino Palma, João Rivas, Souza Allemão, Rodrigues Barbalho e Valerio Guimarães. Mais lonje junto ao anfitrião fôra colocado, em lugar de honra, o chefe da literatura nacional, o impecavel prozador Calædo Morniz.

Os demais convivas eram portadores dos nomes de quazi todos os artistas e poetas que a imprensa diaria ocupa ou festeja: Olintho Bergerac, Aurelio Nabor, José Vereza, Coelho Nova, V. de Tambaqui, o escultor Rafeali, o pintor Rodolfo Amado, Leopoldo Sanchez, e

outros distintos cavalheiros, que não sendo artistas, ornamentam, comtudo, os banquetes nacionaes.

Foi justamente no grupo, cujos centros eram Cosme e Palma, que se acendeu primeiro o facho da palestra. Rompeu a marcha o trefego Raulino.

Arthur Aguinaldo, cujo espirito nunca deixa passar ocazião de associar as grandes imposturas desta terra, dizia que Martins Penna era o maior poeta do Brázil, porquanto ninguem até hoje entrára tão fundo na alma do povo brasileiro.

— Não temos povo, retorquiou Raulino Palma. Escravos até 1888 ! Mascates, nas cidades, senhores de engenho, no norte; fazendeiros e monarcas de cochilhas, no sul; o povo sómente em 1894 começou a ser forjado. Como, pois, em 1856 podia o autor do *Judas em sabado de aleluia* entrar nessa alma que não existia ?

Arthur Aguinaldo sorriu maliciosamente e disse :

— Eu te compreendo, meu fulano... De filozofias, de certo, não entendo; mas quer me parecer que vocês á força de sistemas acabam por adiar tudo para a liquidação do vale de Josaphat. Ah! bem sei que nesse esperado dia de juizo haverá muito filozofa de hoje atrapalhado em restituir a Spinoso o que lhe surripiou sem cerimonia.

— Spinoso era judeu. E' mais provavel que seja elle quem haja de fazer restituções. Que tem, entretanto, Spinoso com o comediografo Penna e com a alma do povo brasileiro ?

— E' que eu penso que alguém julga as minhas revistas inspiradas no Penna.

— *Va sans dire!* Mas fiquem certos de que nunca é tarde para corrigir enganos que afetam a estrutura social do Brazil. A alma do povo brasileiro está neste momento



escondida em meia duzia de homens corajosos, muitos delles sem nomenclatura, pelo menos conhecida...

As idéas estremadas de Raulino Palma puzeram um colorido rubro nos primeiros apartes, que partiram do V. de Tambaqui, o mais eloquente contador de anedotas que existe no Rio de Janeiro.

— O Raulino Palma com as suas doutrinas estravagantes o que pretende é dar a todos nós o colar vermelho de Maria Antonietta. Esta sua alma brazileira é o germen da anarquia.

Brazilino interveiu logo com um sinal; e a sociologia rubra retirou-se da conversa um tanto espivitada.

Houve, então, quem se lembrasse de perguntar qual era, na actual situação do paiz, sob o ponto de vista juridico e social, a cabeça representativa do Brazil. Esta imprudente interrogação foi posta por Coelho Nova, que é fertil em problemas desta natureza.

— Qual o homem representativo do Brazil sob o ponto de vista do direito e dos estudos politicos?

J. Guerra deu um aparte ferino:

— Isto importa o mesmo que inquirir quem é mais valente, se Silva-Cesar ou Souza-Napoleão!

Rizadas: mas nem por isso a proposta deixou de ser tomada em consideração.

O V. de Tambaqui disse que tinhamos um homem capaz de suportar esse pezado encargo sem toscanejar. Esse homem era Ruy Barboza.

Seguiu-se o bruáá carateristico das discussões entre brazileiros.

— E o Lafayette ?!!

— Assis Brazil !

— Clovis Bevilaqua !

E outros nomes, tanto do antigo como do novo regimen, se fizeram ouvir disparatadamente.

— Quem pronunciou o nome de Lafayette, perguntou o anfitrião, pondo ordem no ataque.

— Eu, disse Luciano de Medina, incontestavelmente de todos os presentes o mais competente para fazer a seleção na parte jurídica. Sustento que o Lafayette sobreleva a Ruy Barbosa.

— Não sobreleva, não, senhor, retorquiu o V. de Tambaqui. Ruy Barbosa é muito homem para triunfar do impossível, do Estado-Maior do Exercito Francez, por exemplo, taes e tão formidaveis são os seus recursos dialecticos. Estou certo que, si lhe dessem o *Jornal* por seis mezes para mover a campanha da restauração, elle conseguiria tornal-a uma realidade no fim desse periodo, a menos que a abobada celeste não dezabasse sobre nós.

Luciano de Medina sorriu dessa injenuidade sociologica e acrescentou:

— Homem, isto faz-me lembrar uma anedota que li algures, si não me engano nas notas de Naigeon, edição das obras completas de Diderot, relativamente a um grande ator francez, que fazia realçar de modo estrabrdinario infimos papeis das peças de Cailhava: “Com a bréca! esse ator seria capaz de representar o *Padre Nosso* com exito igual ao de qualquer tragedia de Voltaire.” Hoje no tom de Figaro, amanhã no de Tartufo.

O V de Tambaqui não se deu por vencido.

— Ora ahi vem você com Cailhavas. Pois saiba que o Ruy seria muito homem para compôr uma missa de *Requiem* igual á do Padre José Mauricio.

Gargalhadas geraes.

A opinião de Brazilino foi solicitada insistentemente. O anfitrião, silencioso, sorria de vez em quando, sem soltar palavra, nem gesto de aprovação ou reprovação. Continuou calado.

— Quanto a mim, proseguiu Luciano de Medina, o cerebro mais forte que existe no Brazil é o do Lafayette. Não me refiro só ao jurista emerito, claro, concizo, de doutrina incontestavel, que todos reconhecem, mas tambem ao homem de espirito, ao homem que em qualquer parte do mundo considerar-se-ia um astro de primeira grandeza. Quem já conversou melhor do que esse homem; mais variadamente, com menos pedantismo, apesar do copiozidade dos seus conhecimentos? Quem como elle já soube emitir ironias e ditos agudos sobre a nossa vida social? Rival de Figaro na untuosidade pratica, reúne a essa qualidade o florentinismo de Rivarol. Lafayette é o brasileiro que mais tem cunhado e emitido medalhas-epigramas para condecorar os vulgares desta terra, ou os seus adversarios. Não ha quem tenha se esquecido do que elle fez no Parlamento quando dirijia os destinos do paiz. Facinava o Imperador, ao mesmo tempo que paralizava o seu partido e enchia de ridiculo os que o atacavam. Não vejo espirito mais forte, nem mais enjenhoso. Si o çaricaturasse, dezenharia Machiavel com as roupas e a cabeleira de Molière, narrando uma graciosa fabula de Lafontaine Retirem, pois, as suas candidaturas. Ainda direi que o autor dos *Direitos da familia*, sobre ser um grande cético do feitio de Renan, é um profundo sabedor das couzas divinas e humanas. Elle tira horoscopos e fala alta noite com os sobrenaturaes. Não sei, por ultimo, se afirme que, si Lafayette, nascido na Allemanha, teria escrito a obra de Nietzsche, sem ficar louco.

O V. de Tambaqui protestou em termos sinuosos. Era estranhavel toda aquella apolojia do homem, do politico do segundo imperio, que mais concorrera para a decomposição da monarquia. Na sua opinião o Lafayette não passava de um cartajinez mal acabado, ora cobrindo o rosto com a mascara de Sganarello, ora mostrando a lanterna majica do macaco da fabula de Lafontaine. Dar contas de si e da etica que professa, é que elle nunca faz.

Luciano de Medina retorquiou que as circumstansias tinham marcado o lugar que na politica cabia áquelle homem superior. A sua missão não fôra outra sinão entreter Lear e desfazer as finanças de Shylock. Enganam-se todos os que pensam que elle seja incapaz de utilizar os processos inventados desde o Ministerio Olinda, transfigurados depois pelos conservadores e liberaes que viviam dentro do queijo do Senado.

— Mascara ! Falam na mascara de que uzam os homens de estatura ? Nietzsche dizia que “é um dever da humanidade seleta respeitar as mascaras, e, ainda mais, parece de elementar prudencia não fazer psicolojias, nem exercer curiozidade sobre couzas tão respeitaveis.” O eminente jurisconsulto recolheu-se ao silencio, onde ruma a sua grande obra sobre o direito da guerra e da paz. Respeitemos este silencio augusto e aguardemos o crepusculo dessa alta inteliencia.

As ultimas palavras de Luciano de Medina foram recebidas por um ruido ensurdecador, no meio do qual pude apenas colher retalhos de frases hostis ao ex-conselheiro da monarquia. Alguns moços, presentes, em nome, uns, de Comte e Spencer, outros de Kant, Schopenhauer, Hoeckel, Hermann Post, outros, de Garofalo, Ferri, Tarde, Cogliolo, Impalomeni, repeliram, revoltados a

qualificação de superior conferida á Lafayette, no seu parecer, um atrazado, um romantico, muito anterior ao proprio naturalismo.

— Como se iludem a respeito do meu gigante ! Elle tem recursos para ser o que bem quizer. Lafayette não encontraria difficuldade em ser mystico, no actual momento, si o ser mystico pudesse dar-lhe um prazer intelectual.

Cosme Velho conseguiu enfim falar. Era apolojista de Assis Brazil. Felizmente o autor da *Republica Federativa* não soffreu grande opugnação e foi aceito pelo circulo que ali estava a diplomar os genios brasileiros. Elle não comparou o diplomata que ultimamente foi as delicias do Rei dos Portuguezes com o ex-conselheiro do Imperio, mas poz-se a cotejar o perfil filozofico do jovem publicista com o de Ruy Barbosa.

Com effeito, no terraço das escolas, quanto ao critico, Ruy Barbosa não faria senão uma pessima figura. O que Assis Brazil era todos sabiam: — um evolucionista, educado primorozamente nas paginas de Spencer, só escrevendo depois de largas meditações, sobrio nas proporções dos livros que publica, procurando a clareza como meio de convencer, orgulhozo da sua força, mas tendo como objetivo fazer vingar a idéa antes de ser admirado. Os seus livros *Democracia representativa e Regimen presidencial* dão a impressão justa de um espirito que marcha sem malicia, certo do ponto onde chegará; tranquillo, dezanuviado, satisfeito do proprio esforço.

Outro tanto, não se encontra na alma, nem no *modus faciendi* do autor das *Cartas de Inglaterra*.

Houvera no principio da sua vida, propriamente de publicista, isto por volta de 1878, um movimento de filozofia voltaireana, infestada dos processos de eloquencia

dessa tribuna franceza que tinha um olho em Proudhon e outro em Macaulay, ou, para melhor dizer, no parlamentarismo inglez. Esse movimento se traduzira no volumoso livro *O Papa e o Concilio*, em que o autor mostrou, pela primeira vez, de modo solene, a sua repugnancia á concizão, á sobriedade e a todas essas virtudes que o grande Quintiliano recomendava. Este livro é uma pororoca amazonica que nos embrulha, durante a leitura, em um novelo de citações, opiniões inumeras, de envolta com um vago criterio regalista. No rujir do periodo bombastico, no espumar da onda do estylo encapelado, uma vez por outra, vê-se surjirem, torturados pela revolta da frase, membros de algum filozofa do seculo XVIII.

O tom heretico, que tinha feito a fortuna de tal obra, graças á incandescencia deixada pela questão dos maçons e os bispos, dissipou-se com o tempo, mesmo porque era impossivel a um homem de talento conserval-o depois da propaganda, realizada por Tobias Barreto e outros, e que deu entrada no Brazil ao pozitivismo, ao evolucionismo e aos dialetos da filizofia experimental. Que orientação, porém, depois de tal defecção, deu Ruy Barbosa á essa alma entuziasta? Eis o misterio! Anteu é o nome com que o batizam agora; Briareu, porém, parece que mais lhe assenta; e se já houve quem discortinasse o eixo das suas idéas, que este feliz se apresente e diga: aqui tem a chave do talento de Ruy Barbosa. Calculadamente ou por força de temperamento, o que é certo é que esse gigante, embora de volume consideravel, torna-se impalpavel, e nunca deixa por onde se lhe pegue, não por escorregadio, mas porque não ha mão que o abarque.

Esse discurso cauzou um grande escandalo no espirito dos que julgam Ruy Barbosa um verdadeiro Anteu.

Os seus protestos, porém, assanharam o espirito epigramatico de Cosme Velho.

— Meus amigos, tornou este, não recuzo provar tudo quanto disse. Só ha para mim uma dificuldade, que é conciliar esse briarismo do orador baiano com a força de vontade que todos reconhecemos em Ruy Barbosa. Em Briareu havia certa inconciencia grandioza, na qual a mitica dos gregos puzera uma interpretação e buscára um simbolo unificador da variedade dos instintos da humanidade.

Ruy Barbosa acha-se a mil estadios dessa concreção. Seu espirito é outro; e a sua alma poderia considerar-se uma revivecencia da de Carneades. Elle é o maior sofista que tem insuflado a voz nas terras do Brazil. E nisso está a razão do deperecimento dessa mesma filozofia herética com que o vimos aparelhado ha 20 anos passados.

Neste ponto Cosme Velho emitiu uma propozição, que ainda mais scandalizou os apolojistas de Ruy — Anteu.

Ruy Barbosa seria um homem morto no dia em que adotasse uma filozofia ou creasse um sistema seu, ou fizesse uma profissão de fé. Nesse dia elle, com os cabelos, perderia a força de Sansão; perderia a liberdade de mentir contra as leis organicas da vida individual e social; e a lojica, instrumento que lhe tem sido órgão tão preciozo de prazeres, volver-se-ia contra elle, torturar-lhe-ia as carnes como tenazes em fogo, manejadas pelas mãos de seus adversarios implacaveis e cruéis. Em suma, Ruy Barbosa seria um sofista emasculado. Eis porque o autor do *Estado de sitio* vela com tamanho pudor e cuidado o fundo filozofico do seu espirito. E já que estamos em veia de comparações, permitam-me lembrar

o contraste que apresenta o moço que atualmente encanta no Recife seus discipulos pela candura de uma alma entregue inteiramente aos estudos propedeuticos do direito.

Referia-se Cosme Velho ao cearense Clovis Bevilacqua, um joven professor, que em obras amadurecidas, promete ser em breve o pontifice do direito civil brasileiro, sinão tambem do constitucionalismo nacional.

Caláram-se todos, porque ao piano preludiava alguém um trecho de Bach.

Os ouvidos perturbados até aquelle momento pelo grazinar da discussão, deixaram-se de subito banhar pelas harmonias triunfaes do inspirado que sentára-se ao piano.

O concerto continuou crecente de emoção.

A's 2 horas da madrugada retiravam-se os primeiros convivas.

Ao levar até á porta o velho Cosme, o anfitrião daquella noite conseguiu que este se compromettesse a fazer no proximo domingo uma conferencia, cujo assunto seria ainda Ruy Barbosa, estudado sob o ponto de vista da eloquencia.

1898, Setembro.

## II

### RUY BARBOSA: BRIAREU

O domingo resplandecia. O aspeto da cidade, que de ordinario é tristonho, como mais de um viajante tem notado, dir-se-ia quazi festivo, tal o movimento das senhoras pelas ruas e pelos bondes.



Cosme Velho não tinha esquecido a promessa feita a Brazilino Dias. Uma conferencia, embora em sessão litteraria intima, tratando-se de Ruy Barbosa, não deixava de cauzar certo receio. As idéas estavam assentadas; mas a sua coordenação podia falhar no momento psicologico. Acrecia que a reputação desse brasileiro achava-se por tal forma firmada na opinião publica, que qualquer restrição seria recebida como sinal de desrespeito.

Cosme necessitava, pois, antes de tudo, de ser claro para que os ignaros não fossem supôr a existencia de uma intenção maligna de deprimir.

Já alguém sussurarva aos seus ouvidos que os monolitos sofrem impassiveis as injurias das tempestades, ao mesmo tempo que os montões de mariscos se depositam em holocausto á grandeza, de envolta com as arêas, formando a sua baze.

Lembrava-se, todavia, de que tambem os granitos são insensiveis, não têm alma, não têm sangue e na sua immobilidade valem o que vale o raio que os fustiga.

Durante a viagem, de caza até ao largo da Carioca, poz-se a dividir os paragrafos da conferencia. Ao tomar o electrico, foi interrompido nesse trabalho pelo Rodrigues Barbalho, que se dirigia para as Laranjeiras.

Acomodaram-se no banco da frente. No immediato iam tres meninas garrulas, cuja frescura, beleza e alegria davam ao **veículo** uma tonalidade de comboio das flores vivas.

— E dizem que somos uma raça feia, refletiu Rodrigues Barbalho. Ora, estas morenitas são perfeitamente brasileiras; e não se me dá de apostar que em qualquer parte do mundo, si não tirassem o premio da beleza, pelo menos obteriam o da graça petulante.

— Cosme ficou subitamente sombrio. Aquella observação, feita justamente quando passavam pelo cães da Lapa, lembrara-lhe o malogrado Raul Pompeia.

Naquelle mesmo sitio, em um dos dias mais melancolicos da revolta, conversavam sobre o genio das nações, quando viram apontar á janela da proxima casa de pensão o rosto juvenil de uma menina, que logo depois recolheu-se assustada por cauza de uma granada que estourava por cima de Villegagnon. Entardecia. Na forma de um costume, que chegou a durar cinco mezes, as fortalezas da barra faziam o seu exercicio de fogo. O apparecer e subito desaparecer daquella cabecinha puzera n'alma um sentimento de angustia que se não descreve. Raul Pompeia observou, então, que a guerra civil não era tão abominavel pelas mortes que cauzava, como pelo emurhecimento do sorriso no semblante das donzelas. Quantas almas de crianças, que precisavam crescer ao sol da alegria não estariam, por traz daquellas paredes, sossobradas de pavor, paralizadas na evolução para a puberdade, e algumas, quem sabe, si não eternamente privadas da felicidade por uma histeria incipiente? O autor do *Atheneu* tinha dessas filozofias; e quando o seu espirito peregrino começava a vagnerizar em materia de psychologia social, quem o ouvia acabava por ficar hypnotizado, — caindo no mundo harmonico da sua fantazia.

Felizmente naquelle instante não se tratava de uma menina *detraquée*, porquanto não tardou, ao que parece, passar-lhe o susto; e logo ouviram-se os sons de um piano, cujas notas sonoras, fortes, redomoinharam na amplidão. Os dedos ajeis da pequena executavam, com brio, um trecho desconhecido.

— Não sabe ? perguntou Rodrigues Barbalho. E' uma valsa inedita de Chopin.

A valsa eterizava-os. O bonde corria, e aquellas flutuações harmonicas perdiam-se pouco a pouco, como se começasse a produzir-se em Cosme a ação do cloroformio. Nisto, o ruido dos carros, que se cruzavam com os bondes na rua do Cattete, despertaram-o daquella especie de letargia; e só então foi que elle, refletindo, pôde verificar uma coincidencia estranha. R. Barbalho respondera-lhe pelo morto; a mesma muzica a que se referia, falando de uma tarde de ha quatro annos passados, se introduzira na sua narração, e, interrompendo-a, burlara o objetivo da conversa.

— Que diabo! Dir-se-ia que estou sonhando!

R. Barbalho riu-se, e, como Cosme aludira á muzica, e esta arte é o seu forte, perguntou o que é que ia dizer sobre a valsa.

— A valsa, o ritmo da valsa tem sobre mim uma influencia que não sei claramente explicar. As composições de Strauss, Metra, Waldteufel produzem-me na alma efeitos como de uma festa chinesa. As composições, neste genero, de Beethoven e o *Convite a valsa*, de Weber, jugulam-me a tristeza, por mais intensa que ella seja. Como não hei de adorar a valsa, si ella me desperta as sensações mais agradaveis ?

— E tem você toda a razão, porque si não me engano a valsa foi inventada pelos Gnomos, ou pelos Elfos, por esses seres estranhos, de que se occupam as lendas do norte da Europa. Esse ritmo majico deceu das rejiões nebulozas, em que viviam os deuzes dos Niebelungen. Chegando á terra os *meinsingers* o receberam como um presente etereo, e, por elle, afinando as suas teorbas, cantaram as

baladas e esses adoráveis *liéder*, que Goethe e Heine perpetuaram em versos admiráveis. Depois o *liéd* foi dançado. E pela dança, universalizando-se, elle chegou até á ronda infernal, ao *sabbath* das noites de Walpurgis. Parece incrível, mas é a verdade; e não será senão por isso que esse ritmo desperta no seu espirito tão deliciosa impressão da vida e pelo que ella tem de indefinido. A valsa orquestrada por Wagner conteria o mundo inteiro.

Cosme Velho olhou para o seu interlocutor um tanto intrigado, e lembrou-se de um fato característico que se dera uma vez comigo, jantando no terraço do restaurante do Passeio Publico.

A banda alemã executava uma valsa de Waldteufel. Os seus ouvidos banhavam-se nas ondulações e voltas desse espiral de sons, que levantam a alma ás alturas do invizível.

Os muzicos, entretanto, cessaram de tocar, e nelle se despertou a necessidade de tornar a ouvir o mavioso da valsa. Por intermedio do criado, que servia, pedio-lhes que a repetissem. Voltaram, com efeito, aos seus lugares, mas, em vez de Waldteufel, deram-lhe um trecho de Offenback.

Imajine-se a sua raiva. Quasi não pôde terminar a janta, e mentalmente fez um voto de que se algum dia exercesse poder discricionario sobre a terra, faria esses muzicos executarem a predita peça até morrerem inanidos.

No jardim do palacete das Laranjeiras encontraram J. Guerra, Luciano de Medina, Raulino Palma e Carolino de Louvet.

Quando transpunham o portão, francas rizadas se levantavam do grupo formado por estes quatro cama-

radas, que olhavam para alguma couza oculta entre os arbustos.

Todos sabem que é em materia de espirito esse endiabrado Carolino de Louvet. Pois bem, naquellê dia de-ra-lhe a telha para ensinar botanica. Querem saber qual o objeto da preleção? Era uma dessas flores roxas frequentes em nossas campinas, e que apresentam uma forma equivocada, quasi obscena. Carolino de Louvet, então, afirmava que essa flor era o reverso da flor de maracujá; e como na natureza tudo se define, conforme Aristoteles, pelos contrarios, elle preferia os martirios daquella aos da outra chamada da paixão.

Era ao tempo que Brazilino Dias, com a familiaridade que se lhe tornara habitual, apparecia no vestibulo e obrigava-os a entrar.

— Já é tarde, disse, e eu dezejo que antes da conferencia, vocês vejam dous trabalhos interessantes, um do Amoedo e outro do Bernardelli.

A galeria artistica de Brazilino Dias é o que se póde chamar um tezouro de raridades. Grande parte de sua fortuna, tem-na elle consumido na aquizição de objetos de arte, com um criterio adoravel, si não de mestre, de fino diletante.

O quadro de Amoedo, recentemente pintado na nova maneira do autor, representava, numa téla de dimensões regulares, o triumpho de Baccho no Brazil. Não se vá pensar que esta téla contém algum reclamo á cerveja Brhama ou á Bavaria. Nada disto. A composição encerra algo de symbolico. Com ella o Amoedo quiz apenas celebrar o advento da força nas terras do Brazil. A entrada da relijião do futuro; o entusiasmo de uma nova raça; e a conquista da nova India pelo espirito civilizador..

A estatueta do Bernardelli pertence a outra corrente de idéas. Representa uma cabocla desfalecida ao osculo de um raio tropical. Si já houve alguém que no marmore pudesse fazer falar a languidez do sexo enamorado pela luz, esse alguém não tem nome diverso do autor dessa admiravel composição.

A conferencia devia realizar-se na biblioteca, que ocupa um lindo pavilhão anexo ao corpo principal do palacete.

— Como é agradável ! ponderou J. Guerra, ao penetrar no *sancta sanctorum* de Brazilino Dias. Dê-m-me uma ferramenta como esta e lazeres, e eu lhes direi se não serro de cima o Pão de Assucar.

O proprietario sorriu e acrescentou :

— A biblioteca do Ruy é muito superior. O que elle não tem é a coleção de livros brasileiros que eu possuo.

Com effeito, toda a face oriental da livraria é occupada com as obras mais raras que se tem escrito sobre o Brazil e com os livros de todos os autores nacionaes.

Lá, vimos, em encadernação de luxo, as obras completas de José de Alencar, Machado de Assis, Nabuco, Taunay, Ruy Barbosa, Sylvio Romero, Arthur Azevedo, Aloizio, V. Magalhães, Affonso Celso, José Verissimo, Coelho Netto e outros.

A maior parte dos *habitués* já se tinham acomodado em cadeiras dispostas no centro da biblioteca para uns vinte amigos. Brazilino Dias mandára colocar em um estrado uma meza com o classico copo destinado a *molhar* a palavra do orador. Mal notou Cosme esse aparato, perdeu o bom humor. Fez logo ver ao dono da *caza* que, si aquelle escandalo de tribuna não fosse eliminado, a conferencia não se realizaria. Conferencia seria um modo de dizer, porquanto elle só se propunha conversar. Desde

que o circulo de bons camaradas se transformasse em publico, era uma vez a carateristica da palestra.

Brazilino accedeu. A meza foi retirada. Ficaram todos em liberdade.

Carolino de Louvet continuava a glozar couzas escabrozas, porque o seu grupo não deixava de gargalhar.

— Basta, disse J. Guerra; vamos ouvir o velho Cosme. Quero vêr como elle se tira desse novo Cocorobó.

Cosme Velho enrubeceu.

— Não suponham que vou fazer uma conferencia academica. Permitam que eu apenas procure formular aqui alguns pensamentos despertados pela figura que nestes ultimos tempos mais tem impressionado o publico fluminene. Si, porém, existe neste lugar algum amigo que pense que eu nutro outro sentimento, além de uma justa curiozidade literaria e do dezejo de comprehender o mecanismo psiquico de um dos nossos mais fortes oradores, que esse amigo declare-o, porque estou disposto a não continuar.

O V de Tambaqui ponderou, então, que tal couza nenhum dos presentes suporia; mas que, em todo cazo, quando um homem de letras se propõe ser imparcial, ocupando-se de outro, é sempre de bom conselho lembrar-se quem o ouve do *irritabile genus*.

Cosme Velho deixou passar a restricção.

— Acompanho o dezenvolvimento do talento do Ruy desde os tempos academicos, no Recife. Recordo-me de que o vi pela primeira vez em 1869. Tinha-se incendiado parte do edificio da rua do Hospicio em que funcionava a Faculdade. Por falta de salas, as aulas do 4º e 5º anos passaram a dar-se á tarde. Um dia, os quinto-anistas, deitados em um tableiro de relva, que havia ao lado do

edifício, troteavam os matutos que vinham de Iguarassú pela estrada de Olinda. Passou um conego; e a selva-jeria escolastica achou que derogava deixando-o atravessar incolume. O reverendo foi solenemente vaiado. Não protestou: retorquiu apenas com um *muito obrigado*, e a surriada emudeceu. Logo depois aproximou-se um grupo de estudantes retardatarios. Entre elles estava um rapaz franzino, moreno, de cabeça muito grande. Olhava baixo e tinha um traço de *penseroso*. Perguntei quem era; disseram-me: o Ruy Barbosa. Já neste tempo o illustre orador se fazia preceder de um determinativo de admiração. Não esqueci mais a compostura daquelle semblante. E' a mesma de hoje: a de um preocupado de grandeza. Ruy Barbosa tem subido de esfera em esfera; mas o que é certo é que essa preocupação não se modificou; tem-se tão sómente complicado. Ser atleta, sempre vencedor nos jogos olimpicos, atirar o disco aonde ninguem conseguiu chegar, eis o pensamento fixo e o seu maior prazer. Póde-se, pois, afirmar, estudando sua obra inteira, que o autor do *Estado de sitio*, dominado por esse intuito, desenvolveu extraordinariamente a sua musculatura intelectual, permitia-se a expressão, com deperecimento do que se póde chamar a enervação do espirito. Ninguem procure em Ruy Barbosa delicadeza, descortinamento dos aspetos sutis da natureza humana, nada que se aproxime desse genio jonio que civilizou a baía do Mediterraneo; só ha de achar força, força e mais força.

Nos seus trabalhos descobre-se uma colosal unidade de volição, na conquista da erudição, na armazenagem da memoria, na constancia indefeza do labor. A sua capacidade para desbastar pedreiras (digam-se bibliotecas), não tem rival. Infelizmente falta-lhe a unidade de in-



telecção. O seu espirito não é claro, nem iluminado; horizontes vastissimos, mas occultos por uma especie de ambiente caotico, onde se penetra e de onde não se volta. O seu aparelho mental póde ser comparado aos grandes propulsores dos encouçados; movem a maquina de guerra, a principio lentamente; uma vez, porém, desenvolvida a carreira, é difficil, si não perigozo paral-o.

Com taes dispozições comprehende-se que Ruy Barboza tenha assinalado, por instinto, o seu campo de operações. O orador appareceu; não o orador de escaramuças parlamentares; mas o orador dos grandes momentos, para as cauzas perigozas, encandecentes, aparentemente insoluveis. E esse orador saiu do temperamento literario, já descrito, como do biceps sae o *fort de la Halle* ou o Hercules dos circos. Levantar pezos descomunaes, assombrar o auditorio com um discurso em que se mostre um saber famoso, são couzas equivalentes. Essa preocupação, o autor do *Estado de sitio* tem-na em larga escala. Por felicidade nossa esse forte não se encasquetou de profetismo. Puzessem-lhe na cabeça a mania da rejeneração da humanidade, e teriamos com que nos haver por muito tempo e dezesperadamente.

Obtidos os primeiros triunfos, Ruy Barbosa, exhibicionista, teve sentimento igual ao de Sansão depois da matança dos filisteus, — o sentimento da devastação. O orgulho social invadiu-o; surjiu como fenomeno a ambição politica, junta á necessidade de ligar seu nome a uma obra, a uma defeza de efeito.

Hercules executara doze trabalhos, havidos no seu tempo por impossiveis. Entre outros, matara o leão de Neméa, sufocara a hidra de Lerna, combatera Gerionte, limpou as estrebarias d'Augias, retirara Thezeu do in-

ferno. Por que não faria elle couzas semelhantes? A obra *O Papa e o Concilio* foi o seu primeiro trabalho herculeo. Pela enormidade do livro, cujos capitulos de I a VI, constando a publicação de sete, encerram a historia das relações da Igreja com o Estado, justifica-se o conceito de um esforço empregado em pura perda. Não só esses seis capitulos podiam ser condensados em dez paginas, e não faltam por ahi Lavisses, Seignobos e Corréards que o tenham feito com dezesperadora e fartissima concizão; mas tambem o golpe do livro falhou, porque veio depois de Ganganelli, quando os Bispos D. Vidal e D. Macedo Costa já estavam soltos. Ruy Barbosa sentia, entretanto, necessidade de mostrar que havia lido sobre o assunto mais do que nenhum outro brasileiro, e não rezistiu ao dezejo de fazer sair essa obra, acompanhando o texto de um constante bombardeio de notas, cada qual mais folhuda e rica de referencias, aliás facilimas quando se está no centro de uma boa livraria. Desta vez, portanto, Hercules não chegou a tempo para decepar as mil cabeças da hidra do clericalismo. Quando veio a Republica, e Deodoro, Benjamin Constant e Aristides Lobo garrotearam a religião de Estado, foi então que Ruy Barbosa pôde cevar-se no sangue dos padres, cortando tranquilamente aquellas cabeças com uma faca de... cozinha, como á ave depenada e disposta para banquete de divinos. Assim, pois, na referida época o autor d'*O Papa e o Concilio* perdeu o seu latim, e não houve quem lhe oferecesse o tronco para a ingente e apetecida luta romana.

A eloquencia emudeceu. Logo, porém, surjiu o gabinete Ouro Preto e a Ruy Barbosa se apresentou ensejo para debelar sóberbos. Deu, pois, combate a Gerionte; mas quem não estiver esquecido dessa luta, ha de confessar

que, si Gerionte sofreu profundamente, não menos mal ferido ficou o atleta pelas setas certeiras de modesto atirador, um medico que se chama Gama Rosa, o qual, porque tinha á farta um grande preparo em sociologia, pôde desvendar a inanidade de certos argumentos. O colosso vacilava. A Republica o amparou.

Nas democracias as perspectivas são mais amplas; e necessariamente, pelos instintos de grandeza generalizados, os homens do povo olham de perto para os seus guias e os supõem maiores, muito maiores do que em realidade são. Ruy Barbosa com o advento do governo republicano, em que foi *magna pars*, ficou tamanho quamanha é a sua ambição e irreductivel o seu orgulho. Desde esse momento tudo lhe era licito dezejar. Em seu espirito penetrou um sentimento novo, — o de exercer uma especie de satrapia literaria. Creceram-lhe no coração os anceios dos antigos despotas da Persia. Entenda-se, porém, que Ruy Barbosa, não possuindo temperamento marcial, deixar-se-ia permanecer no exercicio incondicional da eloquencia. E assim foi; elle, então, poz a maquina a trabalhar na mais alta pressão, e afivelou todos os bacamartes de erudição que estavam ao seu alcance.

Neste ponto da conferencia Cosme Velho deteve-se e passou a queixar-se de que as circunstancias não lhe permitiam documentar por extenso as proposições que acabava de emitir.

— Ah! se eu estivesse, disse, no meu gabinete de estudo, mostrar-lhes-ia as pajinas dos livros, dos folhetos, dos discursos, das espozições de motivo do Governo Provisorio, que justificam tudo isto á saciedade.

— Não ha necessidade, ponderou Raulino Palma, a impressão desse trabalho do Ruy foi muito forte, e nós.

sentimos a sua repercussão em todas as juntas do nosso organismo.

— Você quer dizer com isto, refletiu o V. de Tambaquí, que o gigante onverteu-se em Asmodeu ?

— Não digo tal. Mas tenho como certo que o espirito difuzo desse mestre entrou em conflito, por forte, com a nitidez do rejimen presidencial que abria seu caminho.

— Apoiado !

— Quem apoia ?

— O Medina.

— Ora, o Ruy ainda ha de impor-lhes o divino parlamentarismo, sem o qual na America do Sul não ha Governo que se salve. Está no sangue. A raça latina. . .

— Qual sangue, nem raça latina ! Ninguém tem medo desse *tutú* dos povos. Os sociolojistas de meia pataca, agora inventaram isto para engodar os tolos, como outr'ora se os engodava com o terror das penas eternas. O recurso não colhe. A democracia é um estado, uma compleição social; não é propriamente uma forma de governo. Para ella atualmente tende o mundo. Lutar contra ella é tão absurdo como lutar contra o ambiente. Subordinar-a é que é a couza. Ora, eu não vejo rejimen, por emquanto, que proporcione essa diciplina, tão eficazmente, como o presidencial. O parlamentarismo seria sistematizar o rôlo das ruas dentro dos palacios. . .

Brazilino Dias interveiu. Voltou-se á conferencia.

Cosme velho continuou:

— Si não fosse o receio de abuzar da paciencia dos amigos, eu leria, para fazer-me compreender melhor, uma pajina do livro de Ruy Barbosa, já citado, *O Papa e o Concilio*, o unico que tinha á mão no momento de partir.

O auditorio insistiu.

— A pajina que vou reproduzir é do prefacio da obra.  
Ouçam.

“O brasileiro que atravessar a faze actual do segundo reinado, terá que testemunhar á decadencia, com as cãs envergonhadas, uma longa pajina de amargura e vilipendio, onde os olhos de nossos filhos buscarão debalde um ponto de refrijerio em que espireçam: um paiz opulento, inexaurivel como a natureza mesma, e, todavia, fisica e moralmente estagnado, na imensa amplidão, como um vasto pantano; os municipos, sombras da mais cordial e utilmente popular das instituições, sem raizes no sólo, sem autonomia, pedintes abismados em uma existencia vejetativa, esteril, perpetuamente subalterna; as provincias sugadas pela centralização até á medula, famintas, esfarrapadas, umas arrastando as bragas de empenhos crecentes e incabiveis, outras em estado real de bancarrota; um governo lição viva de todas as curruções, a caza dos padres conscritos feita a grande escola publica da cortezania imperialista; a Camara dos Deputados aviltada, graças ás suas proprias obras, até ás valias das galerias; os gabinetes, serventuarios servis de el-rei, sem solidariedade nenhuma, nem a da honra; as assembléas provinciaes decaidas, mediocrizadas, nulificadas; a magistratura, atirada fóra a toga da justiça, a ostentar deslavadamente o escandalo das mais delirantes e indecentes paixões de partido; o Executivo dissipando, tranzijindo, contraindo encargos publicos, sem autorização orçamentaria; os Ministros da Fazenda accumulando montanhas de dividas; a vorajem do *deficit* a escancarar, dia a dia, um sorvedouro capaz de tragar dentro em pouco a nossa receita total; a quebra da fé nacional aconselhada nos relatorios das Secretarias de Estado como innocente recurso de finanças; a falencia do Estado prevista, talvez iminente como um traço terrivelmente negro no horizonte; a lavoura em profunda e mortal caxexia; o comercio e a industria, sob a pressão de impostos irrationaes, condenados ao mais lastimoso raquitismo; a irresponsabilidade absoluta do Poder em todos os grãos de hierarquia; a mentira nas urnas, nas depurações parlamentares, nessas lisonjarias mutuas da pragmatica annual entre o trono e a lejislatura, nos melhoramentos officiaes, no orçamento; a instrução publica uma couza ainda por crear, uma ridicula mesquinheria negaceada ás classes carecentes, alei-

jada, impura, envenenada pelo patronato, inacessível á maioria dos contribuintes; do sistema representativo ludibriado até o ultimo simulacro no ato soberanamente ditatorial da corôa, que aferrolhou por dezesete mezes as portas da Assembléa Geral, e não se sabe por que não afixou logo os escritos de aluguer; de quando em quando um carater de estadista enlameado e perdido, um nome lustroso para cada baixeza; as convicções levadas a rizo, o ceticismo cynico aplaudido; a desconfiança, a inveja, a gana, as reputações sãs, todos os instintos malévolos da servidão cortida subservientemente; tudo funcionarios ou pretendentes, servilismo e venalidade, indijencia e luxo, medo á liberdade e amarquia, **afilhadajem e delapidação**, desprezo imperterrito da lei e farizaica idolatria das conveniencias pessoases, docilidade ao arbitrio official e insubordinação ao dever, um aparato de jatancioza dignidade e uma puzilanimidade abdicção do direito, falsificação sistemtica das instituições e culto misteriozamente respeitozo á impertinencia da papelada administrativa; covardia universal perante a verdade e contubernio familiar com a hipocrizia sob todas as fórmas; afinal um rei indifferente ao diluvio nos seus dias ou nos de sua mais vizinha projenie, despota como Carlos X e Napoleão III, e, ante a Europa, vaidozamente disfarçado no incognito de chefe constitucional, de humor cosmopolita, homem de todos os climas, freneticamente viajador, insaciavelmente sofrego de curiozidades, poliglota apaixonado, especialista em todas as especialidades, em todas as ciencias de especulação e em todas as ciencias de indução, em todas as artes do idéal puro e em todas as artes do progresso material, em todas as profissões liberaes e em todas as profissões industriaes, nos segredos mais mimozos da literatura e nos mais asperos segredos da critica historica, nas maravilhas mais colossaes e nas miudezas mais microscopicas da observação humana, arguidor de todos os sabios, decifrador de monumentos preistoricos, e, por uma veia carateristica, escrevedor de versos, — de quem, acazo, por si, quando não restar delle mais do que a noticia, alguma idade futura, como daquelle outro, menos douto, mas não menos caprichoso e tambem coroado artista, descuidadamente dirá: "Poetou, sinal de que as boas letras não lhe eram de todo estranhas."

Sabem o que pretendo deduzir do exemplo contido neste colosal período ?

E' que toda a eloquencia e força de Ruy Barbosa resulta de um processo muito rudimentar, mas excelente para, dada a sua vitalidade locomotora, produzir apparencias de facundia ou iluzoria variedade. O periodo que acabam de vêr é uma conjerie. O livro poderia ir ao infinito como uma conjerie de conjeries. Idéas fragmentarias, justapostas, mas que não formam um todo organico. Ruy Barbosa não é propriamente um pensador-filozofico. O seu estilo, que é espetaculozo, mesmo imajinozo, fragmenta-se a cada instante, porque as suas imajens não se filiam a uma concepção indivizivel e integrada.

Todavia, devo reconhecer que nem sempre elle processa a sua proza pela conjerie ou accumulção. Ha momentos em que o seu periodo assume verdadeiras proporções ciceroneanas. Nestas circumstancias pôde-se afirmar que elles são perfeitos, intensos, luminosos, tanto quanto tem conseguido os maiores escritores da lingua portugueza. Infelizmente, porém, essa luz não se propaga, nem se combina no conjunto da obra. O conjunto é torvo, obscuro, apesar dos pontos fulgurantes.

De ordinario a chave de seus efeitos está na amplificação, e nessa hipoteze encontraríamos muito de semelhante em Ruy Barbosa com o rei da amplificação, que foi Victor Hugo. E quem quizer dar-se ao tralho de aplicar o processo indicado por Hennequin na sua *Critica científica*, capitulo sobre a esto-psicologjia, verá que a maior parte dos efeitos obtidos pelo orador baiano é devida a hipertrofia da palavra, — ao desenvolvimento da faculdade da verbalização. Mecanica de syntaxe; e disse.

Cosme Velho terminou assim o seu discurso.

As opiniões diverjiram entre os circumstantes.

Como, porém, não é propozito reproduzir tudo quan-

to então se disse, pró e contra as opiniões emitidas na conferencia, cinja-se tudo a notação da fraze com que Cosme Velho encerrou a discussão.

— Ruy-Briareu ! Cincoenta cabeças e cem braços ao serviço de uma formidavel força propulsiva. Si querem agora que mostre em como esse orador é tambem Proteu, tenham a bondade marcar-me dia e hora para o estudo do sofista.

Brazilino Dias lembrou um piquenique no Corcovado; e ficou assentado que no primeiro dia feriado estariam todos juntos para a palestra planejada.

Corridos os reposteiros da biblioteca, passaram á sala de jantar. E' lamentavel que pela hora não seja permitido referir aqui um romance que á meza narrou gentimente o V. de Tambaqui, recordando cenas das suas viagens pelo alto Paraguai.

1898, Setembro.

### III

#### RUY BARBOSA: PROTEU

— Que caiporismo !

— Com esta chuva ninguem virá.

— Mas quem se lembrou de piquenique no Corcovado neste tempo ?

— Com efeito !

— Ahi vem o V de Tambaqui.

Um *coupé* parara á porta do edificio. Apeiraram-se dous cavalheiros: eram o aludido romancista e Brazilino Dias.



— Meus amigos, disse o V de Tambaqui, só o sr. Dias seria capaz de dar comigo hoje nas Paineiras. Digo Paineiras, porque quem quizer que suba ao pavilhão. Já estou fatigado. E Deus sabe o que me tem custado impor a vocês, tupinambás, a grandeza e o genio do Padre José Mauricio, hoje felizmente reconhecido até pelos sábios da *choucroute*.

Brazilino tinha posto á disposição dos excursionistas um trem especial para as nove horas da manhã. Faltavam dez minutos para a partida; apenas estavam presentes, afóra os dous companheiros mencionados, Raulino Palma, João Rivas, Olintho Bergerac, R. Barbalho e Cosme Velho.

— Sabem vocês de uma tradição do primeiro Imperio relativamente ao pico do Corcovado ?

— Não.

— A ponte que une as duas verrugas de granito foi construida por capricho da Domitila. A passagem primitiva era arriscadíssima. A marquezia pretendeu, porém, uma vez tomar um regabofe ao relento na pontã do nariz do gigante de pedra, e a ponte surjiu como por encanto. Sr. João Rivas, é indispensavel que na segunda edição da sua historia do Oriente figure esse dado mitolojico, quem ainda uma vez esclarecer a lejenda do sol da India.

João Rivas que, depois do seu regresso da Alemanha, entregou-se inteiramente aos estudos da propedeutica politica, sorriu maliciosamente e acrescentou que não daria mais aos prélos livros de mentiras, pois a historia, segundo o conceito do professor Jungfrau, não passava de uma coordenação arbitraria de fatos, izoladamente verdadeiros, dispostos sobre a téla da imaginação, na conformidade do capricho de quem a escrevia.

— Olhem: quanto a mim, não escreverei, nem que o diabo estoure, compendios de historia e muito menos gramaticas. Reputo, além do mais, um erro gravissimo ensinar taes couzas á massa dos homens, que foram condenados pela natureza — e mui judiciosamente — á estupidéz eterna. Sem isso, o que seria o mundo ?

— Portanto, diabo leve a democracia.

— Que duvida ! Si é verdade que em pedagogia a bifurcação constitue um erro, não succede o mesmo em politica; neste cazo ella é uma necessidade imperioza. O mal do mundo atualmente rezulta do fato de quere-rem transformal-o em um bonde de carga do Saco do Alferezes. Não basta a obstrução da via publica; ainda por cima o passageiro limpo vê-se na continjencia de suportar o contato de pretos trezandando a *cambambá* e de aturar carcamanos com cestos de hortaliças; muitas vezes tem de ceder o lugar ao sacco de carvão,—e tudo isso em nome do progresso. Nada ! Tal promiscuidade não póde sinão prejudicar a civilização, que deve ser a seleção dos mais aptos para a beleza e não dos mais aptos para o sujo.

— De acôrdo quanto ao principio, disse o V de Tambaqui, mas contra as concluzões. S. Francisco Xavier foi um grande sujo; até sujou-se, nos hospitaes, de pús e de cascas de feridas; mas, ao que suponho, ninguem negará a esse sujo a maior limpeza moral possivel e, portanto, o grande surto do belo e da grandeza.

— Ora, eu não conto na minha teoria com santidades. Chegavam Coelho Nova e o mestre Calado Moniz.

O joven romancista surjia com o seu eterno olhar de assombrado. O semblante trazia a fadiga do idéal. Naturalmente aquella noite fôra consumida na composição de algum capitolo de literatura macabra.

O autor do *Braz Jocundo*, ao contrario disso, mostrava a placidez dos filozofos que conseguiram de uma vez atrelar ao seu carro o tigre do pessimismo e o elefante da vida quotidiana, e que, puxados por tal parelha extravagante, atravessam, em relativa tranquillidade, os dezertos da existencia.

— Vamos subir á sagrada montanha de Kioto, disse Coelho Nova arregalando os olhos. Agora o que eu espero é que se não nos depare por lá alguma Madame de Chrisantême.

— Nada de susto, refletio o V de Tambaqui. O nosso Mecenas providenciou para que hoje o Corcovado fosse exclusivamente nosso. Estado de sitio estetico, meu caro! Nas Paineiras não haverá nem um quadrupede. Artistas por desfastio: *Titire, tu patulæ recubans...*

Isto é plajio. Ouvi ao falecido Tautphœus.

— Mas não é plajio o *Encilhamento*. Entretanto o V. de Taunay copiou muitas e extraordinarissimas cenas de orjias mentaes passadas não só aqui nesta montanha de granito, mas tambem nas sarjetas das ruas da cidade.

— Salvo seja, proferiu Calado Moniz. Os nossos espiritos não cojitam, nem por sombra, em um piquenique de Trimalcião; mesmo porque, si Trimalciões existem hoje, de Petronio Arbiter não era conhecido ainda esse genero de refocilação.

— Muito bem!

O trem apitou. Partiram.

O som crebro da cremalheira e a trepidação da maquina tiraram o desejo de falar.

Na curva do Silvestre lembrei-me do acidente do dr. Agrippino, havido ali por volta de 1894.

Brazilino Dias, que reside nas Laranjeiras, ignorava-o.

Em poucas palavras, Cosme Velho poz os companheiros ao par do fato. Tratava-se de um caso de horror a curva. O dr. Agrippino não podia atravessar o viaduto sem experimentar graves perturbações de espirito. Acrecia que, após estas perturbações, esse nefelibata começava a ver a lua pelo lado oposto, o que sucedia durar-lhe dias e noites. Em uma destas crizes, subia o pobre doutor ao Corcovado acompanhado de inglezes e inglezas. Ao passar pelo Silvestre, elle, que estava defronte de uma miss cheia de caracões e cabelos louros e com muitos *beautiful* na boca, foi forçado, para não engulhar, a pôr-se de quatro pés no estrado do carro. O pai ou irmão da gentil turista applicou-lhe aos lombos um formidavel sôco que quazi o fez passar de um lado da taboa para o outro.

Não o matou simplesmente porque o dr. Agrippino tinha defumado as carnes em Heidelberg, quando por lá andara a estudar filozofia.

— Isto é mentira, seu Cosme, obtemperou o V de Tambaqui.

Riu-se á conta da cordialidade que entre elle e o illustre romancista existe desde que ouviu as suas admiraveis anedotas.

A chuvinha impertinente não permitia descortinar as belas e divinaes paizajens que essa acensão proporciona em dia claro. Dir-se-ia que transmontavam, em fantastico veículo, as florestas aéreas de Ariosto, em demanda do Reino do Inverno. As arvores choramingavam a sua liquida lamuria e farrapos de neblina traziam os bosques e os rochedos em aspetos intermitentes de vizualidades teatraes. O tempo resfriava. Nem todos os companheiros

tenham-se premunido de capotes. Alguns já se impacientavam, lamentando que não tivessem preferido o concerto do Centro Artístico.

— Realmente, ponderou Calado Moniz, deveria haver grande vantagem em aquecer-nos hoje, dia nebuloso e germanico, no capote espesso, quente e reconfortante do autor de *Siegfried*.

— Mas nesse concerto vai haver Grieg — o fogo plutonico saindo dos fjords da Noruega; e tambem Liszt e Leopoldo Miguez.

— Fogos frios e gelos que queimam! Perfeitamente.

Nas Paineiras, cujo recinto, segundo afirmação do V de Tambaqui, estaria vedado ao profano vulgo até a hora da nossa retirada, encontramos dous convidados, a quem se oferecera ensejo de mostrar o nenhum caso que faziam da chuva. Estes amigos tinham realizado a acensão, desde o Silvestre, a pé. Eram Carolino de Louvet, o perverso e espirituoso Louvet, e o não menos endiabrado Aguinaldo.

O dia não estava de feição. Havia pouca comunicabilidade.

Brazilino Dias mandara preparar a sala que se nos rezervara no hotel, a rabelaizeana. Falou-se que no *menu* entraria um esplendido vatapá, o que poz *in extremis* o J. Guerra, que é baiano.

Tomou-se vermouth de acôrdo com o Concilio Tridentino, sess. 7<sup>a</sup> cap. 2<sup>o</sup>, can. 14, e cada um foi para onde quiz.

Como Cosme ficasse a tremer de frio a um canto da sala, o J. Guerra aproximou-se e disse, envolvendo-o em um gesto de piedade:

— Você vai mesmo fazer conferencia no Corcovado? Isto já parece medo.

— *Rabia*, respondeu-lhe, batendo o queixo. Tenho disto quando me ataca a humidade. O nervoso assanha-se. O prejuizo hoje é só do Ruy.

— Fale-me com franqueza. Tudo quanto você espendeu domingo passado na caza do Dias representa o fundo real das suas opiniões ?

— Homem, sabes que eu sou um relativista. Parodio, todavia, o menino de pedra do Passeio Publico. A minha diviza é: verdadeiro, sincero, inda brincando. O que proferi, 'dadas as refrações do momento, do tom em que me espremi, do lugar' em que estava, é a copia exata da *vizão* — deixa uzar da fraze da moda — da *silhouete* que a leitura dos trabalhos do dr. Ruy Barbosa deixou-me no espirito.

— Neste cazo, o seu estilo não é a propria perfeição ?

— O seu estilo, ás vezes, me parece a Rainha Elizabeth de Inglaterra, decendo ereta de seu trono para falar aos seus vasalos e dar bofetadas, alguma vez, em lord Cecil. Acho, porém, que a cauda do vestido é tão comprida e cheia de circunstancias que se fazem precizos vinte pajens para dezembaraçal-a. Outras vezes imagino uma cavalgata medieval a atravessar intermina, levantando nuvens de poeira. A principio entretem. Logo, depois vê-se que os penachos e as armaduras são iguaes. Vem a fadiga. Por ultimo só se tem a impressão de uma burrada que passa, passa e não se acaba. Ruy Barbosa não tem a noção do ritmo. Desconhece a lei que Spencer tão belamente definiu, esplicando a economia do esforço na obra de arte. Olhe, na *Estetetica de Poe*, de Araripe Junior, encontrará você tudo isto regularmente desenvolvido. As

verdadeiras obras de arte não toleram conjerias: o Ruy é o oposto, em estilo, a tudo isto.

O Carolino de Louvet, que passava por acaso, interveiu e aconselhou a J. Guerra que não caísse em ler a estopada.

— Ha tres anos que esse trabalho se publica na *Revista Brasileira* e ainda continua. E' o novo *Rocambole*. Leia si é capaz.

Seguiu-se o almoço, durante o qual falou-se em assuntos brilhantissimos.

Arthur Aguinaldo leu um trecho de um novo drama sobre Christo, e Olintho Bergerac recitou uns versos, em que pela vez primeira a poezia se prestou a ilustrar a questão da decendencia simia.

Carolino de Louvet referiu varios cazos curiozos e cunhou um epigrama que fará sucesso quando o publicarem. O segredo profissional impõe a obrigação de não o fazer sinão depois da permissão do autor.

Coelho Nova prometeu dar um *compte rendu* da sessão, descrever a viagem e fazer um ditirambo ao Corcovado.

— Vamos á conferencia, disse Raulino Palma. Quanto ao poema do Corcovado, fa-lo-ei eu. Este assunto me pertence.

Cosme Velho tomou a cabeçeira da meza e começou:

— No ano de 163, antes de Christo, vieram á Roma dous filozofos encarregados pelos Athenienses de defendel-os perante o Senado numa cauza quantioza. Tratava-se de releval-os de uma multa de 500 talentos a que tinham sido condenados pelo saque da cidade de Oropo. Um destes embaixadores era Carneades.

— Ora, seja tudo pelo amor de Deus! Pois então, amigo Cosme, pretende você impinjar-nos essa pajina do Larousse? Basta de Carneades...

— Perdão. Não vou fazer a biografia do filozofu de Cyrene: quero tão sómente estabelecer aproximações filozoficas e literarias, que julgo uteis.

— Mas que ha de comum estre Carneades e Ruy Barbosa?

— Que ha de comum entre os dous sofistas? Alguma couza; mas não tudo. O filozofu de Cyrene, em todo cazo, era um filozofu. Platonizava, e, nos limites do idéalismo da Academia, atacou o sensualismo dos sofistas, agrediu com força o epicurismo. Nesta parte difere profundamente do orador baiano, que flutua no incondicionalidade de um naufragio psiquico. Ha, porém, em Carneades uma feição que se caza perfeitamente com a do autor das *Cartas de Inglaterra*. Carneades vitoriozo em Roma, obtido o triunfo de uma cauza perdida na opinião publica, tendo atrapalhado o Senado com a sua infernal dialetica, até fazel-o dizer que os Athenienses não haviam enviado advogados para justifical-os, mas oradores para obrigar os senadores a fazerem o contrario do que queriam, Carneades encheu-se do delirio das grandezas; e de filozofu que era transformou-se, graças á vastidão do palco romano, em um verdadeiro funambulo da palavra. A mocidade cercou-o logo, como acontecera a Rocius Amerino e a Celio e a tantos mais, histriões, uns, outros, eloquentes; e Carneades teve o seu triunfo.

Todo o mundo sabe o poder que exercem sobre as massas a ginastica da palavra e a simulação de uma força oculta. Carneades era grego, o que Ruy Barbosa



não é; por isso dispunha de todas as traças do genio de Ulysses, o celebre *mandingueiro* dos tempos homericos. Os Romanos, um tanto grossos e inesperientes, caíram como uns patinhos. O filozofio de Cyrene eletrizava a todos; era Carneades por toda parte, nas termas, nos porticos, no *forum*, nas escolas, nos palacios dos proceres. O delirio chegou a tal ponto que Catão, que devia ter sido um temperamento pouco mais ou menos como o do dr. Coelho Rodrigues, não se pôde mais conter e, a pretexto de nativismo, de um lado, e de corrupção da filozofia grega, de outro, abriu uma assinatura contra o victorioso orador, nos termos mais ferozes. Podemos imaginar as palavras e os discursos do Censor indignado diante da eloquencia desse filozofio pachola, que tinha o dezaforo de roubar á Roma os rapazes e as multidões. Cochichou-se nos corredores do Senado. “O melhor é despachar este homem e dar-lhe logo o que elle pede”. E Carneades não foi posto para fóra de Roma, mas avizado do que melhor seria evitar complicações. . .

— Não ha duvida, interrompeu o V. de Tambaqui; a historia está bem arranjada.

— Isto é o que se chama colorir os fatos. Recorreram ao Mommsen, ao Michelet, ao Duruy, ao Gaston Boissier, ao Reinach: si da leitura de todos elles não rezultar a verdade desse colorido, eu farei o sacrificio de concordar com João Rivas, o qual pretende provar que Carneades é uma invenção de Cicero, um tipo creado por este vaidozissimo orador para pintar a si mesmo, dizendo que esse homem extraordinario podia transformar o auditorio em crianças de cinco anos, dentro da mesma hora provar que a justiça era um mal e um bem, fazer do branco preto, do preto branco, emfim paralizar a vontade do

maior numero, e tudo isto com o auxilio de combinações prozodicas e sintaticas.

O V. de Tambaqui abalou a cabeça rizonho.

— Maganajem; só maganajem, disse. Si o Ruy Barbosa é esse funambulo da palavra, então posso afirmar que nunca se lhe fez no Brazil elojo mais completo.

— Perdão ainda uma vez, retrucou Cosme Velho. Distingo. Carneades era um funambulo grego, de raça jonia, sutil, produto de decadencia helenica, adoravel pelas nuanças e que tirava sua força do espirito esguio, perfurante, arguto, ardilozo, do platonismo de então. Não foi o primeiro nem o ultimo a praticar essa ciencia dos *jongleurs* da tribuna. Tempos depois houve outro, que se chamou Apuleu e que em Carthago chegou a fazer discursos em tres e quatro linguas, a capricho do auditorio. Esse Apuleu deu grandes trabalhos a Santo Agostinho; os tribunaes tambem viram-se abarbados com elle; andou ameaçado de cadêa e não poucas vezes escapou das mãos dos inimigos pelos seus cantos de sereia. Sabia tudo, até majia; e com a majia embrulhou a todos os que pretenderam suplantar o seu talento e roubar a sua fortuna.

Apuleu, porém, pertencia a essa mesma raça de espiritos universaes que atravessaram a decadencia romana, a idade média e vieram reproduzir-se nos tipos de Rénan, Carlyle, Emerson, Nietzsche. Sibaritas das altas rejiões do pensamento, divertem-se em jogar com as idéas como, nos circos, os Japonezes se exibem nos equilibrios e jogos malabares. O paradoxo para elles é um instrumento de analize, de investigação, o qual, uma vez por outra, é traído a publico para assombrar os incautos e de que os seus

inventores acabam abuzando, esquecidos dos males que dahi resultam.

Ora, Ruy Barbosa é funambulo da palavra tambem, todavia de maromba; uza trucs de caixas e alçapões; faz exhibições de força, em que dous terços dos efeitos são devidos aos aparelhos.

— Fatos! fatos! venham fatos! reclamou o V. de Tambaqui.

— Fatos? Mas, meus amigos, eu supponho que todos aqui conhecem os livros, os discursos, os trabalhos juridicos do publicista baiano. Não posso documentar por extenso as propozições que emiti. Ficará isto para a parte analitica de um estudo que ainda hei de publicar. Nesta palestra cinjir-me-ei a dar as sensações que todos podem verificar si correspondem á realidade.

Estou conyencido de que o Ruy Barbosa não é um psicologo; e ahi têm a razão por que a sua vasta illustração não o transformou nesse tipo tranquilo de ceticismo inocuo e ao mesmo tempo brilhante, que constitue a grandeza dos escritores já indicados. Para que elle chegasse a esse estado de serenidade seria necessario que fosse um grande observador, dotado de imaginação superior. Ora, o talento de Ruy Barbosa é a negação destes dous predicados; não que lhe falte a observação de detalhes e imaginação topica ou vocabular; mas no seu aparelho oratorio não ha nem a grande faculdade da synthese espontanea, nem a imaginação trajica dos intuitivos, a imaginação, emfim, que, como a luz electrica, penetra na materia e a torna transparente.

Isto posto, a que fica reduzido o talento sofisticado de Ruy Barbosa ?.

Ao hipertrofismo da lojica, como já vimos que o era da palavra. Homens do pró e do contra têm havido em todos os tempos e a especie continuã a propagar-se. Retoricos chamavam-os os Romanos e o periodo alexandrino encheu o mundo dos produtos da escola. A compleição, entretanto, nesses individuos é tudo. Essa compleição, tirando da biolojia um termo espressivo, póde-se dizer que se caracteriza por movimentos amiboides. Os retoricos, conforme as épocas, ou são ministros ou ensinam nas academias. Quando ministros, descobrem soluções para todas as dificuldades; quando professores, ensinam a provar tezes opostas; tudo, porém, sem vida, sem calor autonomico, como se desnecessaria fosse a transformação dos estados de consciencia.

Não faço a injustiça de considerar o orador baiano um retorico ou um sofista desta especie propriamente dita. A sua compleição intelectual é identica á dos preditos sofistas; succede, porém, que estes predicados, como disse na reunião passada, estão a serviço de uma vontade e um poder de trabalho fóra do comum. Lembrem-se de que eu acentuei a sua unidade de volição. Um egoismo redundante, planejado por coleras soturnas que se rezolvem em discursos interminos, em séries de artigos que assombram: conjerie de fatos, conjerie de argumentos, conjerie de opiniões: unidade de pensamento — nicles!

Si eu não fosse inimigo da escola lombroziana, acharia no capitulo de Max Nordau, sobre o *egotismo*, um otimo lugar para acomodal-o. Essas classificações patolojicas exajeradas, porém, não calham nos moldes do meu espirito. Ruy Barbosa é um perfeito responsavel e nos tempos da inquizição elle não escaparia das mãos

dos Torquemadas. Os gregos não o deixariam quieto; e, quando menos fosse, condenal-o-iam ao ostracismo.

Felizmente para nós o autor do *Estado de sitio* não dispõe de meios para incorporar-nos á sua personalidade. Não o dotou a natureza de um temperamento marcial, nem da sagacidade dos grandes psicólogos; falta-lhe alguma couza para que seja um Napoleão ou um Santo Ignacio de Loyola.

O que elle é, sei eu perfeitamente: o PRAXISTA DA INCOERENCIA. Por fidelidade devo declarar que a fórmula não me pertence: encontrei-a, se não me engano, nas *Cartas de Inglaterra*.

— Fatos, amigo Cosme! tornou o V. de Tambaqui. Venham fatos!

— Que fatos querem mais? Leiam o Ruy.

— A critica por alturas, por triangulações é iluzoria. Você sabe que o elemento subjetivo crêa verdadeiros fantasmas. Esse Ruy que ahí está a pintar, nunca existiu: é um parto monstruozo da sua fantazia. Os criticos modernos, os historiadores que se prezam não generalizam. Fazem a autopsia, quando muito agrupam alguns fatos, segundo os metodos de classificação menos discutíveis, e depois rotulam e espõem as peças nas vitrinas dos muzeus historicos, que aqui são os manuaes scientificos.

— Ah! querem que eu faça um manual, á moda alemã, sobre o Ruy? Esta cá me fica!

João Rivas moveu-se e declarou que o V de Tambaqui tinha carradas de razão. No seu entender o que o orador estava dizendo não passava de um romance mal contado.

— Romance mal contado ! obtemperou Cosme Velho. Pois então ouçam. Creio que nesta caza não haverá quem não tenha lido as *Cartas de Inglaterra* de Ruy Barbosa.

— Todos conhecemos esse monumento da lingua portugueza.

— Não direi o contrario; todavia, não encontro, entre os livros desse incontestado mestre da lingua nacional, documento que prove mais exuberantemente os seus direitos á qualificação de *praxista da incoerencia*. Tomemos duas destas cartas e mais os discursos pronunciados na Bahia depois do exilio: não ha duvida que taes escritos e orações obedecem a um intuito particular; têm uma unidade colossal: são elles a expansão de um movimento de orgulho; e vizam demolir alguma couza atrahindo para ella odios fulgurantes. Neste sentido a marcha dos periodos de Ruy Barbosa parecem-se com batalhões que entram em uma cidade vencida para saquear e receber o triunfo. Não percamos de vista os acontecimentos que explicam esses trabalhos. Determinemos agora os pontos essenciaes. Escolherei as cartas sobre os *Fundamentos da fé* de Balfour, as sobre Francia e a obra de Carlyle e o ultimo discurso sobre o jacobinismo. Cada um destes trabalhos foi produzido em situação de espirito diferente, em que o odio, ou melhor, a vaidade ofendida do mestre exaltava-se ou exultava no paroxismo da raiva e do despeito. A primeira carta é datada de Londres, quando o autor logo ahi chegou espatriado; a segunda refere-se á época em que elle já devia ter outra calma, prezo na contemplação da *machinery* anglo-saxonia; a ultima é um *alali* de emerito caçador em estampas classicas de salas de jantar, o qual se dá o prazer de assistir ao garrote de um

solitario javali e a uma aclamação triunfal. Pois bem, veremos em taes produções, *grosso modo*, as qualidades proteicas de Ruy Barbosa. Elle necessitava, ao chegar magoado e inquieto na Inglaterra, comover amigos e inimigos na sua qualidade de forajido. Que recurso empregaria? Ofereceu-se-lhe o livro de Balfour. Necessariamente luziram-lhe os olhos e a lagrima do retorico deslizou-lhe pela face. A obra de Balfour é esforço de um quazi místico anglo-saxonio, tipo heriditario de familias dedicadas ao sacerdocio; já se sabe, da classe dos espiritos da ilha convertida á fé cristã e profundamente votados á gloria da *english speaking race*. Místico, mas pratico. Como já disse uma vez, os misticos dessa natureza uzam do espirito relijioso como os industriaes utilizam, na mesma ilha, o vapor e a electricidade, ou como os do tipo de Cecil Rhodes se servem da patifaria combinada com a relijião, isto é, — do mercantilismo ou da *bribery* consorciada ao Evangelho. Seja, porém, como fôr, o livro de Balfour assenta inteiriço no idéalismo e na influencia de um Deus independente da materia, na ação direta da Providencia e, portanto, na missão de homens e de povos. Ruy Barbosa, pois, escolheu esse instrumento eloquente de piedade para atacar a democracia na America do Sul, que tanto importa não perdoar-lhe os excessos, nem buscar esplical-os. Rezumiou a obra e incorporou-se a ella, chegando, no seu tripudio de idéalismo e unção relijioza, a fazer-se quazi espirita. Ora, ahi tem Ruy Barbosa balfourista, repelindo o agnosticismo e o sensualismo como cauzas da anarquia americana.

Não tarda, porém, a mudar de idéas apresentando o reverso da medalha. O orador pôde, emfim, regressar aos patrios lares. A mocidade da Bahia suspende-o á brilhante

tribuna das conferencias. Ruy Barbosa enche-se de alegrias cruéis e pensa em demolir o jacobinismo, couza aliás impossivel de existir, na fórmula classica, entre os povos da America. Nesse empenho esquece-se de Balfour. E a quem procura para desfechar golpes sobre o inimigo? A um agnostico determinista, a Taine, que esplica a Revolução como um cazo de patolojia social e o jacobinismo como a crize ou o momento agudo da terribilissima enfermidade. Realmente, não sei como se possa acomodar em uma mesma cabeça o providencialismo de Balfour e o desbragado determinismo de Taine.

Que querem? O senador da Bahia precisava de uma arma pronta para ferir adversarios; pouco se deu de manter a sua coerencia, e fez-se taineano como quem mais o podia ser.

Já as cartas cobre o Francia de Carlyle obedecem a sentimento e orientação diversos. Carlyle foi o mais genial dos idealistas, do paradoxo. O proprio Ruy Barbosa preveniu a mocidade das ciladas que esse espirito extraordinario arma aos incautos leitores de suas obras. Pois bem, Ruy Barbosa ou foi vitima de uma destas ciladas ou então confirma o titulo de *praxista conciente da incoerencia*.

Como póde ser isto? perguntou Raulino Palma, nervozo, quazi irritado.

— Como póde ser? Eu lhes esplico. Carlyle é um dos muitos agnosticos ou ceticos de *meia partida* que têm soluções de pura imaginação para todas as questões. Mais panteistas do que deístas, os dessa especie votam horror ás massas sistematicamente. Não ha espiritos mais rebeldes ao genio cristão, na sua humildade, mansidão e democra-tismo, do que os dessa natureza. A' sua linhagem pertenceu Schopenhauer e agora surge Nietzsche, que, como todos



sabem, sustenta que o cristianismo é a sistematização do sujo e da vileza e a expansão da alma escrava, a vitória democratica das faculdades animaes sobre as esteticas, de onde unicamente póde sair a civilização, está visto, pela seleção dos grandes homens, pro-homens ou genios derivados desses grandes carnivoros louros, oriundos do norte do continente europeu. Ora, ahi está a viela em que se meteu Ruy Barbosa. E tudo porque? Porque a sua questão é o triunfo retorico do momento. Elle necessitava provar que no Brazil a tirania não tinha sequer obtido um grande representante; então foi buscar nos arsenaes de Carlyle esse Francia, terrivelmente casto e friamente feroz, na sua missão de professor réjio do Paraguai, para representar, na lanterna majica da sua oratoria, uma cena de *tutú* ou de inapreciavel *Arranca entranhas*

E por hoje, meus amigos, creio que disse o suficiente. O tempo e as preocupações não me permitem ser mais prolixo. O proteismo, *grosso modo*, de Ruy Barbosa torna-se mais vizivel nos seus trabalhos como constitucionalista. Nesse terreno ainda hei de apreciar-o em rija palestra. Desta vez não é possível, porquanto seria necessario desparafuzar muitos dos seus aparelhos, que são pezados de mais para trazerem-se a uma conferencia. *Qui vivra, vera.*

Cosme Velho não foi aplaudido.

Na sala do hotel havia um piano forte. Fumou-se, tomou-se licor. O R. Barbalho passou ao piano. No fim de alguns compassos, o V. de Tambaqui aproximou-se intrigadissimo pela muzica.

— Que é isto? Não conheço. E' orijinal? Será Grieg?

— Isto é muito nacional: um trecho da *Iracema*, poema sinfônico que o Nepomuceno está compondo. Ouça esta parte e diga si já houve quem esprimesse melhor o marulho das ondas *dos verdes mares de minha terra natal*. E esta fuga da jangada, impelida pelo terral; e a barca-rola do pescador; e o vento, e a tempestade!? Um primor! Perdidos em alto mar: sublime! A parte lírica: a taba, o encontro de Iracema, o perfil de Poty, o pajé e a caverna, o segredo da Jurema: estes trechos todos não estão completos. Acredite, porém, que esta obra, logo que esteja pronta, fará uma revolução no nosso meio artístico.

1898, Setembro.

#### IV

#### SONHO CHINEZ—RUY BARBOSA: PROMETHEU

Grande movimento na estação central da Estrada de Ferro. Oito horas da noite, os globos elétricos inundam as plataformas de uma luz branca e muito intensa. Ha tonalidades nessa luz, sincopada por eclipses rápidos, que parecem soluços na claridade; e nas sombras, projetadas sobre o pavimento e sobre as paredes, julga-se sentir o efeito do luar das praias, em noites serenas, ou o alvorecer em dias lípidos de maio.

Quando Cosme Velho penetrou na gare, lembrou-se dos engenheiros a que se devem a vida e o movimento hoje observados nesse proprio nacional.

Conversando, então, com um que partia para São Paulo, ouviu-lhe estas palavras:

— Que magnifico prefeito daria o dr. Passos ! Em um ano elle teria encetado obras de asseio, de comodidade publica e de embelezamento da cidade, com tamanha precizão, que os seus sucessores não encontrariam geito de deixar de concluil-as. O prefeito do Distrito Federal deve ser um homem dotado de trez requisitos: enerjia, calculo e gosto artistico; na enerjia incluem-se a capacidade administrativa e o conhecimento dos segredos com que se quebram rezistencias; no calculo, a previzão dos recursos orçamentarios; no gosto, a cultura geral, a imaginação pratica e a esperiencia obtida na elegancia das grandes capitaes, onde existem obras de utilidade publica e monumentos architeticos. Ora, esse enjenheiro possui tudo isto. Não faz de Moizés, nem empreende mudar o curso natural dos liquidos, violando as leis da natureza; mas, em compensação, sabe onde piza, e quando piza, firma o que conduz.

Comprou a passajem, despediu-se dos seus, e, desinfetado, tomando o vagão-leito, não demorou em acomodar-se para dormir.

Dormir, sonhar, em quanto se transpõem distancias collosaes; que delicia e que fantastica realidade!

O leito estava fôfo; a temperatura, boa; a alvura do linho e o asseio dos accessorios convidavam-no ao repouzo.

Cosme é um grande dorminhoco; e dá-se por bem pago do que sofre, porque essa boa qualidade constitue uma bela valvula de segurança. Não sabe o que é insônia. Na idade média pintavam-na, como tambem ao pezadelo, com a fórmula de incubos tremebundos. As monjas, os frades moços e os poetas infernaes eram vitimas dessas entidades fantasticas; e muita lagrima derramou-se

por cauza de pezadelos. Hoje tudo isto corre por conta das nevroses e das dispepsias.

Quando o trem moveu-se, já Cosme Velho sonhava com a China de sorte que não teve tempo de observar o Rio de Janeiro, de estrada de ferro, em noite de luar, sob as boas promessas de um feriado, livre de trabalho.

O sonho que o dominou foi um tanto esquizito. Sonhava que rezidia em Pekin, e era feito mandarim de primeira classe. As unhas, que tinha sido obrigado, pela dignidade do cargo, a deixar crescer, eram tão compridas e retorcidas que não lhe permitiam coçar as costas, couza que para elle, constituia um gozo superno. Digo superno, porque, no Brazil, um homem, nas suas condições, não tem tempo para se mover, quanto mais para se coçar. E sempre em sonho,— elle, na qualidade de mandarim, fôra chamado a dar a sua opinião sobre a invazão que as nações tentavam contra o Celeste Imperio. A imperatriz Sy-Pay-Hen, apesar da idade, apparecia-lhe fulgurante de beleza, dessa beleza mandchú, que se não confunde com a amarelidão pergaminoza do tipo mongól feminino. A sua tez tinha a alvura do marfim transcendental, de que os artistas geniaes do Imperio do Meio tiram as estatuas de Buddha para o culto secreto da familia imperial. Dos seus olhos, ligeiramente obliquos, defluia uma luz tão intensa, que cegava; os labios, rubros como a laca da ponte sagrada de Kiang-Fu, riçavam um sorrizo quazi diabolico como o poeta do Ocidente não soube pôr igual na comissura do Satanaz do *Paraizo Perdido*. Na fizinomia divina ondulavam prazeres inestinguiveis; della resumbrava essa vontade potente, invejavel, que a marcha do espirito, orientado para o *Nirvana*, exalça em fulgurações capazes de subverter o mundo. Diante dessa figura

extraordinaria que lhe impunha ordens com o simples movimento do sobrolho, sentiu-se tão mesquinho, tão vil, tão ridiculo, apesar do tamanho das unhas tradicionaes, que se ajoelhou para beijar-lhe as plantas divinaes.

— Levanta-te, disse-lhe: os tempos são chegados. Desta vez os filhos do sol irão a Kamakura, e então Buddha nos dará a vara com que se ha de medir o mundo, pondo na terra os tribunaes que terão de julgar os piratas do Mar Amarelo e esses peiores varredores de nações, chegados de todas as partes do universo.

Embora mandarim, pôde lembrar-se do que significavam estas palavras da imperatriz. Kamakura é um povoado e um templo do Japão, e nesse sitio existe uma estatua colossal de Çakya Muni, que é uma maravilha. Os filhos do sol não perdoam a Nipon o possuil-a, porquanto esse idolo foi outróra arrebatado ao sólo chinéz, e as suas virtudes são tamanhas, que quando a terra treme, a estatua move-se e inflama-se de modo a ser vista de longes terras. Para os budistas chinezes a conquista de Kamakura importa o mesmo que para o cristão a conquista do Santo Sepulcro.

Elle estava em adoração diante da bela Sy-Pay-Hen. O jardim para onde ella o atraira palpitava de uma vida singular, estranha, oriental. Era noite; fazia luar. Os crizantemos suspiravam ao pezo do orvalho e desprendiam aromas embriagadores; das sombras, que sob a relva lançavam os tufos de arbustos floridos, saiam gemidos de aves noturnas, ás vezes crebros, outras, soluçantes.

Os seus cabelos eriçaram-se; pela espinha dorsal Cosme Velho sentiu correr como um aljido caroço de mercurio. A imperatriz olhou para elle, cheia de ternura

e piedade; e suspendeu-lhe a alma num raio celestial do seu olhar heroico.

Transformou-se, erijindo-se altivo, seguro do que diria si ella exigisse delle qualquer conselho. Sy-Pay-Hen fez, então, com o olhar um sinal de aquieciencia.

— Excelsa imperatriz, disse-lhe Cosme, depois de uma ligeira pausa, a minha opinião é talvez indigna de subir até aos vossos ouvidos, habituados a escutar sómente a poezia das alturas e a ciencia do invizivel.

— Fala, respondeu a divina creatura; fala, porque a minha serenidade é ampla, e póde acolher, sem indignações, o que por teus labios vai dizer Confucio. A sua doutrina cruel, materialista, é talvez mais pecaminosa do que a destes homens de cabelos dourados que nos surjem do Ocidente. Eu te escuto. Abre a boca e pensa.

— Senhora, quando o mandarim, que vos fala, vivia no corpo de um homem simples, e, perdido nas ruas de uma cidade do continente sul-americano, filozofava sobre as couzas deste vasto paiz, de si para si, teve mais de uma vez ocazião de dizer que os filhos do Celeste Imperio não haviam ainda entrado na historia do que então chamavamos civilização; mas que, quando isto se dêsse, o ruido seria tão grandiozo e terrível, que as aguas do oceano iriam subverter o pólo. Este momento, senhora, parece-me haver chegado: e aos vossos olhos não terá passado despercebido que as nações européas, em sua tradicional cegueira, apesar do que os seus mandarins têm escrito sobre a subversão dos grandes imperios e sobre as leis que rejem as deslocações da hejemonia humana, não vêem que são arrastadas pela politica internacional do espansionismo industrial para um verdadeiro Maelstroon, onde

os seus máos governos — não os povos — se afundarão aniquilados. Não é preciso ser sabio para vêr que os directores dessas nações estão a aplicar erradamente as leis historicas descritas por Montesquieu, autor que conheceis perfeitamente. Elles, coitados! — desgraçadamente para os que vão na guerra ser sacrificados, — elles estão a supôr que o cazo emergente singulariza-se numa simples reprodução do desmembramento do Imperio Romano, quando o mais inabil estudante de filozofia da historia sabe que a situação actual do mundo se oferece com uma feição inteiramente contraria á que teve a Europa nos seculos que se seguiram á primeira invazão dos barbaros.

O Imperio do Meio não vive como vivia Roma, e nem as nações europeas estão para a China na proporção moral e militar que os barbaros guardavam para com o imperio decadente dos Cezares. Basta este simples confronto para que se sinta logo a estupidez dos diplomatas occidentaes.

Elles começam por tomar a posição dos barbaros. Ora, não ha beocio, que, raciocinando dois minutos, não reconheça a posição falsa desses *barbaros civilizados*, que serão obrigados a recuar em suas pretensões espoliatorias, desde o instante em que sejam por sua vez coajidos, para manter a guerra, a pôr em pratica a *lojica dos barbaros*. Haverá ahí quem suponha que os europeus sejam capazes de marchar para o desconhecido com obstinação igual á dos selvajens que deceram sobre a Europa durante a Idade Média? Por certo que não. Isto seria simplesmente incompativel com os interesses economicos do mundo civilizado e com o estado cerebral dessa gente que se dirige ao Oriente. E' impossivel ao europeu re-

gressar ao estado da lojica animal: e para vencer, desmandibular o Imperio do Meio, seria necessario que, sem discrepancia, as nações occidentaes adotassem essa lojica de demonios, essa lojica de que tereis ouvido falar longamente a propozito dos poemas *Mahabarata* e *Ramayana*, dos nossos vizinhos bramines, onde cinocefalos, conduzidos pelos deuzes infernaes, devastavam rejiões inteiras, arrazando florestas, incendiando cidades e fazendo o Ganjes refluir até as suas orijens, pelo acumulo de cadaveres lançados ás suas aguas. Não! divina Sy-Pay-Hen; não! mil vezes não! A China não póde ser vencida; e o unico perigo que a deve preocupar é a ambição dos nossos primos, os habitantes de Nipon. Elles estão de posse de dous segredos: são brancos e são amarelos. Evoluíram, como se diz nas universidades européas; evoluíram da sua civilização, sem della perderem nada, até chegar á civilização dos brancos de olhos azues e cabelos de oiro. Mas... porque não querem que nós façamos o mesmo? porque esses orgulhozos nos espuzeram a tantas humilhações, surpreendendo-nos na paz divina dos nossos jardins? Corromperam-se talvez! Beberam demais na taça cheia de filtros e venenos que obtiveram dos occidentaes. Os japonezes, pois, são os nossos unicos inimigos. E' preciso vencel-os e então incorporados, os aziaticos, veremos como entrar no convivio universal.

De subito, Cosme interrompeu-se. A imperatriz, por um desses fenomenos de levitação tão comuns no Oriente, tinha-se erguido do chão e pouzára na corola de um gigantesco girasol. Os seus olhos despediam uma luz branca e eclítica como a do luar; doiam docemente na sua alma; e a sua boca abria-se como o lotus num sorriso de divindade bramínica.



Cosme tremeu. O sangue morno, que lhe percorria as veias, dulcificou-se, como se injectassem nellas o perfume do eloandro uzado pelas princezas de Kiank-Loh nos seus banhos deliciosos, ao pôr do sol, nas margens do rio Azul.

Sy-Pay-Hen, então, dirijiu-lhe a palavra num sorriso que faria, lançado ás flores, dezabrocharem todas instantaneamente, perfumando o ambiente de aromas loucos.

— Ministro da minha vontade, disse, tu adivinhaste; e tua alma penetrou, por certo, no meu cerebro, para que pudesses enxergar tantas couzas sutis e admiraveis. Nós precisamos avançar para Kamakura. Buddha nos aguarda para dar-nos a senha e o santo do futuro. Vou agir sobre os Sudras, e desde este momento o incendio se ateará nas almas dos patriotas da China. Olha; vê: sabes o que significa aquillo? E' o incendio de Pekin! Não fizeram igual os Tartaros de Moscow!? E os exercitos do Ocidente tinham á sua frente um general igual a Rama! Cairam. Cairão novamente. O Christo não vale Buddha; e Buddha transformará o Ocidente, fazendo que a corrução se infiltre, pela terra, através do granito e vá em busca do fogo purificador. Então a China, sendo o primeiro povo do mundo, fará a atmosfera humana tão diafana, que os máos pensamentos, ofuscados, darão á vida a sua verdadeira significação.

Cosme quiz beijar os pés microscopicos da imperatriz. Um raio de colera fuzilou-lhe no olhar: uma impressão dolorosa atinjiu-lhe a ponta do nariz.

Despertou, olhando através dos vidros do carro; o trem tinha parado. Vultos agitavam-se do lado de fóra na penumbra de uma luz mortiça. Uma voz gritava: Pindamonhagaba! Deu um salto e poz-se fóra do be-

liche. Clareava o dia; os passageiros, matinaes, começavam a preparar-se para a baldeação em Taubaté.

Defronte estremeceu a cortina adamascada, que encobria duas camas; Cosme ouviu estas palavras:

— Panchita, vamos decer ?

Era voz de homem. Panchita, nesse tom dolente de quem não quer sair do aconchego do leito morno, e com o qual o corpo já se acostumou; respondeu logo:

— Que horas são ?

— Seis. E' preciso prepararmo-nos.

O trem rodou; e daí a minutos as camas estavam desfeitas e transformadas em confortaveis assentos.

Panchita surjira, então, para mostrar, no seu roupão de viagem, que a sua voz doce e engraçada não desdizia de sua beleza de andaluza. Os olhos eram claros; tinham a expressão quebrada de uma languidez rizonha. Ao oval do rosto cinjiam uns cabelos negros crespos, flutuantes, coroados por um chapéuzinho de lontra que ia-lhe a morrer. O véu côr de roza desmaiada mal encobria a penujem do buço, sob o qual, de vez em quando, apareciam, no cacoête da garridice feminina, uns dentes alvos e petulantes que mordiam os labios para dar-lhes mais vermelhidão.

A voz mavioza e cheia de ciciados entreteve a curiosidade dos passageiros, tanto que o trem corria.

Algumas senhoras, receiozas e acanhadas pela falta de habito de viajar nos trens noturnos, disfarçavam a timidez, olhando para a paizagem, que se dezenrolava de um e outro lado da via ferrea. Todavia, logo que a andaluza trocava palavras de galanteio com algum cavalheiro menos puritano, ellas davam, entre si, sinaes de in-

telijencia, e num olhar de revés fulminavam-na com a mais soberana reprovação.

Nisto, topei com o engenheiro que me falara sobre o Passos, na estação Central. Saía do *toilette*, pronto para saltar.

— Já sei, disse-lhe, que vai vêr os trabalhos da Light and Power.

— Quero vêr para crer.

A maquina apitou. Chegavam.

O dia foi distribuido em Taubaté entre vizitas e passeios pelos arredores.

A' tarde, Cosme tomou o troli de um amigo e despenhou-se pela estrada de Ubatuba. Tarde tropical, limpida, serena; nem uma nuvem no céu azul de esmeralda; nem uma nuvem de poeira no caminho. Depois de uma hora de viagem começou o troli a subir a Serra do Mar, através de uma encosta muito acidentada, fendida aqui, ali, acolá, por fortes correntes de agua, que davam á rejião um aspeto abrupto, quazi selvajem. Os animaes suavam; e, apezar da pericia do cocheiro, uma vez por outra, o veículo tombava, pondo Cosme e o seu companheiro de viagem fóra dos assentos.

— Que bela paizajem, disse, lobrigando um pano de floresta alpestre que se dezenrolava ao longo da garganta por onde iam correndo.

A vejetação caía justamente a pique sobre a entalha, que o engenheiro fizera em terras marnozas, para dar passagem ao traçado da estrada. Para baixo abria-se um abismo verde-escuro, no qual a vista perdia-se, fluuando entre vertijem e admiração. Havia um rumor surdo e misteriozo de aguas que se precipitavam, rompendo pedras e obstaculos; e um efluvio fresco de aromas,

desprendidos das flores do manacá e do cedro, balsamizava o ar, completando o prazer que aos viajantes causavam tão belos aspectos da natureza.

Ofereceu-se-lhe, então, fazer uma observação.

— Eis um terreno que nos explica como os boers puderam produzir tamanhas complicações na guerra do Transvaal. Ora, imagine você que nós somos aqui a artilharia inglesa e que os amigos de Krujer acham-se escondidos por aquellos flancos de montanha, orientados em varias direções. Acredita você que nós com toda essa artilharia pudéssemos escapar á pontaria dos habeis atiradores ? E as carretas, os reparos e os caminhões ? Onde iriam parar, atravessando uma senda pedregosa e tão estreita como esta, si os animaes disparassem assombrados nestas tortuozas veredas por uma artilharia sempre oculta ?

Mal terminadas estas palavras, o troli adornou sobre um grande buraco, onde ainda havia vestijios de lama das ultimas chuvas. Apearam-se, e, emquanto o cocheiro aliviava o veículo, seguiram a pé, em busca de terreno menos acidentado.

A fazenda para onde se dirijiam, fica a tres leguas de Taubaté. Escurecia. Transpuzeram a porteira que dá ingresso para a especie de parque, em que estão assentes a caza de vivenda e as maquinas de beneficiar café. A' porta central da caza senhoril achava-se o proprietario, homem carinhoso e distinto, o qual recebeu os hospedes com um abraço muito afetuozo.

Reduplicaram os requintes de acolhimento desse bom amigo. Conversaram, todavia, ligeiramente e, com sua permissão, recolheram-se ao confortavel apozeno que lhes era destinado. Cosmé estava um tanto fatigado do

corpo e do espirito. Não tardou em ferrar o sono. Desta vez o dormir foi tão calmo e profundo que não sonhou; mas, por volta de cinco horas da madrugada, despertou e não conseguiu mais reconciliar o sono. Então poz-se a matutar; e daí a pouco o pensamento, dissoluto, insobrio, como um cavalo em liberdade, depois de larga reclusão, começou a galopar em todas as direções, nitrimdo, lançando a crina ao espaço, escouceando.

Levantou-se, acendeu a vela que estava sobre o criado-mudo, e numa tira de papel, poz-se a tomar notas a lapis.

Sobre que havia de ser? Um projeto de artigo para o *Jornal do Comercio*. Depois, no Rio de Janeiro, completaria as suas idéas, lendo Boutmy, Freeman, Taine, Gneist e Jusserand, sobre a Inglaterra.

Escreveu: "Comentario a um telegrama de lord Salisbury."— Diz o lord que não ha duvida de que uma acirrada anglofobia percorre o mundo.— De quem a culpa? De onde vem o mal? Será infundado esse sentimento? Será inveja? Estupidez das nações chamadas inferiores?— Nada disto...—Cauzas de impopularidade do atual organismo politico inglez: I. A Inglaterra divorciou-se do espirito dos seus melhores filozofos. II. As suas tendencias expansionistas estão de acôrdo com o *Leviathan* de Hobbes (*homo hominis lupus*), mas nada tem de comum com a moral de Bacon, de Hamilton, de Adam Smith, de Stuart Mill, de Spencer. III. A nobreza, associada á *gentry* e aos industriaes, perdeu o seu prestijio historico; degradou-se no mercantilismo; as bulas que espede não são mais do quilate da Carta de João-sem-terra. Ella dissolve-se gradualmente e torna-se imprestavel como o sacco de aveia em que ainda hoje senta-se o

*speaker* da camara dos Lords. IV. A moral ingleza perdeu o perfume biblico. O *não matará*s transformou-se no *make money, by God*. John Bull, Armstrong, Cecil Rhodes & Company... V Incomportabilidade da ilha. Necessidade de alimento. Insuficiencia da propria caza. Quem não produz para comer, aparelha-se para matar... *et le reste*. VI. Judaismo bancario. A cambial, não como instrumento de credito e de permuta, mas como ficha de jogo e...

Ia Cosme escrevendo estas palavras quando reparou que o dia principiava a clarear. Ergueu-se e abriu a janela, que dava para o jardim. Um jato de luz matinal penetrou no apozeno; e do jardim, ao lado, soprou uma arajem fresca e aromatizada pelos efluvios das rozas e dos jasmims que dezabrochavam. Vestiu-se ligeiramente e saiu.

Os primeiros raios do sol iluminavam as montanhas circunjacentes com uma luz sanguinea, entremeiada de laivos de ouro. Num pano de floresta, ao lonje, o céu recortava-se em téla de azul intenso como bastidor de teatro. A eira animava-se com o movimento dos colonos. A maquina silvava, desprendendo a primeira carga de vapor; e um ruido surdo, como de gigantes que viessem decendo alguma grande escada de madeira, enchia a amplidão; eram a roda d'agua que trabalhava e os aparelhos de beneficiar café que se moviam lentamente.

Tudo isto, Cosme observava de uma varanda coberta de parreiras. Deceu para o jardim, fechado por quatro estensissimos renques de bambús; e, ao som festivo da passarlhada, que esvoaçava sobre os pecegueiros e laranjaes, passou a discorrer pelas aléas floridas, aspirando o aroma das rozas e dos araçás que maturavam.

Deliciosa manhã ! A imaginação calma, sorridente, cheia de frescor, poz-se logo a crear mil situações agradáveis ao seu amor proprio e as suas nunca satisfeitas aspirações de esprimir as couzas com vigor.

Ao contornar um renque de jaboticabeiras, deu de face com um monjolo, essa curioza armadilha inventada para economizar o esforço do homem, a qual, segundo reza a cronica, fôra introduzida em S. Vicente por Braz Cubas. O monjolo estava coberto de lôdo e liquens; tinha sido abandonado. Pareceu-lhe o cadaver de um velho, que outr'ora despendera grande soma de atividade e que por isso agora encontrava-se decrepito e desprezado. Nisto, ouviu uma voz que lhe falava; voltou-se: era o proprietario, que empreendia a primeira inspeção do serviço das maquinas.

Um moleque o acompanhava, trazendo uma bandeja com duas chicharas de café e biscoitos. Injerido o saborozo nectar, como o chamam os poetas, saíram do jardim e seguiram para a caza das maquinas. Em caminho viram passar uma matilha de cães atrelados, que o guardador dos cavalos levava para o pasto da fazenda.

— Vão ser curados, disse o fazendeiro. Precizo fazer por estes dias uma batida de catetos; e, si quizer acompanhar-me, venha do Rio, o que será um imenso prazer para mim.

Cosme não poude aceitar o convite. Por algum tempo esteve a observar a faina do serviço; e, logo que se sentiu cançado, voltou ao quarto pensando em continuar as notas.

— Não, disse consigo mesmo. Vamos afinar os nervos num banho de cachoeira; e assim fez. Estava, porém, escrito que elle, naquella manhã não escreveria mais; e

de feito, apenas se dispunha a pegar de novo no lapis, chegaram jornaes de S. Paulo, cuja leitura o absorveu até á hora do almoço, que foi por volta das onze.

Fome negra; appetite devorador; acepipes paulistas, muito adequados ao paladar de um neurastenico. Comeu como um alarve; e mais teria comido, si á meza não houvesse encontrado, além do amigo que tão gentilmente o hospedava, um frade austriaco que viera desobrigar os colonos italianos da fazenda, e o administrador da fazenda, pessoa viajada e de conversação facil, que, emquanto injeria os alimentos muito vagarosamente, ia propondo cazos intermeiados de gostozas anedotas.

Falou-se depois em politica, passou-se á lavoura, ao cambio, aos preços correntes do café.

Terminado o almoço, foram todos para a varanda fumar e fazer o quilo. O relijiozo meteu as mãos nas mangas do burel, inclinou-se humildemente e foi tratar das suas confessadas.

Uma vez repoltreados em boas cadeiras de molas, recommçaram a palestra. Cosme narrou as suas impressões do Rio da Prata. Descançando o almoço, saíram, então, a cavalo, a percorrer os vastos cafezaes.

A' tarde, Cosme Velho voltou de troli para Taubaté. Durante a viagem preocupou-o um pensamento de Jonh Morley, colhido no seu ensaio sobre Machiavel: "A concepção moderna do Estado tem gradualmente transformado este, numa pessoa moral capaz de direitos e de erros, exatamente como os individuos que o compõem". Não será possivel restringir a ação malefica dessa pessoa juridica de direito publico chamada Estado, de modo que os seus vicios deixem de ser os dos estadistas



que ocasionalmente com ella se identificam ? A solução dessa pergunta seria desenvolvida no n. VII do artigo projetado.

A's 10 horas da noite tomou o trem noturno. As cojitações, a que se entregou, antes de adormecer, não dezembrulharam o problema que a si mesmo havia proposto.

Na estação central, ao desembarcar, topou com Brazilino Dias. Vinha de uma excursão á Minas.

De bondinho, seguiram para o centro da cidade, juntos.

— Tinha que te falar.

— Estou muito fatigado. . .

— Jantaremos hoje nas Laranjeiras.

— Aceito ; contanto que não trates de negocios.

— Pódes ficar descançado.

— Conheço-te.

A conversa enveredou, todavia, pelo caminho da politica e caiu na alta do cambio. Brazilino tem a respeito de finanças teorias extraordinarias. Do cambio declinaram as suas considerações para a critica das idéas de um personajem celebre nesse assunto.

— E' verdade ? Quando temos a conferencia sobre Prometheu.

— Apenas estejam concluidas as obras do teu castelo.

— Porque não a fazes hoje ? Adia para a inauguração do *chateau* a conferencia sobre o Brazil-Imperio.

— Estás me saindo um refinado inteletual.

— Pois então até á noite.

E separaram-se no largo de S. Francisco de Paula. Durante o dia, Cosme Velho vagou pelas repu-

blicas de alguns deputados do norte, seus amigos. A's sete da tarde tomou o bonde das Laranjeiras.

Brazilino recebeu-o na biblioteca. Aquella hora estava examinando um Barlœus que lhe custara a insignificante quantia de um conto de réis. Faziam-lhe companhia Carlos de Louvet, João Rivas, Raulino Palma e mais alguns intimos.

Brazilino deu, em poucas palavras, o plano de um discurso.

Na sua opinião, Ruy Barbosa era uma das forças da natureza. Ha, porém, forças benéficas e maléficas. Ruy Barbosa é uma divindade saturnina. Creado nas sombras do Averno, parece ser o irmão mais moço das Eumenides. O Brazil, na sua imaginação é torvo, tetrico, pavorozo.

Cosme Velho riu da idéa extravagante de Brazilino. Não era exato que o nosso primeiro orador, o nosso primeiro constitucionalista, fosse uma divindade subterranea. O Ruy que todos conhecem é apenas um Titan. Nada, porém, de humano lhe é estranho.

— Farei a conferencia, disse Cosme Velho, estudando esse homem nas suas deliquencias de politico e no titanismo do jurista. Falarei do Prometheu indijena com toda a franqueza de que sou capaz.

— Esgota a mitolojia, si te parece. Não esqueças, todavia, que esse Titan suspeita ser a encarnação da Republica.

— Talvez. O seu pecado, porém, orijina-se do mesmo erro de que foi vítima Luiz XIV. O publicista brasileiro supõe que a Republica tem segredos de estrutura só accessiveis á sua privilegiada intelijencia.

— Não te esqueças do arrebatamento do fogo sagrado. O nosso Prometheu abuzou desse triunfo. Lembro

oportunamente que o marechal Deodoro tomou-lhe o facho e apagou-o.

— E também, surjindo a revolução, o eminente orador, versado em historia como é, pensou na conspiração de Catilina; mas o olhar de Cezar era vesgo nesta ocasião para a maré montante. Estava escrito, todavia, que as ocilações desse espirito fariam d'elle um Catão.

Quem era, emfim Prometheu ? Eschylo nos descreve um Titan, que, tendo auxiliado a Jupiter a desbaratar os gigantes, desgostoso, em razão dos ciumes que a sua intrepidez despertara no Olimpo roubara o fogo celeste para com elle apresentar os homens. O rei dos deuzes, não suportando o crime horrendo, encarregou a Força e a Violencia de acorrentarem o precito ao Caucazo, onde um abutre roêr-lhe-ia o figado por toda a eternidade. Mas Prometheu, um obstinado, desvia as lamentações das Oceanides, que o consolam, e as objurgatorias do Oceano que conspira contra Jupiter. A colera do Titan recrudece. Vomita ameaças terriveis contra o soberano dos céus e sublinha que o seu suplicio não tardará em converter-se na subversão da tirania. Jupiter, então, preocupado com o misterio daquela fraze, envia Mercurio para que perscrute toda a verdade. Autoriza-o a libertar a vitima, desde que esta revele de onde vai sair a conspiração. Prometheu, porém, recuza; e, num cataclisma, subverte-se com o rochedo, onde jazia acorrentado.

Por esta ligeira espozição da tragedia de Eschylo vê-se a parodia do Prometheu da Republica brasileira. Ruy Barbosa copia aquelle orgulho icoercível. As lamentações da imprensa são tão bem parodiadas. O Caucazo é que não parece o mesmo, na mitolojia e na lenda. Jupiter é a Republica. Mas o fogo sagrado ?!

Esse facho fulgurante que faz todo o seu orgulho ? Acazo elle o foi buscar na America do Norte. . .

Prometheu-mirim, compenetrou-se um dia de que só elle tinha o segredo do misterio encerrado no art. 72 da nossa Constituição.

— E' isto o que se chama lojica triunfante, lojica infernal, com apoteoze no ultimo ato ! disse J. Rivas.

— Recordemos como os feitos do marechal Floriano foram pulverizados pelos argumentos plutonicos de Mercurio.

— Não leram *O estado de sitio* ?

— Este livro tão aplaudido, é o monumento mais completo de de sofisticaria humana.

— Caro amigo Cosme, ponderou Carlos de Louvet, você não tem topete para proval-o.

— Não me proponho provar couza alguma. Aponto com o dedo os fatos, que são do dominio da psicologia; e depois cada um faça o juizo que entender. Uma questão de metodo. Ha metodos para tudo, até para provar que não se tem razão. E' preciso muito talento para empregar o raciocinio no intuito formado de não chegar a nada, isto é, de não se deixar cair numa conclusão positiva. E' a isto que os sertanejos matreiros de minha terra chamam guardar o salto do camarão.

Tenho alguma pratica da vida e por isso posso hoje comparar alguns aspectos da existencia humana e especialmente da atividade psiquica. Ora, como creio que as faculdades do jurista procedem da mesma força genitriz de que provêm as do medico, as do padre, as do artista, as do comerciante, as do navegador, as do inventor, penso que os processos empregados por essas atividades são identicos; portanto para criticar as manifestações daquella atividade

juridica basta conhecer um pouco a natureza da energia mental do homem.

Examinando os trabalhos juridicos de Ruy Barbosa, vario apenas de materia, isto é, passo dos processos de critica literaria para o campo da legislação e analizo os instrumentos com que o jurista a aplica ou a interpreta.

Si bem me lembro, Kant, na introdução da sua *Critica da razão pura*, proferiu uma sentença atarrachante, proclamando que as corporações universitarias, em regra, só cuidam de dificultar a ciencia, com uma tecnica obscura; para não perderem o prestijio com a divulgação das verdades scientificas, acrecenta elle. Não ha ciencia transcendental. Tudo é acessivel ao vulgo. A questão rezide em simplificar-a identificando-a com o senso comum. Mas a que ficariam reduzidos os advogados, por exemplo, no dia em que um Lycurgo se dispuzesse a promulgar um codigo do processo, em que os agravos e outros recursos obstrutores fossem reduzidos a expressão mais simples, de modo que todo mundo podesse requerer em juizo e defender por si as proprias causas ?

Ruy Barbosa, apesar do seu talento, ainda pertence a raça daquelles juristas e advogados, que pretendem conservar á rabulajem os seus fóros de ciencia, e que ainda sonham, engolfados na metafizica do direito, com as cebolas de um Egypto juridico-criptogamico.

Nesse grande orador ha o fenomeno de uma dualidade natural: elle não tem, primeiro, consciencia de que alguma coiza aje como divindade no seu organismo, e o dirije, *mal gré lui*, impelindo-o para rejiões que elle mesmo não sabe difinir; em segundo lugar, perfei-

tamente conciente, devorado e muitas vezes escruciado, como homem social, elle explora o talento, procurando tirar de sua expansão os maiores proveitos pessoaes, muita vez contra a propria sociedade, dominado, neste cazo, pelo mais feroz dos egoismos. Refiro-me aos seus instinctos filozoficos, de um lado; e de outro, á sua ambição de poder, fundada nos seus incontestaveis talentos oratorios.

Quanto aos instinctos filozoficos, devo dizer que Ruy Barbosa, pelo que sei de sua obra, não pensa atualmente, sem que o seu pensamento tome a fórmula leibnitzeana. Isto significa que elle, quer queira, quer não queira, ha de ser sempre o homem da harmonia prestabelecida, das idéas inatas e do individualismo idéalista; portanto, o eterno defensor ou o D. Quixote dessa liberdade abstrata, que, tomada ao serio por um fanatico, dá, quando nada, nas extravagancias de um Robespierre, que aliás o orador profliga, á custa de Taine, no seu celebre discurso pronunciado na Bahia.

Agora, no que entende com a sua ambição de cauzidico, vou, em traços rapidos, e para não mais me occupar com este assunto, descrever o que é Ruy Barbosa como jurista e advogado.

A sua obra, neste capitulo, não é uma obra sincera; e não é sincera, porque esse homem, quando pega na pena para escrever as suas alegações, só tem um fim, espantar, cauzar admiração aos ilustrados, e vencer a cauza que se propõe defender, custe o que custar. Quanto mais absurda fôr a téze, tanto melhor para os efeitos finaes. Ora, dado como verdade esse fato, que julgo muito difficil contestar, não ha quem desconheça que a obra juridica de Ruy Barbosa traz em si mesma o corrosivo que se encarregará de destruil-a.

Comprometo-me a não escrever outros dialogos sobre as novas grandezas do Brazil, si me convencerem de que não estou com a verdade.

Falou-se ha pouco n'*O Estado de sitio*, livro que foi publicado por alguns amigos do autor como homenagem ao seu enormissimo talento. Concordo na lejitimidade da oferta, quanto ao talento; nunca, porém, quanto a sinceridade juridica.

Sinão, vejamos. E para simplificar a minha demonstração, reduzirei estas observações exclusivamente ao topico principal do celebre petição de *habeas-corpus*, requerido ao Supremo Tribunal Federal a favor das vitimas dos decretos de 10 e 12 de Abril de 1892. Nesse topico o emerito advogado propõe-se provar a inconstitucionalidade do estado de sitio, decretado pelo marechal Floriano, naquella época, e a consequente competencia do referido Tribunal para cassar os seus efeitos pelo provimento do recurso.

Ruy Barbosa sabia que o primeiro sandeu, ao qual se fizesse ler o art. 80 da Constituição da Republica e os que lhe são referentes, zurraria imediatamente, escoicendo quem ouzasse transferir a competencia de que trata esse artigo para o poder judiciario, a titulo de censura ou de restauração de direitos individuaes desrespeitados. Pois bem: o advogado, ao penetrar no portico do Tribunal, disse comsigo mesmo:—E' clara como agua a materia de competencia; aqui está, entretanto, quem vai fazer com que se veja tudo escuro. Lançarei a duvida nos espiritos, cindindo as opiniões, perturbando a consciencia do maior numero, e, como satanaz, obrigarei a Justiça a me adorar no alto da montanha.

Eis o grande majico! A sua obra é uma bruxaria.

Infelizmente assim acontece. Esse homem é o que se pôde chamar um *rabula transcendental*, capaz de fazer passar um camelo pelo fundo de uma agulha. A sua astucia é tenebroza; a facinação retorica é igual á de Asmodeu.

Procedamos metodicamente.

Que é estado de sitio, segundo a nossa e as Constituições de que ella foi copiada? Estado de sitio é a faculdade, conferida pela nação ao Congresso, e, na ausencia deste, ao Executivo, sob referenda do primeiro, de empregar a coerção social, discricionariamente, afim de evitar que um grupo de homens em ato de guerra esterna, ou nacional, combinados entre si em rebelião tentem decompor a ordem publica, atacando direta ou indiretamente a organização politica estabelecida pelas leis fundamentaes. Dessa difinição rezulta que o estado de sitio traduz-se num aparelho unico, o qual, jazendo em repouzo, no seio da nação, só passa ás mãos do Poder Central para ser utilizado, quando necessario, por deliberação dos immediatos representantes da mesma Nação, o Congresso, isto é, pelo poder rigorozamente chamado politico, ou pelo seu delegado, no exercicio dessa função extraordinaria, o Prezidente da Republica. Esse aparelho, portanto, de sua natureza, é integro, incontrastavel, e representa a soberania na sua plenitude.

E não se pôde conceber em exercicio, senão pleno, desde que tal funcção tem por fim produzir a inibição pronta dos movimentos do inimigo da ordem interna e a instantanea paralização dos elementos congregados para dar vida a esse mesmo movimento. Nestas condições, pois, a jurisdição do Prezidente da Republica, no que entende com a declaração do estado de sitio, prorroga-se



até a reunião do Congresso, que o tem de julgar, — integra, intacta, inatacavel; e toda e qualquer interferencia no sentido de limital-a, é revolucionaria e atentatoria do dispozitivo constitucional.

Uma vez decretado o sitio, e consequentemente declarado que o cazo é de guerra esterna ou de rebelião, essa declaração *pro veritate habetur*. Póde não haver razão para que assim se pratique; mas o que é certo é que, pronunciado o fato, como existente, pela autoridade competente, cessa toda e qualquer outra jurisdição; e, no cazo de erro, emquanto o Congresso não se houver pronunciado, e contra a injusta pronuncia deste si por sua vez tambem errar, na questão de fato, só se conhece uma força contraproducente,—a revolução popular.

Pergunta-se: um poder da natureza do judiciario, capaz de errar como qualquer outro, — poder que não é politico ou de governo, no sentido restrito da palavra, nem delegação imediata da Nação, tem competencia, durante a vijencia desse estado de sitio, e dos seus efeitos lojicos, para, a titulo de ilegalidade, inconstitucionalidade, declarar terminado o ato de inibição dos revoltosos ou considerados taes, isto é, para conceder *habeas corpus* a taes individuos, porque pelo mesmo poder foi verificado que não havia rebelião e que aquillo a que se dava esse nome não passaria de um motim apenas merecedor da coerção policial ?

Creio que o menos versado em materia constitucional não ouzará dizer que sim. A noção é tão clara que espanta pensar-se numa solução contraria.

Ruy Barbosa, contudo, não se embaraçou em enfrenal-a; e com admiravel impavidez tratou de obscurecel-a; pensou em induzir o Supremo Tribunal em erro; e surra-

teiramente poz a sua eloquencia em movimento para provar que existe uma segunda instancia, quando se trata do exercicio da faculdade do citado art. 80 da Constituição.

Agora, vejamos qual o processo de que uza esse terrivel advogado, esse Carneades brasileiro para chegar á demonstração de que aquelle tribunal tem jurisdicção sobre esses atos de Governo, portanto, está superior a nação, como aquelle imperador da decadencia romana, que, declarando-se iminente a todas as gramatices, fez a palavra *chrisma* passar ao genero feminino.

I. *Desvio de atenção.* — Processo de La Rochefoucauld.

Ruy Barbosa dilue a noção central dos seus escritos em noções lateraes e minusculas. O leitor ou ouvinte esquece-se daquillo que constitue ou deve constituir a essencia da argumentação; e, arrastado habilmente por considerações secundarias, aliás evidentes, só no fim do discurso vem a tomar conhecimento da materia principal, quando já está fatigado, para não dizer embrulhado, e acaba capitulando. O argumento é, então, forçado, do mesmo modo que a carta de baralho, que o prestidigitador insinúa nas mãos do espectador.

II. *Acumulo de citações, de fatos, ou de topicos.* — Processo de Taine.

O orador conta com o dezanimo do leitor ou do ouvinte. O argumento principal já foi desviado. Restam os particulares. Que faz o majico? Começa a desfiar methodicamente e sobre cada propozição parcial uma verdadeira poliantéa juridica. Compreende-se que no fim de vinte pajinas de brilhantes citações de autores, em parte pouco conhecidos, que dizem o mesmo que o orador, não ha quem tenha corajem de levantar o cartel de erudição,

principalmente porque seria preciso que o objetante realizasse trabalho identico. E quem é que hoje se abalança a isto? No fim, o leitor só tem um recurso: é fugir como os inglezes diante da multidão dos Boxers, na China.

III. *Ocultação do conjunto das idéas do autor citado.*

— Processo das antigas sabatinas.

Ruy Barbosa cita o util sómente; despreza as restrições do autor citado, quando muitas vezes essas restrições acabam tirando toda a força ás proprias concluzões.

Não é raro que isso se verifique e incontestavelmente se dá, quando o trabalho é feito ás pressas. O espozitor não teve tempo de lêr o autor inteiro, e de tomar-lhe a substancia. Adivinha-o. Encontrando o topico que lhe serve, cita-o sem verificar os antecedentes; e então sucede algumas vezes que esse topico não é do autor consultado, mas de outro a quem o proprio vai na obra refutando.

Nem todo o mundo é Michelet.

IV. *Refração do pensamento.*— Processo antiquissimo da Escolastica.

Consiste em fazer passar principios verdadeiros através de idéas falsas. Ruy Barbosa é mestre nestas artes. Chama-se a isso abuzo de dialetica. A inteligencia mergulha como o olhar através de vidros diversamente facetados; e o objeto de que se trata surje no pensamento com fórmias as mais extravagantes, sem que se possa negar a realidade do objeto.

Si quizesse utilizar aqui o sistema do orador baiano, eu citaria para ilustrar a minha teze uma recua de psicologos. Basta, entretanto, para verificar como se pôde cair nessa enfermidade, basta lêr a *Inteligencia*, de Taine e *As iluzões dos sentidos e do espirito*, de James Sully.

V *Hipocrizias do estilo*. — Processo de Cicero.

Este processo de nada vale, quando o orador não tem talento. Mas, quando o tem, é perigozissimo, maximé, empregado diante das multidões, propensas sempre á loucura coletiva. Ruy Barbosa é grande no patetico. Representar uma tragedia, quando se trata apenas de provar uma verdade juridica, não se pode dizer que é um ato de má fé. Mas, é um artificio que Dante puniria, no seu Inferno, com penas atrocissimas.

São estes os principaes recursos,— porque ha outros, —de que o nosso Davenport judiciario se serve para conseguir os efeitos oratorios que tão profundamente têm impressionado o publico fluminense.

Qual o meio pratico de desmontar o *truc*? Esse meio é muito simples, e está ao alcance de qualquer amanuense de literatura. Faz-se o rezumo, esqueleto ou, o que é melhor, o paradigma do artigo, discurso, arrazoado, calcando-o sobre as propozições e sobre as clauzulas contidas substancialmente nessas propozições; depois ajustam-se estas ás concluzões. Isto feito, procede-se, então, como em demonstração geometrica, por superpozição. Pega-se no trabalho em questão e sobrepõe-se o mesmo ao paradigma aludido. O que fôr superfluo e o que fôr estranho á materia discutida ficará necessariamente fóra do paradigma; aquillo, porém, que restar incluzo, o reziduo da operação, constituirá a substancia do discurso,— a sua realidade.

Nada mais facil do que essa operação.

Operemos sobre o topico do *Estado de sitio*, que escolhi para experiencia.

Esse trecho da celebre petição, redijida pelo advogado Ruy Barbosa, occupa no livro aludido treze longas pajinas (de 28 a 40). Pensam os meus bons amigos que

estas treze pajinas tratam da função do Supremo Tribunal, como segunda instancia em matéria de estado de sitio? E' um engano: nessas pajinas o advogado, propondo-se demonstrar a realidade dessa jurisdição, chove apenas no molhado; define, com as constituições federaes de outros povos e com a opinião dos autores, o que seja estado de sitio; confronta as definições com o fato arguido de ilegal, (o que se não põe em duvida); e quando sente que o leitor está bem saturado do que se apresenta em fileiras cerradas como argumentos a favor da sua téze, sae, no fim, como uma verdadeira escapatoria.

Parece incrível; mas é a verdade. Durante doze pajinas Ruy Barbosa cita: Elizalde, V Alsina, Rawson, Irigoyen, Alvear, Alcorta, as constituições do Chile, da Argentina, do Uruguai, de Venezuela, da Bolivia, dos Estados Unidos, Quintana, Tejedor, Clitarcho, Lonjino e até os javalis de Erimantho; para que? para provar que o sol nasce ás seis horas e recolhe-se a igual hora, isto é, para fazer-nos cientes de que a medida do estado de sitio só DEVE ser tomada, quando se verificam as condições legaes. Mas isto, quem é que põe em duvida? Ou estou dormindo, ou então o advogado me hipnotizou; porque o que eu esperava era que elle provasse em como o poder politico não PÓDE declarar o fundamento da sua resolução fóra de qualquer estranha interferencia, competente para o *empeachment* ou para a censura juridica de efeitos equivalentes.

Sabem os amigos como Ruy Barbosa liquidou essa *horrida questio*? Liquidou-a com este argumento catastrofico:

“As prizoēs politicas, que já fizeram no Congresso

onze presos, porque não farão amanhã, neste Tribunal os que convier ?

“Si recuardes ante este absurdo, haveis de aceitar a concluzão de que, quando o estado de sitio se estabelece em condições, que não satisfaçam á lei constitucional, o *habeas-corpus* é o paladio da sociedade ameaçada pela tirania.”

— Bravo ! Aperte estes ossos, sr. advogado . . .

Isto é que se chama, além de tudo, saber historia, e tambem conhecer a psicologia dos tiranos. Leia Alfieri e La Boetie.

Neste ponto, da palestra Carlos de Louvet ponderou :

— Amigo Cosme Velho, não haverá tambem neste seu modo de vêr alguma refração psicologica ?

— Não o ponho em duvida, disse o outro ; emquanto, porém, não m’o fizeram ver, vou mantendo a convicção de que o Ruy é um rabula genial. Si elle se dedicasse a escrever obras no genero do *Paradoxo*, de Lolié, ou do *Manuel do demagogo*, de Raul Frary, não nos faria tanto mal . . . Olhe : Ruy Barbosa tem um sestro que é preciso que lhe tirem—o da *Justiça*. Esse grande brasileiro deixou-se dominar pela idéa de que a *Justiça* de hoje ainda é aquella *Themis* de olhos vendados, que nos deram como emblema dos estudos juridicos na Faculdade de Direito do Recife. E’ a tal concepção da justiça mitolojica de Leibnitz, de que o jurista baiano ainda não se libertou. Dai todos os seus raptos de eloquencia relijioza e exortatoria sobre o direito e sobre a violação da virjindade da Constituição dessa Republica que elle já vai confundido com a Monarquia liberal.

E’ talvez o seu Caucazo, e não sei si será, um dia, o seu Ocazo.

Terminou a palestra ás duas horas da tarde. Cosme Velho foi dormir á sésta. No dia seguinte, Brazilino Dias, disse-lhe que não faria mais a conferencia prometida, e que todos estavam á espera da sua sobre a *Utopia*.

1900, Julho.

## V

### MOSCAS E ARANHAS

Havia grande ajuntamento á porta do Teatro Lirico.

Do lado da rua da Guarda Velha trilavam apitos; e o povo inquieto, por grupos de turbulentos, ora concentrava-se junto ás entradas do edificio, ora espalhava-se levantando o alarido das multidões insofregas.

Seriam oito e meia da noite. Estava anunciada a exhibição por amadores de uma peça do dr. Agrippino Simões. O tumulto, de certo, não tinha relação com o espectáculo que se ia dar; todavia, era estranho que a policia, até áquelle instante, não houvesse consentido que o publico penetrasse no saguão do teatro.

— Mataram um homem, disse alguém que ficava perto do recanto para onde tinham-se abrigado, Cosme Velho e João Rivas.

— Ah! vem cavalaria! gritou um popular.

— Não estamos bem neste lugar, ponderou Cosme ao companheiro.

— Quer saber você qual o meu sistema quando o povo se revolta? Não me movo. E' inutil procurar a

gente dirijir-se no meio de movimentos incertos e cuja origem desconhece. Nestes cazos é que se applica bem o lema dos fiziocratas: *laissez faire, laissez passer*. Quem póde rezistir á ação molecular? *J'y suis, j'y reste*. Esperemos.

Com efeito, de onde se achavam viram um reboiço estranho na multidão: gritos, berros, corridas dezencontradas e, por ultimo, fazendo um grande vazio em torno, passaram duas praças a cavallo, em disparada, brandindo espadas.

Que houve? Ainda se está por saber verdadeiramente. Os jornaes do dia seguinte relataram o caso de um repto de duelistas feito á porta do teatro.

— Ora, ahí tem você, disse João Rivas, como se evita o couce da multidão.

Penetraram no edificio e foram logo tomar varandas.

O salão começou subitamente a encher-se. Dez minutos depois estava repleto. Caza esplendida.

No semblante de algumas senhoras notavam-se ainda vestijios do susto por que haviam passado.

João Rivas corria com o binoculo os camarotes. Como se demorasse o levantar do pano, passaram a comentar os acidentés personalissimos dos espectadores; em termos uzuaes — exerciam a função inocente da *tezoura*.

A *élite* fluminense ali estava, com raras exceções de seus representantes, para ser submetida á exejze do nosso privat-docente, cujo pessimismo, depois do seu regresso da Europa, já fez dizer álguem que não consentiria que seus filhos lá puzessem os pés.

— Como tudo isto é pequenino e *écœurant*!

— Pois, meu caro, sinto declarar-lhe que estou des-



lumbrado. Não deixo, entretanto, de confessar que ha muito tempo não assisto a espetaculos; talvez por isto é que o de hoje parece tão capitozo. Que quer? Matuto na praça fica todo aparvalhado.

— Olhe quem aparece naquelle camarote da direita. Um, dous, tres imortaes. . . Já temos imortaes, sem que o Brazil tivesse creado a sua immortalidade como nação. Isto chama-se o carro adiante dos bois: a função antes do órgão; o filho gerando o pai.

— *Proles sine matre creata!* Diga que não me oponho.

Com efeito, no camarote indicado apareciam Machado de Assis, o Visconde de Taunay e Lucio de Mendonça, que vinham representar aquelle Instituto na festa artistica com que Brazilino Dias brindava o povo da Capital.

No da imprensa notavam-se os jornalistas do dia em amistoza confabulação. Seguiam-se: o Centro Artistico, diversas associações e academias, brilhantemente representadas, a quem Brazilino oferecera lugares de distinção. Os demais camarotes, que tinham sido distribuidos com fim humanitario, eram ocupados pelo dinheiro e pela beleza.

Cosme, á proporção que ia vendo e analisando as *toilettes* das senhoras, soltava uns gritozinhos de admiração, que, de mais em mais, contrariavam o pessimismo de João Rivas.

De fato, ou elle estava nessa noite sofrendo de daltonismo inverso, ou força era confesar que o Rio de Janeiro progredia em graça e em beleza.

Num camarote perto de cena entrara uma familia desconhecida. Matrona respeitavel, de cabelos de

prata e pena de marabú, em tope, trajando severo vestido de veludo, entregara a capa ao *groom* e sentara-se em uma das cadeiras do fundo. Precedera-a, tomando assento mais á frente, senhorita de prováveis 19 anos, morena, dessa côr morena do jambo, que os poetas nacionaes tanto hão celebrado. Lijeira ajitação adelgaçava-lhe as narinas, dando-lhe o aspecto de uma veadinha assustada. O seio arfava; as flores do *carré*, que o cinjia, tremiam como si a arajem dos jardins suspirasse desfolhalas. Subito ergueu-se e veiu encostar-se á balaustrada carmezim. Era um soberbo especimen da fauna nacional. Uns lonjinhos laivos de sangue africano carregavam essa feição de tonalidades acres, porventura de uma obtuza sensualidade, que se traduzia nas flechas despedidas por olhos lijeiramente obliquos e orlados de grandes e negros cilios. A estatura não era alevantada; mas o porte tinha alguma couza do impeto que os pintores figuram em Cleopatra. Labios rubros e grossos; talho da boca irritantemente circumflexo; cabelos retintos, amplos, ondulados. A curva e a flexão do dorso acentuavam a soberania, a que, segundo parece, essa menina não era indifferente, pois em seu gesto havia um tic de atrevimento alegre e espontaneo. Ao pôr as mãos, abrigadas por umas luvas *gris-perle*, cujos canhões perdiam-se em lijeiras rugas na curva do antebraço, houve na sala um movimento de curiosidade. Percebendo que era objeto desse indiscreto sussurro, a moça velou o olhar, instantaneamente declinou-lhe a projeção e foi perdêl-o, com brejeirice, nos olhos da matrona, que continuava sentada no fundo do camarote.

Chamou Cosme a atenção de João Rivas, que hoje se dedica á pintura com frenezi, e disse-lhe que naquelle

tipo rezidia talvez o *pendant* do quadro de Sergent, o exímio pintor norte americano.

— O *Idolo yankee*, quer você dizer.

— Sim. O tipo da mulher tal como ella exerce a soberania na alma daquella gente do setentrião; da mulher que eletriza os corações dos paes milionarios e funde em arrojio descomunal os dos jovens pretendentes. Não foi esse idolo que agora prezidiu ás inenarraveis vitorias de Uncle Sam sobre D. Quixote ?

— Idolo creado por corações feitos de dolars...

Cosme averbou João Rivas de suspeito. Todas as palavras que esse amigo despendia, obedeciam ao lema, de gregos e troianos conhecido.

— O meu rancor tranquilo contra a democracia !

Si o idolo norte americano não passava de extravagancia propria das épocas em que se erijem colossos á entrada dos portos, como em Rhodes, em Alexandria e agora em Nova-York, o que diria elle do idolo dos mestiços da America do Sul, fabricado de pedaços de tupinambás, de cabindas e de judeus de Portugal ?!

Era o cazo de seringar a saliva por entre dentes cortados em ponta a navalhadas, tomar o cachimbo e cair no fundo da rêde, dizendo: — Somos o maior povo do mundo, com o devido respeito á Abyssinia.

Taes conceitos de João Rivas quazi tiraram a Cosme Velho o gosto de continuar a assirtir ao divertimento.

A orquestra começava a desferir os primeiros acordes.

Brazilino Dias quizera que aquella noite fosse uma noite brasileira e por isso dera á festa carater inteiramente nacional.

Seguiu-se a execução do majestozo poema de Leopoldo Miguez, o *Prometheu*. O publico escutou-o, como

sempre, elevado pelo tropel de efeitos de harmonia, que constitue a alma dessa enerjica sinfonia.

— Quando Eschylo imaginou que a sua tragedia tivesse um éco muzical, em terras que então nem haviam sido sonhadas por Platão ?

João Rivas sorriu. O seu rancor anti-nativista, não obstante, rujia por baixo desse sorrizo implacavel, tranquilo, segundo a propria declaração desse gramatico-poeta.

Disse-lhe Cosme, então, que, si o seu cacoête, por um lado, cauzava assombro, por outro provocava em seu espirito irritação igual á que produz nos nervos o roçar de um canivete cégo em uma palha de coqueiro.

E' conhecido do publico o aplauzo desse amigo ás idéas manifestadas por João Ribeiro em diversos artigos publicados na *Revista Brazileira*. João Rivas como que anciava naquelle momento atirar sobre o seu otimismo um pessimismo incoercivel, já se sabe sómente no que toca á democracia americana e especialmente á brazileira.

O lugar não era o mais apropriado para discussões de tal natureza. Em se tocando nesse assunto, porém, é inevitavel entre os dois, o tiroteio e a luta de guerrilhas. O menos que faz Cosme nestes momentos é duvidar do seu real talento para a pintura e dizer-lhe, repetindo as palavras de Novicow, que o Guilherme II, com o seu darwinismo mistico, chegaria a constituir-se o chefe dos flibusteiros da Europa.

Voltou á mofina.

— Onde leu você este dispauterio ?

— Onde li ? Li na obra *Consciencia e vontade sociaes*.

— Ora, os Russos chegaram agora á filozofia... Isto é obra de cossaco.

— Ha de convir, todavia, que este cossaco tem parentesco com outros cossacos que andam a espantar o mundo com os seus livros extraordinarios, penetrantes e cheios de sujestão.

— Barbaros ! pouco diferentes ainda do que eram quando Pedro, o grande, pretendeu envenenal-os com o occidentalismo. Uns Ivans Terriveis mal descascados. . .

— Seja como fôr, o russo disse alto o que o bom senso já formulara *sotto voce*. O Im perador da Alemanha “está convencido de que a flibusteria internacional é a mais glorioza e a mais util das empresas”. E é devido á impetuozidade genial desse homem audaciozo, acrecenta Novicow, que a Europa não tem conseguido acelerar a sua marcha para a federação do continente.

Entretanto, você exulta diante dessa grandeza e não sei por que caminhos andou para chegar á concluzão de que a Alemanha, com sua enorme cultura e a sua teoria das raças, com a sua politica escapulida do direito internacional predatorio, apesar das lições de Bluntschli, está destinada a solenizar o principio do seculo XX com a inauguração do seu imperio científico e colonial. Mas neste ponto é que caberia badalar o celebre verso de Virgilio: *Maximum ab integro seculorum nascitur ordo*. A loucura da expansão achou por fim um salutar avizo na força nova que acaba de explodir nas Antilhas e nas Filipinas.

A conversa interrompeu-se. O pano subia. Fez-se silencio na sala. Começou a representação.

O cenario simulava uma floresta. Do lado direito havia uma clareira, no fundo via-se uma teia de aranha de proporções arquicolossaes.

— Ao que parece temos uma majica-bailado, disse João Rivas. O programa menciona *Bailado simbolico da Irrizão Eterna*.

— Desconfio que ha parodia de nefelibatas. Um homem de tão apurado gosto como o dr. Agrippino não se deixaria levar por escolas efemeras.

— Vejamos em que consiste a irrizão eterna dansada e gesticulada.

Relampagos, trovões, ruidos subterraneos. O palco escurece. Um golpe de luz eletrica, cuspidos de subito sobre a teia, ilumina a cena; surge uma aranha com o rosto formoso de uma atriz. Não é, porém, uma aranha vulgar. Luminoza, com antenas de ouro, traz ao pescoço um colar de dolars e nos aneis do ventre as côres azul e encarnada; o dorso é constelado de estrelas. O interessante personagem, vindo até a boca de cena, profere mais ou menos este discurso:

— Eu sou a aranha mais poderosa e bela desta vetustissima floresta. As minhas irmãs ainda são pequenas. Fazemos guerra a uns bezouros dourados que vivem em uma floresta negra, situada, muito longe deste reino. Ambiciosos, estes bezouros malditos atravessam os mares conduzidos pelos ventos e vêm fazer incursões nestas parajens, roubando-nos as melhores flores. Destruimol-os quando podemos. Vêde aquella teia: é construida da minha propria substancia; é uma teia adamantina. O destino que reina em toda esta rejião fez-me a fada deste bosque. Meus olhos luzem mais do que os dos outros; as minhas antenas multiplicam-se; a minha força chega a atrair o raio e subordinar todas as forças que rezidem neste sólo, nos regatos, nas arvores e nos animaes. Houve um bezouro que um dia pretendeu estabelecer-se como

rei na vizinhança; ajudei as aranhas minhas amigas a batalhar-o, e o bezouro foi devorado. Os instintos de taes insetos são incompativeis com a grande e saudavel floresta de Longfellow.

Segue-se uma valsa pela orchestra, de efeitos magicos, uma sorprendente onomatopeia. Ha na peça ruidos de locomotivas, silvos agudos de vapores, rumores surdos de multidões que aclamam. A aranha-fada executa um sólo caracteristico, no qual a ginastica toma o feitio coreografico. A atriz projeta-se em saltos mortaes de trapezios occultos pela folhagem, e, por fim, voltando á teia, emaranha-se nella, envolvendo-se nos fios em posições gracis e de prodijioza agilidade. De repente a acrobata de-zaparece; os fios da teia convertem-se em fios telegraficos e iluminam-se de fogos cambiantes. A orchestra rompe, então, num galope infernal. A floresta povôa-se de bufalos negros, perseguidos por indios apaches e delawares. Grande e fantasmagorica quadrilha.

Escurece. Rolam ao lonje descargas de canhões. Os caçadores limpam a floresta. Amanhece. Restabelecido o primitivo cenario, a fada retoma a sua teia. As aves gorjeiam. Uma orchestra de grilos e mosquitos começa uma sinfonia orijinal, que de repente se interrompe. Os passaros, atentos, dos galhos dos arvoredos espiam: uns gemem de curiozidade, outros pipilam amedrontados. Um zumbido, acompanhado pelos violinos, ergue-se, crece, crece ainda, aproxima-se, invade o ambiente e chega, por ultimo, como um ciclone em furia. Os contra-baixos vibram na orchestra; os metaes estalam; os timbales e os bombos ecôam com estrepito.

E' o exercito de bezouros que entra em cena. Dirije-o um coruscante general de azas azul-douradas, caval-

gando um inseto hipogrifo de côres metalicas; traz capote, uza armadura e apresenta-se á frente de escudo e de lança em riste. Investe contra a teia. Aria marcial; marcha; depois passo de carga.

A anciedade torna-se geral. As aves emudecem. A arajem cessa de mover as folhas do bosque. Como que ha uma paralizia universal. O exercito de bezouros cáe fulmiando; alastram o chão corpos inertes. A orquestra ajita-se em surdina. Só dous personajens se movem: o cavaleiro-bezouro e a fada-aranha. Enfrentam-se; o bezouro hezita, finalmente avança e emaranha-se na teia; a aranha, então, em golpes, decizivos, com olhos coruscantes, em uma beleza irradiada de fuljidos resplendores, enerjica, soberana, finca sete vezes o farpão dourado na cabeça do inimigo, que, instantaneamente morto, é logo envolvido em uma rêde inextricavel. Hozana! nos metaes da orquestra! Segue-se o hino triunfal. A floresta acorda e. . . principia o engrossamento da fauna e da flora circundante. O compozitor procura simbolizar esse movimento na polca carateristica das flores, dos insetos e dos lagartos, e termina pelo côro dos sapos e das minhocas.

— Aos vencedores, as batatas! diz João Rivas, rindo a bandeiras despregadas. Agora vamos ao maxixe.

A' sua intenção agressiva não correspondeu nenhuma cena posterior.

O pano baixou sobre o quazi silencio da platéa.

Durante o intervalo procuramos descobrir no semblante dos espectadores os variados sentimentos produzidos pela peça, pela muzica. Havia a mais completa reserva quanto ao exito da idéa. Apenas ouvi de um espectador, que se achava na minha frente, que aquilo quando muito seria excelente para crianças.



— E a muzica ? Mas a muzica é esplendida !

— O Alfredo Neoptolemo veio ainda uma vez provar o seu talento no genero sinfonico. Os motivos americanos mergulhados na ornamentação complexa do vagnerismo, excelente ! que técnica !

João Rivas calou-se.

Passamos a contemplar a fauna dos camarotes.

O *idolo brasileiro*, a morena de olhos espressivos, lá estava encostada ao balaustre em uma languidez tropical de estenuação artistica. Os olhos, todavia, lançavam chispas perigozas. A narina, adelgaçada pela emoção, traduzia o movimento revulsivo de quem busca subtrair-se a si mesma, repouzando em uma indiferença facticia.

Aurelio Nabor, no camarote do Instituto Historico, de pé, correto como um anglo-saxonio, percorria com os olhos serenos a confuza multidão. No seu semblante pouzara, entretanto, um gesto de franca reprovação á peça. Dir-se-ia que elle perscrutava nessa platéa variegada e de aptidões esteticas dissonantes algum pensamento oculto. A platéa era um cameleão: iludia-o. Só no quarto de dormir de cada espectador seria possível surpreender o verdadeiro sentido dos rumores que então se ouviam.

João Rivas saiu. Durante o resto do intervalo Cosme entreteve-se em ler o libreto.

Levantando, entretanto, os olhos notou uma circumstancia que lhe passara despercebida. Na primeira fila da platéa estavam sentados, juntos, Carolino de Louvet, Cosme Peixoto e Cosme de Moraes.

— Que estarão aquelles tres amigos ruminando, tão quietos e calados ?

Lembrou-se do que ouvira uma vez a Cosme Peixoto, relativamente a uma peça de Bizet, executada nos concertos classicos do teatro de S. Pedro. Dissera-lhe elle que Bizet nas *Erinnyes* conseguira provar que os gregos já conheciam o Zé Pereira, pois tal era a impressão que lhe deixara a cena da orjia.

— Naturalmente os tres, pensei eu, estão cortando o Neoptolemo em fatias para sanduiches.

Continuou a lêr, tão distraido, que o João Rivas retomou o seu assento sem que o percebesse.

A orquestra encetou o segundo ato; o pano levantou-se.

Uma floresta na Amazonia. Mar de agua doce no fundo. Paizajem fluvial monotona, grandioza, intermina, cheia de tons quentes que lembram febres palustres, indios bravos e o dezanimo de uma rejião inesplorada.

João Rivas não quiz concordar em que o cenografo tinha conseguido estes efeitos. Além disto, a paizajem tropical não prestava; não tinha seduções para o pintor; devia ser banida até da arte, acabando-se essa mania que o máu gosto de Chateaubriand plantara no espirito do seculo.

Fechando ouvidos ás suas observações paradoxaes, Cosme procurou prestar atenção ao espetaculo.

Na parte do palco, que representava o litoral do grande rio, via-se um pano de floresta colossal. As arvores, em razão das nervuras nellas postas pelo pincel do artista, dir-se-iam gigantes de Miguel Anjo. O diabo do cenografo dera-lhes vida extraordinaria. Os troncos traziam á imaginação confuzos aspectos de peças de carne viva; de sorte que a vejetação parecia humana, mas de

uma humanidade antediluviana, plutonica, obsedante, ameaçadora, satanica.

Como no primeiro ato, entre troncos emaranhados por cipós, havia tambem uma grande teia, em cujo centro repouzava, embalançando-se, uma aranha auri-verde, adornada esquizitamente de um pequeno cocar de penas. Em torno esvoaçavam colibris e borboletas multicores.

A orchestra começa então um bailado aéreo, caracteristico. Os coqueiros e as palmeiras, á marjem do rio, ajitam-se. Araras grasnam, saguis e macacos assoviam; ouve-se ao lonje o ronco do guariba, que salmodia, no meio da mata, a sua reza lugubre, acompanhado do côro dos capelistas. De vez em vez repercute o estrondo da sucurijuba, que no meio das aguas espera o bicho-homem.

Passam e repassam bandos de periquitos, alegrando a amplidão da paizajem com a nota ligeira e indiscreta da especie. Essa alegria, que se caza com a limpidez do céu e o fulgor da luz e das côres tropicaes, é, porém, interrompida por um som soturno, que os contrabaixos e tambores na orchestra acuzam como vindo subterraneamente de distancia icomensuravel. E' a pororóca amazonica, que sóbe misterioza, terrifica, do abismo dos mares. A natureza inteira sente o perigo. Invadem-na movimentos precipites de sistole e diastole; depois a rejião cáe em angustioza sincopa. A arajem emudece. Nem um vivente ouza respirar. Os rumores lonjinhos crecem, avizinham-se. Ha como a curiozidade da morte. A vida em todas as suas fórmãs sofre destas crizes. A pororóca, porém, não é a morte; antes parece a epilepsia rejional resultante de um regorjamento de forças ainda não disciplinadas.

Um morcego tonto atravessa a amplidão; vibra as azas em tremulo, zigzagueia e some-se na escuridão da mata. Os rumores aumentam, colijindo todos os brados da floresta; já não são mais subterraneos; explodem fóra, no ar, por cima das arvores, como trovões em uma louca tempestade.

O espectador experimenta nas combinações orquestraes sensação igual á que teria si a catadupa de Niagara se movesse através do Amazonas.

O procenio escurece. No fundo vê-se passar uma onda enorme, refervente, espumante, alva como um rolo de garças, no dorso da qual se ajitam, em turbilhão, galhos de arvores, troncos enormes, arrancados ás florestas marjinaes como juncos manejados por mãos infantis.

Subito a orquestra estaca e a cena se transforma. Os violinos principiam, em quintas, um tremulo quasi imperceptivel, imitativo do despertar de insetos. Clareia o dia. Ha efeitos de luz na cena. Os raios do sol, que se levanta vermelho sobre a face tranquila do rio, corporizam-se, por assim dizer, em feixes de setas, que o selvagem agarraria para preacar o tapir erradio e parvo.

A aranha dourada, que é tambem a fada daquelles rios, treme na teia e canta a lenda do irapurú, que é um passaro extraordinario, dotado da faculdade de atrair pelo canto todas as aves da floresta. Ella canta e de toda a parte voam bandos de araras, de anuns, de garças e gainumbis. A ornitolojia amazonica inteira vem cortejar a soberana. Segue-se o côro das aves, que termina por um bailado em que tomam parte as feras do bosque. O côro dos jaguares faz tremer o ambiente.

Num momento dado, tudo cede. Ouve-se um silvo. E' o indio que se aproxima. Não vem só. Acompanha-o

o homem branco, que traz embaixada ás riquezas daquellas terras. Os jaguares urram, os guaribas coçam-se e assoviam. O reino inteiro dos passaros solta um ruido festivo e sonoro. A fada recebe a embaixada. Rompe um terceto, em que se harmonizam as vozes desta e do homem vermelho e do homem branco. A aranha estende a antena para o Amazonas e ordena que os monstros das febres recolham-se aos seus antros.

Torna a mudar-se a cena. O teatro representa o copiar de uma caza de vivenda, á marjem do Guajará. E' a hora da sésta. Em uma rêde de tucum embala-se gentilissima menina na primaveira dos 15 anos; fulgura-lhe nos olhos o amor vago de grandezas desconhecidas, junto á precoce fadiga do idéal. E' morena e nas veias circula-lhe o sangue misturado do branco e da filha do mundurucú. O compozitor neste ponto introduz na sua obra a primeira parte da *Suite Brésilienne*, de Alberto Nepomuceno. A menina sonha; e no sonho acordado como que se lhe insinua na memoria a recordação do tempo obscuro em que ella, na pessoa de antepassados, reinava absoluta nas rejiões da Amazonia. A teia ancestral, que a defendia, aparece-lhe como vizão fugaz. Hoje a conquista dá-lhe aquella rêde, aquella tejupar e as roupas de linho com que se adorna. Tinem os pinjentes de ouro em suas orelhas. Não lonje silva a lancha a vapor, singrando as aguas do Tocantins. Desperta. As companheiras tardam.

Um bando de porcos bravios invade o jardinzito e, num momento, fossando, levantada a terra com a belfa, arrancam tuberculos, destróem flores e dezaparecem com ruido. Um bando de periquitos hostis e gritadores aba-

te-se, ao mesmo tempo, sobre o vizinho milharal e n'um segundo suspendem a colheita mal guardada.

A morena ergue-se de susto; contempla o estrago; não vê seus projenitores e, fatigada, sacóde-se de novo para o fundo da rêde soluçando. Balança-se.

Uma aluvião de moscas-varejas invade o apozento e por fóra corveja um bando de morcegos, em que a imaginação torturada da rapariga chega a pôr fantasticos chapéus de lazaristas.

Estas moscas e estes morcegos, pensa, não são da terra ! que me querem ? Deus meu ! Que me querem, estes monstros ?

Um grito lancinante de horror constrinje-lhe a garganta...

— Fóra ! fóra ! Abaixo a peça ! grita Carolino de Louvet.

— *Conspuez l'auteur !* brádam os dous Cosmes, Peixoto e de Moraes.

E houve uma vociferação sem nome num grupo, que imediatamente se formou e torno dos tres amigos inseparaveis,— que tambem podiam se chamar os tres inimigos da alma. Baldados foram os esforços dos diretores do espetaculo em fazel-o voltar á ordem. A pateada triunfou, baixando o pano, com grande pezar de Brazilino Dias, a quem os pateadores chegaram até a desrespeitar.

João Rivas estava nas suas sete quintas.

— Ora, o nefelibata ! Para que havia de dar ?!

— Que supõe você ?

— Está claro. Isto é uma dezaforada aluzão ao cazo do Amazonas.

— Está enganado. Se assim fosse, o Carolino de Louvet applaudiria.

— Então que é ?

— Moscas e morcegos. . . .

— Mas que têm o Carolino e os Cosmes com os insetos e os vespertílios ?

— Lembre-se do que dizia a mestiça que se embalava na rêde. “Estes bichos não são da terra.”

— Sim. . . da terra amazonica; podiam ser, entretanto, do Piahy, do Ceará, do Rio Grande do Sul. .

— Não. Carolino de Louvet neste cazo não se ofenderia, já lhe disse. As moscas e os morcegos de chapéus de lazareto aludem a fatos mais geraes. O dr. Agrippino não andou bem. Elle com o seu simbolismo foi tocar nos partidos sociaes e como você sabe ha sempre perigo em dezinquietar as couzas que acabam em *ismo*. As moscas e os morcegos são de fóra do paiz, não pertencem ao Brazil. *Inde irce !*

Algumas familias tinham-se retirado. Saimos e fomos ceiar no Stadt Munchen.

João Rivas ficara pensativo.

Sorprenendi-lhe o pensamento entre um bocado de carne defumada e um chopp de cerveja Teutonia.

— Não temos ainda a aristocracia dos intellectuaes. Aquella cena !. . .

— Que tem aquella cena ? Acazo na Europa não se passam couzas muito mais lamentaveis ?

— Qual ! E' indispensavel que o inglez e o alemão tomem conta desta terra.

— Ahi vem você com as idéas do João Ribeiro.

— E tem elle carradas de razão. Quem uma vez viu o que é a civilização nos grandes centros, não pode mais suportar Brazil. A minha opinião é que nós, quanto antes, devemos entregar o sólo a quem o possa transfor-

mar. O negroide nunca sairá da industria de caixas de fosforos, fabricados com palitos vindos da Suecia, nem da politica do rôlo, do batuque e do engrossamento. Venham os intellectuaes, e que a aristocracia das raças superiores nos governe.

— Então, neste cazo, abra-se o coração nacional á hejemonia americana.

— Aquillo não é nação: é acampamento de beduinos do dolar.

— O que você quer, sei eu: a repetição da Renascença, da vida incomparavel dos Borgias, dos Medicis, dos Colonas, dos Orsinis. Mas de taes intellectuaes *libera nos Domine!* Onde iria parar o Brazil entregue a um paganismo sem contraste? Não é de inglezes nem de alemães que precisamos, *seu* João Vivas: é de equilibrio nos nossos appetites e de maior subordinação dos instintos e da fantazia ao sentimento. E nem se diga que as raças de que saimos não têm etica. Ao contrario disto, observarei que o portuguez nunca deixou de ser agarrado ao sólo e á familia; que o indio sempre foi ativo e sofredor; e que o negro raramente desprezou a paz ou se afastou dos seus afetos. A fuzão de taes elementos etnicos não devia produzir senão o aperfeiçoamento das respetivas qualidades. Não dezesperemos, pois, do surto que a raça brasileira tomará procurando os seus destinos.

— Mas nunca na educação dos democratas e com essa hedionda igualdade, negação do progresso e vilipendio da nobreza humana.

— Ora, esqueça-se disto. Não me esteja a repetir as opiniões de que o João Ribeiro fez praça na *Revista Brasileira*. Não o compreendo quando declara que não é patriota e não se sente liberal, simplesmente porque o



grande Goethe disse que a civilização era tranquila. Digo que não o entendo porque, posta de parte a *pose* desse genio quando se *jupiterizava* no Olympto grego para impôr-se ás massas, ninguem foi mais *chauvinista* do que o autor do *Fausto*, que só não fez o papel de Wagner porque não sofreu os desprezos de Pariz e teve um rei que o aproveitasse como seu *fac-totum*. Si é verdade que a civilização se produz na paz, isto é, se elabora nos cerebros dos genios e na serenidade da meditação, não menos certo parece que essa elaboração nunca se traduz sem vencer oposições, sem crises, sem revoluções. Está provado que quanto mais intensa é a idéa, mais profundo se faz o movimento que a tem de transportar á vida, restaurando a organização da sociedade. E com certeza o grande Goethe não pensou diversamente. O horror, portanto, de João Ribeiro aos movimentos ou revela um encalhe de idéas geraes, ou é uma *fumisterie*.

— Na America pelo menos, como bem diz elle, o patriotismo é um sentimento mortal. “Ou a America será cosmopolita e humana, ou não será.”

— Tambem não compreendo este postulado, nem tão pouco a razão por que o aborijine, provizorio americano, deve ser neutro entre os progressos continentaes e a civilização do planeta ou da humanidade.

Não compreendo; tanto importa aconselhar ás nações sul americanas que se suicidem! Quando o mundo dá o espetaculo da individualização crecente dos povos, das sociedades, não sei o que possa significar esa preconizada neutralidade. Não serei eu, pois, que sujira ao infimo povo da terra que dezarme-se do seu nativismo, simplesmente por amor a uma organização universal, que ainda não passou de proposta e que faz sorrir os homens pra-

ticos, ainda mesmo quando essa proposta parte do Czar da Rússia. O cosmopolitismo é um sentimento individual; ainda é cedo para que elle ouze transformar-se em social. Logo que esse sentimento aje, ou toma a forma da loucura anarquica ou se ajeita a sindicatos parazitarios de gozo ou de luxuria. Emquanto, porém, a proposta de paz universal não passa em 3.<sup>a</sup> discussão, comamos estes camarões que bem podem estar maquinando alguma revolta para derruir nossos estomagos.

1898, Outubro.

## VI

### UTOPIA

Cosme Velho recebeu ha dias um convite nestes termos: "O abaixo assinado pede a C. V para assistir á festa intima que oferece aos amigos em sua nova residencia, *Villa Excelsior*, no Andarahy Grande, a qual será inaugurada no domingo proximo ás 9 horas da manhã. — *B. Dias.*"

Afastado, por espaço de um ano, do Rio de Janeiro, já lhe cauzavam saudades as magnificas reuniões do Atico fluminense. Póde-se, portanto, imaginar o prazer que lhe cauzou este chamado. Iria abraçar um otimo amigo, e reatar as antigas palestras com os excelentes companheiros do pique-nique ao Corcovado, e os ouvintes da conferencia ahi feita em 1898, que tanto deu que falar aos maldizentes.

Que surpresa rezervaria esse famoso artista da vida, cujo gozo se traduz diariamente em deliciosos atos de beneficencia ?

Nesse mesmo dia encontrou João Rivas na rua do Ouvidor. O que tem elle dito de mal e de bem sobre este seu velho camarada, é escuzado repetir. Como é de prever, trocadas as primeiras palavras a respeito de molestias passadas, e eliminada a fatal referencia da bubonica, engalfinharam-se na eterna querela, não da colocação dos pronomes, mas do nunca assaz esgotado pessimismo. Naturalmente falou-se em China. Ah! neste ponto respirou e abriu a valvula. Não ha exagero em dizer que estava cheio até o gorgomilho; e então foi um diluvio de improperios contra os inglezes. Pois, si ha um ano não achava com quem conversar a respeito e dizer o que pensava da guerra do Transvaal! Sim: a China!

— Mas que tem a China?

— Que tem a China?! Ainda pergunta? Diga *Finis Europæ!*

João Rivas sorriu.

— Olhe que eu sou professor de historia da civilização. Isto que você está a dizer é o que os inglezes chamam um *nonsense*.

— Pouco importa. Não receio passar por insensato, comtanto que saia de meus labios a verdade.

— Qual verdade. A unica verdade é a que todo o mundo sente. As potencias vão retalhar o Celeste Imperio; e ai de quem não aplaudir esse ato de *vandalismo científico*.

— Ah! compreendo... Vandalismo científico. Perfeitamente... Estamos de acôrdo. Esse vandalismo é uma especie de maometismo, aplicado á Azia "muda já e já a tua civilização, ou morre!" Conheço este direito publico internacional desde 1893.

— *Distinguo...*

— Não ha *distinguo*, nem meio *distinguo*. Os telegramas *aí* estão. Os Boxers vão obrigar a Europa a ter juízo; e se não o tiver, então veremos talvez realizada, mais cedo do que seria de esperar, aquella propozição sustentada paradoxalmente na *Semana*, em 1894, de que se aproximava a queda ruidosa do direito publico internacional europeu e a dissolução do celebre *grupo juridico*, fóra do qual não haveria salvação, conforme pregava um sociolojista italiano; e que tudo isto se verificaria graças ao conurso do quarto estado e da coalizão do mundo tranzatlantico, ameaçado pela voracidade e delirio expansionista das chamadas potencias historicas. Os aziatcos entram hoje em cena, como já entraram os Afrikanders.

— Fantazias ! *Words ! words !*

— Pois sim. Lembra-se você do jubileu da rainha Victoria ?

— Que tem isto com o cazo ?

— E' uma simples aproximação historica. Sabe você quanto esta festa de decadencia, *á la romaine*, impressionou os anglomaniacos. Houve quem nella enxergasse uma glorificação da humanidade, então representada pelos *englishmen of God*, o povo sagrado, na fraze de Cecil Rhodes. Não eu; que ao ler a descrição do prestito, quando atravessava as ruas de Londres, á frente os Rulers das colonias e piquetes vestidos com as librés das nações americanas, aziaticas, africanas e australianas, senti uma impressão igual á que teria diante de uma procissão carnavalesca, logo transformada em cortejo funebre; e tal foi a minha indignação que não rezisti ao desejo de lançar no papel estas sensações; e o fiz, na verdade, mandando para a *Revista do Brazil*, de S. Paulo, um artigo

com o título *O fetiche*, no qual pintava a Rainha Victoria, rejina-imperatrix-bretualda-vitrix, como um idolo, a cujo rosto os seus adoradores haviam imposto a mascara de Durga, divindade aziatica que prezide ás carnificinas neste mundo sublunar. Devo acrescentar que o que mais me irritou foi a ironia acerba, junto á mentira das estatisticas, com que os autores dessé engrossamento zombavam do mundo, procurando induzil-o em erros de fato deploraveis. Por exemplo: em um diagrama, publicado aliás em jornal da maior respeitabilidade, se representava a potencia naval da Inglaterra como um elefante e os Estados Unidos como um mosquito, isto, póde-se dizer, nas vespervas de serem esfaceladas duas esquadras hespanholas por Dewey e Sampson; e assim o resto.

Nunca D. Quixote se mostrou tão ridiculo, si é que Butler, no seu famozo *Hudibras*, descrevendo esse majistrado presbiteriano, cuja mania era julgar-se com vocação de correjedor dos defeitos dos outros pelo ensino e exercicio do trabalho e da paciencia, não quíz ver antecipadamente a Inglaterra de hoje dominada da preocupação de rejenerar a especie humana, rasgando-lhe as crenças, amputando-lhe a enerjia, humilhando-a até ao suicidio;—roubando-a.

— Isto é jingoismo de fóra para dentro.

— Diga o que quizer. A verdade se fará vêr, mais cedo ou mais tarde. Os Boxers estão defendendo a America do Sul. Atenda você a uma coiza. A Inglaterra, que é a unica cauzadora do que se está passando no mundo, pois não foi outra nação a mestra da politica predatoria internacional; a Inglaterra vivia se expandindo caladinha. E, emquanto assim se comportou, o mundo a aplaudiu e nella acreditou. Mas nada mais certo do que o ditado

“quando Deus quer perder o homem, tira-lhe o juízo”. O orgulho entonteceu os seus homens politicos, bem contra o conselho dos seus filozofos sinceros e dos seus pensadores dezinteressados; e esse delirio, propagando-se pela classe nobre, naturalmente distraída dos estudos sociologicos, acabou por entregal-os de pés e mãos amarrados aos syndicos do mal, isto é, aos emprezarios do *fenicismo* moderno, aos mercadores-piratas, cuja moral tem decido nestes ultimos tempos até á animalidade doumada e feroz da decadencia romana. E infelizmente ha por ahi uns intellectuaes incoerentes, anti-dreifuzista na França, dreifuzistas em qualquer outro lugar, cosmopolitas sem consistencia por toda parte, os quaes, impressionados com o darvinismo applicado á politica e á civilização pelo espirito paradoxal de alguns modernos alemães de genio, gloriam-se de pertencer áquelle grupo de seletos, que pretendem resurgir os paraizos da Renacença italiana. Bem sabe você que eu vou direito ao recente impulsionador do espirito *frondeur* científico-literario. Quero falar de Nietzsche e da sua teoria do pro-homem. Mais do que ninguem, você conhece o brilho, o fulgor com que este grande poeta, ostentando um luxo de erudição e cultura classicas, procurou esmagar o prozelitismo cristão e a democracia oriunda do movimento plebeu de 1793, e demonstrar que a humanidade busca, não aperfeiçoar-se, o que é uma utopia, mas produzir pela seleção das raças, e na raça pela da classe aristocratica, e na classe pelo apuro de alguns tipos, pelos grandes homens destinados a glorificar a vida no seu supremo idéal terrestre. E’ bonito, não é? Pois bem: Nero não pensaria melhor; e se vivesse hoje, rejendo o industrialismo cruel dos anglo-saxonios, em quem os appetites creados pelo

luxo de uma arte desvairada que lhe propinam Rudyard Kipling e outros artistas *ejusdem furfuris*, estão a pedir misericórdia, elle talvez, já houvesse transformado o mundo num Colizeu universal. Então veríamos a realidade da politica das potencias historicas. Um vasto circo contendo todas as nações; mercadores gananciozos a arrastarem para o centro delle Krups e Armstrongs enormes e tão arrojados como os tigres da Hircania e os leões da Numidia, — as feras do fim do seculo XIX; os reis prezidindo a festa; os anarquistas rujindo nos ergastulos, até que chegue a sua hora; e os chinezes, os boers, e, quem sabe, quaes outros *Cristãos Novos*, atirados á arena, onde se baterão com os monstros da guerra para divertimento dos espectadores imperiaes e seleção da especie, sem prejuizo dos grandes homens, que descobriram o segredo dos *trusts*.

João Rivas tornou a sorrir, e buscou convencer o amigo de que estava sonhando acordado.

Teria sonhado ? A realidade não seria o sonho de Protagoras ?

Passaram a outro assunto.

— Recebeu você um convite do Brazilino ?

— Recebi.

— Que festa é a que elle anuncia ?

— Ah ! meu amigo o nosso anfitrião está, ao que parece, atacado de megalomania. Pois não sabe ? Elle quer transformar o Rio de Janeiro. Comprou uns terrenos na falda da Serra da Tijuca, em Andarahy Grande; e não imagina o que um arquiteto celebre já fez nesse trecho de montanha, para satisfazer os seus caprichos — um pedaço dos jardins de Semiramis, creia.

— Então é isso que se inaugura ?

— Parece que sim.

Cosme passou o resto da semana inquieto. Não tendo que fazer, poz-se e recordar leituras velhas.

Abriu o Thucydides e começou a saborear o quadro da peste de Athenas, pedaço de literatura que, segundo se diz, o sr. D. Pedro II muito apreciava e exijia que todo o mundo conhecesse. A analogia da bubonica afastou-o do livro. Procurou outra distração. Que havia de ser? Ah! lembrou-se da *Viajem dantesca* de J. J. Ampère, livro delicioso, que já havia muito tempo não folheava. Porque hoje, não fazia-se critica por esse methodo tão interessante? Que belas pajinas não escreveria, por exemplo, Coelho Netto, si se dispuzesse a dar-nos uma *Viajem alencarina*.

Chegara, afinal o domingo almejado. A's 5 horas ergueu-se do leito; ás 6 horas, depois do café, envolveu-se no seu *mac-farlane* e dirijiu-se para a rua de S. Francisco Xavier, onde passa o bonde de Andarahy Grande. Seriam seis e um quarto, quando apontou o veiculo. Vinha quazi vazio áquella hora; no ultimo banco estava sentado um preto velho estremunhado de sono, que, de vez em quando, falava com o condutor.

— Pai velho, não te agentas; vê que não vás cair. Quem tem essa idade não sáe de caza. Olha que a cabeça já parece de algodão.

— Uê! replicou o ancião; sinhô moço tá rindo d'í véio. Pois sim: véio ainda regula. Tá vendo, yoyô: foia tá branca ni cabeça, mai raiz tá verde,— não se perde.

Cosme Velho riu-se da comparação do africano e poz-se a matutar.

Havia nevoeiro e as perspectivas do vale recuzavam-se á contemplação. Na altura da rua do Eduardo



entraram no bonde dous passageiros: eram Carolino de Louvet e Bazilio Côrtes. Seguiam com o mesmo destino. Não viram Cosme que, por cavilação, puchou o chapéu para cima dos olhos, envolvendo-se no cache-nez.

Carolino de Louvet falava animado; como sempre mordaz.

— Paiz perdido, este Brazil ! Bem diz Sylvio Romero que nesta terra tudo é grande, só o homem nada vale. Dominados pela vaidade de que é nosso o maior rio do mundo; de que são nossas as florestas mais profuzas em vejetação; de que nenhum paiz tem um Pão de Assucar; de que o Corcovado é superior ao Righ; finalmente de que não ha na terra estadista superior ao sr. Malheiro Ribas, deixamos tudo á gaita e nos deitámos todos os dias certos de que o cambio, por influencia do hipnotismo, chegará a 28 ou 29, quando menos esperarmos.

— Você é um maldizente, meu Louvet.

— Não sou maldizente. Vejo: eis o que é. Olhe. Só existe um meio de salvar esta patria apodrecida: é deixar que os frades façam a sua obra de prégação.

— Compreendo: um Mexico do tempo do general Sant'Anna. Mas se vier um Porfirio Dias ?

— Não virá, aposto eu. O povo está profundamente convencido de que foj a auzencia da relijião que..

— Que irritou... diga; que irritou o catolicismo da libra esterlina, e a fez fujir para a City apezar de ser ella hebréa até á medula. Não é assim ?

Carolino de Louvet sorriu com o sorrizo amarelo e caustico que todos lhe conhecem.

Nisto os dous voltaram-se. Cessou o dialogo. O bonde tinha chegado ao ponto extremo da linha. Apearam-se. Num telheiro proximo estavam cavalos aparelhados para:

a subida da encosta. Cosme esfriou. Havia vinte anos que não montava; e, lembrado da ultima quèda que sofrera numa escursão pelo seu estado natal, teve um arrepio na espinha dorsal. Todavia, cobrou animo, e, imitando os dous companheiros, empoleirou-se no bucefalo que lhe pareceu mais docil, e começou a acenção, guiado por um moço de cavalaria que ali se achava guardando os animaes.

Carolino de Louvet e o outro fizeram o mesmo, sem proferir palavra.

— *Nella chiesa co santi, nella táberna co latroni,* murmurou Cosme.

O palacio de Brazilino Dias está situado a um terço de altura da montanha. Ahi o arquiteto habilmente aproveitara um contra-forte que se ampara num largo trecho da floresta, e trepara, por assim dizer, o edificio a cavaleiro do vale, por onde atravessam as ruas do Barão de Mesquita e Conde de Bomfim. Sobese para a esplanada por um zig-zag artisticamente projetado, aproveitando os acidentes da escarpa. Ha nesse zig-zag dez *passos* para descanso dos peões, os quaes passos acham-se ainda em via de construção; figuram ali como especimens de varia arquitetura, e se destinam a viveiros de passaros, gaiolas para animaes ferozes, estufas, grutas, aquarios, etc., etc. Em cima, o edificio pompêa alterozo, lembrando um castelo feudal, modificado pela imaginação dos Arabes. A' primeira vista pareceu-me, enevoado como estava o tempo, uma estampa dos *Contos Fantasticos* de Laboulaye e ilustrados por Ivan d'Argent.

Não darei a impressão que essa fantazia de Brazilino me cauzou. Foi uma surpresa. O leitor imagine o resto, se tem imaginação.

Ao chegar á esplanada viraram-se instintivamente para o vale. Eram sete horas: o espectáculo tropical, que então descortinavam, não se póde descrever em detalhe. O sol, mal erguido do horizonte, derramava, não luz, mas tintas orjiaticamente combinadas na palheta de um pintor alucinado. Essas tintas invadiam a planicie de modo caprichozo, combatendo o tenue nevoeiro, que baixara sobre ella como uma inundação de espuma. Aqui, ali, mais adiante, erijiam-se grupos de palmeiras; os tetos das cazas, atufadas nos jardins das chacaras, em muitos lugares apareciam cortados sinão separados do solo, quaes mirajens do dezerto. O rochedo da Babilonia boiava sobre esse mar alvádio como um grande bloco de carvão escondendo a fabrica de cerveja Rio-Brau, cujas chaminés começavam a lançar os primeiros rolos de fumaça.

Estiveram a olhar para tudo isto estaziados, quando interrompeu a voz de Brazilino, que decera a escadaria de marmore do primeiro plano, afim de receber os companheiros.

— Não contava que viesses, disse a Cosme. E fel-o subir até uma esquizita e pequena construção em fórmula de pagode chinéz, onde foi servido café. Dahi passaram por uma escada sinuoza, praticada entre acidentes de rochedos, ao plano superior, em que está o novo castelo de arquitetura gotico-arabe, um castelo *mignon*, feito como para fadas, e que naquelle momento dir-se-ia incendiado pela luz vermelha com que o sol, havia uma hora nado, o osculava para encanto dos olhos.

Abriu-se o portão de entrada, e por uma ponte levadiça, que se desdobrou de subito, passaram para o portico do edificio.

Aí Brazilino Dias sorriu maliciosamente e disse:

— Vou fazer uma molecagem. Não se assustem. Isto é para ladrões, á noite.

E pizou numa chapa de ferro fosco que guarnecia o batente da porta. Imediatamente os sons estridulos de uma *sereia* encheram a amplidão e em seguida ouviram-se os acordes de um piano mecanico, em que a electricidade fazia as vezes de manivela, dando-nos a sinfonia do *Guarany*.

Carolino de Louvet empalideceu; e, logo que lhe voltaram as côres naturaes, acrescentou:

— Snobismo de chinez! Não aprecio estas extravagancias.

Não se fará a descrição do castelo, bem como dos serviços executados por electricidade nessa vivenda, em que Brazilino Dias acaba de despender perto de réis 800:000\$000, nada deixando a dezejar ao mais exigente enfastiado da vida.

A's 10 horas em ponto foi servido o almoço, na sala de inverno. Estavam a postos todos os convidados, que tinham chegado sucessivamente.

Ao champanhe Brazilino, que durante a primeira parte do banquete, apesar da galhofa reinante em torno da meza, se conservara serio e triste, empunhou a taça e fez o *toast* ao Rio de Janeiro, isto é, aos habitantes que preferem a sua terra ás maravilhas de todo o mundo. Esse *toast* de nova especie foi recebido por uns, alegremente, e, por outros, com vizível repugnancia.

— Uma cidade suja e impossivel! disse um dos convivas.

Brazilino Dias sorriu; mas seu sorriso traduzia co-leras azues: depois falou com volubilidade quazi infantil.

Os olhos delle, sempre tão calmo, tinham alguma coisa de extraordinario.

— Não posso ouvir estas palavras ! E' preciso que tiremos por uma vez a mascara. Hoje é o dia da seleção dos meus verdadeiros amigos.

Pelos convivas percorreu um fremito de impaciencia. Que havia ? Porque Brazilino proferia semelhante disparate ?

João Rivas ponderou que era cazo do anfitrião interromper o seu propozito e dar *habeas-corpus*, por aquella vez, a toda a companhia, e esperar os acontecimentos, se é que não estava caçoando.

— E' serio ! Não brinco ! proferiu Brazilino Dias, indignado.

— Neste cazo, comamos e. passemos á ordem do dia.

— Sim, Brazilino; deixemos isto para outra ocazião.

— Sim... murmuraram todos.

O anfitrião caiu em si; e sentou-se. Estava nervozo. Riu-se; e Arthur Aguinaldo contou a historia de um cura que se cazara nos Estados Unidos com duas criadas gentis que o serviam; isto é, o cura fizera primeiro o casamento das duas raparigas, das quaes uma andava com roupas masculinas e passava por homem no lugar, e depois de realizada essa moralização da domesticidade, se colocara no meio do casal para estabelecer o laço suplementar e espirital.

Franças gargalhadas receberam esta anedota, que se tomou por invenção, mas que é verdadeira e foi motivo para um processo escandalozo em Quebec, no Canadá, de que dá minucioza noticia o Padre Chiniqy na sua obra *O Padre, a mulher e o confissionario*.

Carolino de Louvet, como era de esperar, protestou em frases muito dezaforadas; mas Aguinaldo abafou-lhe os epigramas com um latinório de Molière.

— Louvet, disse João Rivas, Louvet está perdendo a calma; satira sem serenidade é satira perdida; o mesmo que florete embolado. Coitado de Louvet!

Nisto levantaram-se todos e subiram, a convite de Brazilino, para o mirante do castelo. Lá, foram servidos licores e charutos. A vista que daí se goza, ao meio-dia, nesta época, quando a atmosfera se tem dezanuviado e o sol dardeja, furibundo de calor, através de um céu profundamente azul, é incomodativa; esse espetáculo de insobriedade tropical oprime a retina e estafa o contemplador como diante de um vale incendiado.

O nosso amavel amigo aproveitou o ensejo e poz-se a discorrer sobre os planos extravagantes a que João Rivas se referira no encontro da rua do Ouvidor.

— Olhem bem para os pontos por onde deve passar a avenida-terraço que eu projeto.

E indicava uma linha que, saindo do Alto da Boa Vista, na Tijuca, serpenteando, sempre pela falda da serra, iria unir-se aos Dous Irmãos e Silvestre, guardando o mesmo nivel, através das encostas dos vales do Trapicheiro, Fabrica das Chitas, Rio Comprido e Catumby, mas sem nunca embarçar a vista para o lado da baía. Na sua opinião esta obra seria tão exequível como a alameda projetada pelo dr. Vieira Souto, da Fortaleza de S. João á Ponta do Cajú; e quando ambas estivessem reduzidas a fato, poder-se-ia dizer que nenhuma cidade do mundo seria tão bela como o Rio de Janeiro.

Brazilino falou depois com alacridade e expansão deliciosa no que elle costuma chamar a sua *Utopia*, a

qual nada tem de comum com a enxada construção de Thomaz Morus, nem no que entende com o estinguir a propriedade, nem com a idéa de reprimir a liberdade. Do grande sonhador inglez elle apenas tomaria a preocupação de reconstruir, para felicidade do povo, esta cidade federal.

— Eis o grande ponto negro do Rio de Janeiro. Façam-me prefeito, com poderes amplos, e eu garanto-lhes que em cinco anos terei transformado o moral desta população, os seus costumes e os seus habitos mentaes em uma couza estranha, com o auxilio unicamente da picareta, da trena, do granito, da argamassa e com os conselhos do arquiteto que me preparou este pequenino paraizo.

— Mas é pasmozo, bradou Urbino Daltro, piscando os olhos humoristicos. O Brazilino neste andar será capaz de converter a *Cabeça de Porco*, que deus haja, num grande hotel igual ao de Astor, em Nova York.

— E porque não ? ponderou Brazilino Dias, abraçando o nosso engraçadissimo Urbino Daltro.

A palestra terminou com a saida subita de alguns companheiros menos pacientes; e os poucos restantes se foram retirando de vagar.

Ao despedir, o dono da caza disse particularmente que não se tinha esquecido da promessa que Cosme Velho lhe fizera, de continuar as conferencias sobre o Ruy.

Isto só se realizaria quando elle tivesse concluido as obras do *chateau*; mas seria de sua parte uma fineza a todos dar-lhe tambem o complemento das suas idéas sobre a *Utopia*, numa palestra semelhante ás anteriores.

Brazilino Dias prometeu: e não tardará que o publico conheça em detalhe o que é essa *Utopia*.

1900, Julho.

## VII

### DE AUTOMOVEL

#### § 1.º

##### UMA ANEDOTA

— O dr. \*\*\* é vizível?

— Póde subir. Não tenha cerimonia.

Era a propria voz do dono da caza, que recebia o visitante no topo da escada. O doutor appareceu jovial, com o sorriso nos labios.

Sete horas da manhã. O sol difundia-se nas côres caprichosas do arco iris, esparramando uma claridade intensa de *glorious day*. A luz asfixiava a retina: — é o termo. Asfixiava a vista, conjestionando a visão como num diluvio de coloridos antiteticos e paradoxaes.

Na rua, o automovel berrava. Uma descarga de gazolina; depois um recuo violento; e a manobra concluida.

— Não gosto deste veiculo. Animal feroz e da peor especie. Dá gargalhadas de caracará; bufa como hipopotamo; escouceia como o onagro da lejenda; investe como o tigre; cospe como lhama. Tem guinchos de ciricoia; carrega sobre a gente como o rinoceronte; esbarra á maneira de elefante. Porque havia você de convidar-me



para um passeio á Tijuca em semelhante besta apocaliptica?

— E' apocaliptica; tambem é religioza. Não se iluda; os quatro olhos de polvo monstro só intimidam durante á noite. O meu reverendissimo cavallo dinamico é tão manso como um cordeiro. Grita, mas não morde. O *chauffeur*, admiravel! Garanto-lhe que, sob o seu governo, chegaremos ao alto da Bôa-Vista enquanto o diabo esfrega o olho, sem destroço, sem mortandade.

Ao tempo que o homem se paramentava, Cosme Velho chegou á varanda do sobrado. Olhou. Lá estavam, ameaçando, sob a sombra facinante da montanha, os pavilhões da Exposição, o Pão de Assucar, a Urca, a Babilonia. Douravam-se os penedos com as primeiras pulverizações brilhantes que o sul soprava naquelle belo dia tropical.

Veu o café. Acenderam os charutos e deceram.

Junto ao meio fio o monstro sussurrava como um animal asmatico. O automedonte lançou para a maquina o olhar inteligente e tranquilo dos que exercem o seu officio soberanamente; e tocou-a.

Partiram.

A curva da praia de Botafogo foi devorada em menos de minuto. O auto deixava atraz de si nuvens de pó, de envolta com essa catanga de cabrito montez, que o povo batizou com um nome pouco airozo, ainda mesmo na boca de um *smart* do Saco do Alferes; o rasto sufocava os tranzeuntes.

Em meio tiro do Flamengo, o *chauffeur* ralentou a marcha, até a volta do Monröe.

Ambos silenciavam.

No tracto da Avenida Central o silencio tornou-se funerario.

O dr. \*\*\* estava taciturno; um jaburú dos campos de Santa Cruz.

— Que o preocupa? perguntou-lhe Cosme.

— Nada...

— Não é possivel.

— Quando ~~safamos~~ de caza estava na ponta da calçada um caboclo ébrio a resmungar como um cevado. Você não viu?

— Vi; por sinal que, ao passarmos, o pobre diabo cuspiu e fez um gesto de pouco cazo, zombando do autómovel.

— Pois essa figura lembrou-me uma historia curioza. Vinha ruminando fatos passados, em falta de couzas futuras, conforme diria o saudozo Machado de Assis. Havia na Villa Velha do Espirito Santo um antigo official do exercito reformado, que pelos anos de 1858 a 1859 ahi dera com os ossos para descansar o corpo e o espirito, já bastante fatigados. Tipo de bondade e mansidão, embora enerjetico, a esse bom velho aprazia viver naquella aldeia entre a contemplação da pedra de Frei Palacios, em baixo da montanha, e a igreja da Penha, posta nos alcandores do rochedo, como um castello encantado de Ariosto, e os zumbidos dos pescadores, que diariamente evadiam-se da praia pitoresca nas suas canôas de pesca em busca dos robalos.

O seu maior divertimento consistia em conversar com essa gente e tambem com os preguiçosos plantadores de milho e de feijão, que vejetavam em roda do pequeno povoado. Era a providencia da pobreza e o conselho dos aflitos. A caridade, exercia-a elle lá a seu

modo, ensinando, repreendendo, ás vezes descompondo, mas tudo com brandura.

O que é certo é que a pobre gente obedecia aos seus pedidos e o adorava como a um santo. O major Cazuza era um homem milagroso, e só não fazia milagres, de verdade, na opinião dos simplorios, porque o frade da Penha não o deixava pizar na sacristia.

Um dia estava o Cazuza á porta de sua cozinha, a cachimbar. De subito, abaixando os olhos, que seguiam antes uns alcatrazes que voavam para a ilha do Boi, deu com um caboclo, seu conhecido, homem entrado em anos, trabalhador, de genio socegado, quando não se intoxicava com cachaça para esquecer a vida. Naquelle dia, porém, esse illustre personajem bebera além da marca, e a embriaguez, como de costume, o puzera numa lastima deploravel. Aos trancos, cai aqui, cai acolá, o caboclo avançou para o reformado, sinistro, ameaçador. Os olhos estrabicos denunciavam que a embriaguez entrara no periodo das coleras rubras. Atirou o chapéo ao chão; quiz perfilar-se; não pode. Salivou e nada... A baba grossa, pastosa, aglutinante, desfilou pelos labios sem fluir. Eram como gotas de sernambí. Esticavam, distendiam-se e voltavam ao gorgomilho resecado. O desgraçado recuspiá embalde. Dezesperado, poz-se a grunhir.

Blasfemou, então, numa voz tropega; guincho estranho como do demonio que o agitava. E quem pagou as despezas desse espirito impuro, segundo a formula dos espiritas, foi a falecida mãe do ébrio enfurecido.

— O diabo carregue para as profundias dos infernos essa diaba que me botou no mundo.

Não era propriamente diaba o termo que empregava. O nome era tão feio que nem por circunloquios me atreveria a proferir-o. Depois foi como um barril a despejar escrementos moraes de toda especie. O caboclo escabujava numa satisfação de esconjurado.

E porque tanta celeuma ? Porque ? E' facil dizel-o. No dia anterior agredira uma praça do destacamento. Deram-lhe uma tunda e em seguida o fizeram passar a noite no xadrez.

Saindo da prisão, nova bebedeira; e aí estava elle a desrespeitar com o olhar sinistro ao major Cazuzá, que nunca lhe fizera mal; ao contrario disso, o livrara de muitas penas e vexames, socorrendo-o com algumas moedas, palavras mansas e conselhos convidativos.

— Vosmincê está enganado comigo, seu major de bobagem!... berrou o caboclo, trapeando a fala. Hoje é hoje!...

— Que duvida, Manoel! respondeu sereno o reformado, sorrindo adoravelmente. Como é que hoje ha de ser hontem ou amanhã? Você perdeu a lojica e vem mais engraçado do que o guardião da Penha depois de ganhar ao jogo a cêra de Nossa Senhora.

O Manoel bambeou as pernas. Fincou os olhos no solo e poz-se a matutar. O dedo girou no espaço por muitas vezes, acompanhando o gesto interno que perseguia alguma idéa. Nisto o corpo torceu-se para cair de vez; mas o braço tateou o muro, onde escorava os hombros; e o Manoel, rodando sobre os pés, aprumou-se. A baba tornou a apontar aos cantos da boca e recolheu-se. Por fim, o pobre ébrio, erguendo-se, num supremo esforço, poude dominar a revolta do alcool que o sacudia,

e olhou suspeito para o major, medindo-o de alto a baixo. E com o indicador apontou a areia.

— E' isso mesmo! Vosmincê sabe tanto como o cabo da guarda, que é um pastrano. O guardião guardou a cêra, mas vosmincê espivitou a vela; e surripiou-lhe a comadre, que é bem boa.

O reformado, apesar da calma que lhe era habitual, corou; subito, conteve-se, repreendendo a herezia com um lampejo de benignidade.

— Todavia a irritação do ébrio avolumava.

— Não se atreva! Quem marcha para cima de mim marcha para cima da desgraça. Não tenho medo de carretas! Esfolo homem; pizo em tripa de gente!

O major Cazuza não lhe disse mais palavra.

Apenas fixou-o com olhos vibrantes e eletrizados. A repreensão era tremenda. O caboclo sentiu-se, então, subjogado como a féra pelo domador possuido dos segredos do seu officio. Aquelle gesto fôra sufficiente para injetar-lhe nos nervos a mais completa inibição da atividade alcoolica e facticia.

O Manoel abaixou a vista. As pernas lhe tremiam; dir-se-ia que o assaltara um acesso de maleitas. Tentou levantar os olhos de mergulho. Dando, porém, com o gesto inflexivel e austero do velho reformado, começou a chorar, aos guinchos, aos soluços. Depois, arrojou-se ao chão para abraçar as pernas de quem assim o dominava.

— Não me mate, *seu manjor*; eu me ajoelho.

— Levanta-te, Manoel! Não bebas mais!

E durante mezes o pobre indigena não se embriagou.

Toda vez que passava pela cazita do major e o enxergava, renovava a confissão e prometia não beber ve-

nenho. E o Cazuza, passando a mão pela cabeça do Manoel, humilhado, mas prazenteiro, acrescentava:

— Lembra-te de que um homem, quando diz de sua mãe o que disseste, é porque tem n'alma lacraias, cascaveis, surucucús.

O Manoel estaria curado?

Soube-se depois que aquillo fôra apenas uma estiajem. A força do remedio era provizoria. O caboclo, no fim de seis mezes, estando numa enjenhoca de cana em Itapemirim, sentiu a tentação do alcool.

A cena foi pavorosa.

Passava elle pelo depozito da enjenhoca. Quiz a fatalidade que fosse obrigado a atravessar o galpão do alambique. Ao lado viam-se dornas do liquido sedutor. Um aroma capitoso invadia o ambiente.

O Manoel parou aturdido. Começava a facinação. Olhou para a primeira dorna e ficou como se estivesse louco. Viu alguma couza de extraordinario. Um rosto formozo emergia da parte superior do depozito de cachaca, sorria e acenava com a mão.

O pobreolveu-se sobre os pés. Correu para a porta por onde tinha entrado e num galope doudo foi se esconder atraz de uma moita do pomar. Deitou-se e procurou dormir. A viagem o tinha dezaletado. As palpebras capiscaram um instante; não tardou que o assaltasse um pavor imenso. De repente deu um salto e disparou a correr por entre as arvores. Zuniam-lhe os ouvidos; perseguiam-no brados terriveis, ameaçadores.

Era a voz do major Cazuza.

— Bebe, Manoel; bebe, diabo!

E quando passou a obsessão daquelle alarido, estava outra vez á porta do alambique.

Entrou. O galpão das dornas silenciava. Ninguém aparecia. Os efluvios deliciosos da cachaça o enchiam de entusiasmo feroz, ao mesmo tempo espantadiço.

Então deu-se um fato singular. O rosto formoso que lhe sorria de cima da primeira dorna tornou a emergir, mas agora com o resplendor divino de Nossa Senhora da Penha, que o espiava compassiva.

Ouvio cantos de ladainha. Ajoelhou-se junto ao bojo da grande pipa e abraçou-a angustiado. Ali estava a torneira, á dêstra, e um canjirão de folha de Flandres, á sinistra, sugestivos, eloquentes, diabolicos.

O Manoel tocou em um, ensaiou abrir a outra; e durante esse movimento estinguio-se-lhe a memoria. Já sonhava, antes de beber. E o sonho era um sonho estravagante. Afigurava-se-lhe que esse canjirão não passava de uma grande banheira cheia de aguardente, em que *caía*, e, bebendo o conteúdo, se afogava.

Quando mais tarde a gente da enjenhoca voltou ao galpão encontrou a torneira aberta e o chão inundado de cachaça.

E o Manoel? Morto... *de profundis!* Assim terminava a historia, contada por Cosme Velho.

O automovel parou. Tínam chegado ao antigo ponto dos bondes da Tijuca.

O *chauffeur* foi refrescar no botequim. Cosme perguntou, então, ao seu interlocutor que moralidade se podia tirar daquelle conto. Que o induzira a impinjl-o?

— Ah, meu caro Cosme, *qui a bu, boira...*

— E depois?

— Esse Manoel é a imagem perfeita de alguns politicos da minha terra. O perfume capitozo da politica-

jem atordoa-os, promete-lhes couzas inauditas, toma até a feição de couza santa; mas a realidade é que no fim o que se encontra é o tanque, a morte, sinão o *delirium tremens* das sensações ineditas provocadas por ambições ilícitas,

§ 2.º

NA SUBIDA DA SERRA

Um apregoador de jornaes trepou no degrau do automovel.

Compraram o *Paiz* e o *Jornal do Commercio*.

A maquina possante, fonfonando, começou a galgar a rampa.

O dr. \*\*\* lia os telegramas.

— Que couza singular!

Tinham-se-lhe deparado as estranhas noticias relativas ao Congresso Eucaristico de Londres. Os catolicos pretendiam levar avante uma procissão de dezagravo, pondo em fóco, intencionalmente, com a maior ostentação, na grande metropole ingleza, o problema de Henrique VIII e as intrigas de Anna Bolena. A população protestante irritava-se; e Lord Asquith, para desviar o golpe, maquiavelicamente desferido, sob color das liberdades inglezas, dirijira uma nota ao sr. Buorne, arcebispo de Westminster, mostrando a inconveniencia dessa manifestação, que podia comprometer a ordem publica; e acrescentava que o governo só consentiria que se desenvolvesse o prestito em torno do templo, porque era levado a considerar discutivel a mesma legalidade da procissão.



Ajitou-se, então, o tema sobre saber em que consistem os direitos da religião nacional; e aqui entre nós pensou-se logo em applical-o com prejuizo das instituições republicanas, como si fosse possível tratar a religião de Estado com a mesma lojica que ampara a religião do maior numero, em todo cazo idéa muito vaga e por isso mesmo sujeita aos assaltos da propaganda realizada por outros credos.

— Não lhe parece, porém, objetou Cosme, que Lord Asquith prevaricou, invadindo a esfera de um culto que tem tanto direito á expansão como qualquer outro, dentro das regras com que a constituição ingleza protege os não-conformistas?

— *Distinguo.* Em primeiro logar os não-conformistas ou *dissenters* são dialetos da igreja oficial, ao passo que os catholicos representam o grande perigo, e ameaçam fundamentalmente o prezidio das liberdades inglezas, que tem um temperamento incompativel com clericalismo latino. Demais, quanto a mim, o que os inglezes cultos sentiram, segundo parece, não foi tanto a tentativa de assalto á sua fé religioza, como a sistematização do egoismo pelo dogma. A Inglaterra tem sido um paiz essencialmente individualista, e, sob a fórma da *self-dignity*, esses insulares têm praticado muitos atos de orgulho revoltantes. O egoismo e o orgulho, porém, ali guardam certa independencia, que é uma limitação aos efeitos dezastrosos resultantes desses vicios.

O egoismo, entretanto, sistematizado pelo dogma, é couza infernal, que por mais de uma vez tem inundado a terra de sangue.

Póde-se calcular o que seja um dogma triunfante pelo cinismo com que um papa fez um soberano, um im-

perador, curvar-se aos seus pés, fingindo arrependimento e protestando a mais completa obediencia... a Deus? não,—a um homem, vingativo, possuido da persuazão satanica, neroniana ou napoleonica (tudo importa no mesmo sentimento) de ter o mundo nas mãos e poder reduzir todas as forças da terra á sua unica vontade.

E' disso que os Inglezes se arreceiam: porque o egoismo de cada interessado, o egoismo que se esconde da mesma lei cristã, onde se proclama a caridade e o amor do proximo, a ternura e a simpatia; esse egoismo quadrupedante, quando não ofidico, crotalico, rejubila-se, apenas sente o dogma; e então vê-se como os mais baixos sentimentos humanos se acrizolam, tomando a fórmula do interesse coletivo e da santidade, para esmagar, vencer, aniquilar, sob os infinitos aspectos de dedicação ao culto ou aos principios sagrados da comunidade, que os inscreve na qualidade de adeptos, os seus adversarios particulares, exorcizando nestes o espirito de Satanaz. O dogma não é humano, nem os proprios sodalicios o são, quando a elle subservientes. As mesmas associações comuns participam desse vicio dantesco, no momento em que fazem metateteze, substituindo o dogma por Moloch. E' a mesma dezumanidade em toda a linha. Instrumento forjado para o exercicio irresponsavel da maldade! E, si não, diga-me o amigo Cosme: qual a razão por que a moral, tirada da experiencia diuturna dos povos, nunca fez derramar uma só gota de sangue? E' que as normas experimentaes do bom senso applicadas á vida comum fabricaram-se na historia, não na lejenda. Fizeram-se sob o prezidio do sentimento junto ás utilidades limitadas pela harmonia da vida neste mundo: ao passo que aquelle instrumento de ferocidade ou saiu do cerebro de algum profeta alucinado

pelo egoismo e pelo orgulho do divino, ou se combinou nas forjas dos Vulcanos da Economia Política, de baixa ou alta estirpe, ou dos teólogos da soberania das nações, para inutilizarem as inclinações bemfazejas dos homens e tudo quanto não seja mandar, ditar, dispôr da força discricionariamente e distribuir a seu talante o produto do trabalho coletivo.

Quem ha que, refletindo um pouco, não reconheça que a Igreja Catolica, perdidas as esperanças de restabelecer o dogma antigo em sua pureza, tratou nos ultimos anos de Leão XIII de passar do dogma de Jesus para o de Mammon ? Quem não a tem visto operar, como um *trust* economico colossal, que ameaça a terra, ajindo pela industria e concentrando capitaes, sem livros, nem escripturação, zombando dos Estados, a quem nunca paga impostos, antes pelo contrario consegue por toda aparte, até entre infieis, o tranzito das mercadorias com a mais completa izenção do fisco aduaneiro ?

Em muito boa hora Pio X condenou o *modernismo*. Mas esse ato, si por um lado lançou a confuzão no meio dos institutos, por outro está provocando reações e transformações de habitos no *trust* ecclesiastico, cujos resultados não se póde ainda prever com segurança.

### § 3.º

#### NO ALTO DA BOA VISTA

A palestra, com a leitura dos jornaes, estragou esta parte do passeio. Subiram a serra sem olhar um só instante para os encantos desse bellissimo trecho, um dos mais deliciosos do Rio de Janeiro.

No alto da Tijuca descansaram ou antes deram folga ao imperterritito *chauffeur* que os transportára de Botafogo até ali numa hora.

Batiam justamente oito quando galgaram a escadinha do restaurante do hotel White.

Fizeram uma pequena refeição e depois seguiram a pé em direção ás *Tres Vendas*.

Era conveniente dezengurgitar o fígado e dezentorpecer as pernas.

O automovel iria tomal-os adiante.

Agora sucitou-se uma duvida gravissima sobre o itinerario.

Propoz Cosme ao doutor uma digressão á Floresta: *Excelsior, Gruta de Paulo e Virginia*, etc.

— Não me fale nisto. Esse passeio já o fiz a pé, de carro, a cavallo, por inteiro, secionado, de todo modo. Por mais encantadores que repute os aspectos da Floresta, ser-me-iam hoje muito enfadonhos. Nunca fui ás *Furnas*. Parece incrível. Vamos ás *Furnas*. As impressões serão, porventura, novas.

— Prepare, pois o apetite. Só almoçaremos ás doze horas.

— Tanto melhor.

Estávamos junto a uma formozissima toiceira de bambús de Ceylão, enormes canas, de cujos gomos se preparam bocetas e vasos cilindricos de fatura enjenhozissima.

Havia em alguns desses gomos nomes proprios inscritos e acompanhados de dizeres lapidares.

Triste mania a dos turistas, que não perderam ainda o espirito dos cemiterios, onde foram criados. Entre tais

nomes lobrigou Cosme os de pessoas conhecidas, justamente as mais pedantes.

Ora, vejam esta inscrição:

“F. L. A. T. O. — *Penso que sou predestinado a descobrir o balão voador. As minhas iniciaes dão o anagrama “Flato”. No latim “Flatus” quer dizer vento. Logo tenho forçozamente de voar.*”

Essa tolissima criatura não cuidaria melhor em espunjir seu nome de uma dessas letras para não comprometel-o com um *flatus vocis*?

Cosme soltou uma rizada; e o doutor que, entretanto, sentára num banco e lia o *Jornal*, ergueu-se de repente, inquirindo o motivo da sua hilaridade.

Disse-lhe o que era. Acrescentou:— *Fœnum habet in cornu!* Saíamos daqui antes que o espirito desse furiozo nos ataque de improvizo.

O doutor levantou o *Jornal* até junto aos olhos e releu o trecho que o *atraía*:

“Uns segundos de espera pareceram-lhe uma eternidade; vibrou de novo, dezaforadamente a campanha electrica, no acesso da raiva que lhe entumecia as arterias e queimava as pupilas. Veiu por fim o criado dizer-lhe, por uma frincha da porta mal aberta, que as senhoras não estavam em caza... E, bem instruido, mal acabou essas palavras, fechou a porta e voltou-lhe as costas.

“Um frio de neve envolveu Adda da cabeça aos pés, paralizzando-lhe momentaneamente a ação. Diante della pareciam multiplicar-se as portas e os hombros chatos de criados dezatenciozos.. Segurou-se ao corrimão de ferro, compreendeu que precisava fugir, deceu a escada, cambaleante e tremulo. Ao sair para a rua levantou ainda

os olhos para as janelas da sala, na esperança de vêr asombar a uma dellas o Eduardinho; mas em vez delle foi a cara escarninha do Coronel que ella viu inclinar-se lá de cima sobre a sua miseria... Elle ria-se. Adda fugia... A sua consciencia confundia a realidade com um pezadelo. A figura odiada do pai de Ruy acabára de a dezorientar. Tinha-lhe odio e medo. Um medo de criança por papão negro de telhado, que lhe haveria de comer a carne e ainda chupar os ossos.

“Que fazia o malvado naquella caza, onde antes nunca ia? fazia intriga... urdia a sua desgraça.. Não tendo azas para voar, Adda queria correr, mas os seus passos tornavam-se cada vez mais pezados, recuando na areia, quando pretendiam avançar. Receiava encontrar algum conhecido pelo caminho, supunha levar estampada no rosto a sua vergonha.. a confusão aumentava ao sentir que alguém vinha apressadamente no seu encalço. Esperou a punhalada nas costas, vibrada pela mão seca do pai de Ruy... mas não era elle, — era o Eduardinho!

“O moço vinha indignado, pedia perdão por todos, e com os olhos fuzilando lumes, propoz-lhe a fuga nessa mesma noite. Elle esperaria de automovel na esquina da rua da Nossa Senhora, ás nove horas: só saltando por sobre o escandalo ella seria um dia sua mulher... E ella seria sua mulher!”

— Mas este trecho revela uma romancista consumada. Eis uma pajina que tem vida e verte sangue. E’ o paroxismo de um amôr ludibriado na sua angustia, em um meio aristocratico, por um smartismo picaresco, e despedaçado nos dedos inconcientes de meia duzia de almas de lacaios, trajados no Rabello pelo dinheiro do Ensilhamento.

— De onde vem-lhe tamanho entusiasmo? disse Cosme.

— Aqui está; é um delicioso romance, escrito por modesta brasileira. Leia o *Cruel Amor*, de Julia Lopes, e encontrará cenas de costumes, pintadas com um colorido encantador. Paixões violentas e caracteres tortuosos são aí observados e descritos com um vigor admirável.

O automovel chegava. Interrompeu-se a critica. Deceram com destino ás *Furnas* numa velocidade pavorosa. O *chauffeur* entrava gradualmente na vertigem da carreira. E elles contajados por aquella febre de loucura já não pensavam em atenuar-lhe com palavras o delirio da maquina. Curvaram-se para a frente e entregáram a alma ao deus dos automoveis, que deve ser alguma couza de parecido com Apollo ou com Mercurio.. De cabeça emborcada e olhos fechados não viram mais nada. Era a sensação de correr pelo espaço, aos trancos, esfuziando, contornando, fazendo curvas instantaneas, zig-zags danados, deslizos impossiveis, ora para cima, ora para baixo, não guardando da passagem pela estrada senão o perfume fujitivo das hervas machucadas, a angustia do pó, o fétido da gazolina, os sons inebriantes do vento que passava, os écos silvestres e o fragor atordoante da encosta da montanha repercutindo o estrupido da maquina furioza.

Fatigaram-se, todavia; a rapidez e a irregularidade do movimento torturavam, apesar do gozo da velocidade, as viceras, principalmente o coração. Devido á força centrifuga pareciam querer evadir-se, ora pelo torax, ora pelas costelas, pela garganta, pelo ventre, como arrebatadas pela mão invizível desse deus dos automoveis.

Grande anciedade. Fulgurações deslumbavam a vista semi-apagada. Momentos havia em que pensavam morrer no éter.

Por fim o *chauffeur*, que parecia um demônio ou um gorila, a fazer trejeitos de precito na prôa da barca de Charonte, esse *chauffeur* doudo, dezalmado, ralentou a marcha. Ranjeram os freios; e num minuto estavam os viajantes perto das *Furnas*.

#### § 4.<sup>a</sup>

#### FURNAS

Saltáram. Transpiravam. Dealteráram-se na primeira fonte encontrada.

Não se lhes diz nada. Era tal a fadiga; as palpebras pezavam por tal modo sobre os olhos, que foi preciso toscanejar e dormir alguns minutos sobre os bancos rusticos.

Percorridas as grutas, que o dr. Passos tornou mais acessiveis, voltáram aos bancos para descansar.

A impressão deixada no doutor por aquelle delubro, por aquella vejetação misterioza, levou-o ao paradoxo.

— Meu caro amigo Cosme, quanto mais examino este nosso Rio de Janeiro, menos me atrevo a proferir certas herezias.

— Hereje é você até á ponta das unhas. Diga...

— Lembra-se de uma passagem da *Caza de Boneca*, em que Nora manifesta o dezejo obsedante de proferir uma palavra que a sua delicadeza repele como indecente?

— Caramba ! Era caramba...



— Pois experimento agora essa mesma obsessão, não por uma, mas por duas, por tres, por dez palavras.

— Vamos adiante.

— Era aqui que devia ter-se reunido a Conferencia de Haya.

— Mas porque, filho de Deus?

— Porque, sendo os delegados que ali se reuniram verdadeiros megaterios ou mastodontes da diplomacia, era muito mais acertado que as sessões fossem celebradas ás portas de uma grande e bela cidade, numa caverna de formação antidiluviana.

— Já percebo.

— Ancestral...

— Ora, ahi tem a herezia!

— Talvez lacustre..

— E a nossa aguia o que então iria fazer nessa escuridão?

— A nossa aguia?

— Sim! Tivemos uma aguia em Haya...

— A nossa aguia teria sido transformada em rinoceronte.

Cosme deu um pulo para trás e cæfu no banco estatelado.

O doutor endoudecera.

A nossa fauna possui o queixada, o caititú, a anta, o peixe boi... O que pretendia o amigo com semelhante despauterio?

— Rinoceronte, doutor? O senhor falou mesmo em rinoceronte?

— Por que não?

— O Brazil não podia entrar sinão com o elemento indijena. Nós não temos este mamífero.

— Esqueceu-se da aguia? Onde ha aguias no Brazil?

— Condor!

— Condor? Isto é nos Andes. Aqui é urubú-rei!

Aguia, condor, rinoceronte: tudo é a mesma couza. A questão rezide em força, folego, arrojo, animo, coragem. Foi um caçador francez, comissionado em Africa pelo Ministerio do Interior de França, chamado Foá, quem me revelou os verdadeiras costumes do rinoceronte, brasileiro ou estrangeiro. O rinoceronte é animal solitario, pezado, dotado de força descomunal, corpo massiço, pele rugosa, espessa, focinho armado de um estrepe, violento e o unico capaz de fazer frente ao elefante. Dizem que os indios atribuem áquelle estrepe propriedades maravilhozas; mas os naturalistas garantem que esse apendice é apenas uma inutil curiosidade.

O caçador francez, todavia, afirma, de experiencia propria, que esse mamifero não sabe se defender, porque não apreende o que se passa em torno de si. Logo, porém, que pelo faro presente a presença do homem, e ainda assim estando a barla-vento, começa a descrever trajetorias formidaveis, de um lado para outro, destruindo tudo quanto se opõe á sua passagem violenta. Si acontece, numa dessas trajetorias, encontrar quem o persegue, ai do desgraçado! não ha arma que valha, porque o seu couro é impenetravel. Ao caçador, porém, é facilimo matal-o de emboscada, ferindo-o nos olhos.

Si consegue escapar, posto de sobreavizo, o rinoceronte uza para resguardar-se de um espediente curiosissimo. Com as patas procura espalhar os residuos e secreções que porventura tenha deixado pelo caminho. Julga que o homem é tão estúpido que, desprezando o

rasto, quando o persegue, só se deixa guiar por tão sor-didos objetos. E' o conceito que alguns politicos fazem dos seus adversarios.

Ora, o condor não copiará a politica do mamifero nesta parte, mas cuido que os seus processos de ataque e de defeza são bem parecidos com os daquelle interessante habitante das matas africanas. Nas questões constitucionaes, pelo menos, com toda a sua inteli-jencia e todo o seu saber, irritado e paquidermicamente enfurecido, projeta-se em zig-zags. E coitado de quem se atreve a contestal-o ! E' um ruir de estantes, uma borrasca de livros, um dezabar de autores, um troar de bibliotecas, um tumulto de citações, um bradar de textos, que dir-se-ia não um erudito discutindo arduas questões de direito, mas um ciclone que arraza, subverte e lança sobre a rejão por elle percorrida o pavor dos cataclismas irreparaveis. Desta vez o ciclone politico pôde mais do que o rinoceronte constitucional. Conversando hontem com um amigo, que dispõe de vista de alcance para descortinar os segredos mais reconditos da vida social, disse-me esse amigo que o condor, transformado, se embalsamára em vida.

— Como ? perguntei-lhe, quazi adivinhando-lhe o pensamento.

— Pois quem não vê, respondeu-me, quem não per-oebe que elle engole-se a si mesmo ; como um fakir, deitado sobre estrepes, passa seis mezes em baixo da terra, para resurgir cada vez mais reitoral ? A operação não é muito facil, mas está bem aparelhada.

— Para codificar ?

— Um codigo que será a Phœnix Renacida.

— Crê, então, você que era pêta essa historia de descarte ?

— *Chi lo sa?* O plano do grande jurista ha muito tempo que se encharca. Empaliar... empaliar, até que um dia lhe seja possível provocar um cataclisma de livraria; e então os seus pareceres sobre a redação gramatical do projeto, e mais as poligrafias que naturalmente já reuniu sob o Titulo Geral do Código e que serão verdadeiros tratados sobre os varios sistemas de codificação; os cartapacios apresentados no Senado, quando o interpelaram sobre a demora do trabalho, ficarão no seu arquivo para que a todo tempo se diga que a nossa impaciencia privou o Brazil de um monumento juridico, que faria inveja á propria Allemanha, sinão á ciencia que de hoje a cem anos existirá na Republica da Australia, ou em Saturno.

Cosme não quiz acompanhar aquelle amigo na diatribe contra o nosso grande codificador. O seu interlocutor, porém, andava tão cheio de indignações que não se conteve.

— O condor, acrescentou elle, é um condor místico. Mas essa ave jurispáetica tem, por infelicidade das nossas letras, uma alminha tão liliputiana que não se enxergaria, si não trepasse na sua grande erudição. Dirão os seus admiradores que o grande Bacon era tambem uma alminha destas; que o genio não é incompativel com deliquencias feminis. Acazo o autor do *Novum Organum* não baixou de sua transcendencia para imiscuir-se numa luta de comadres e de camareiras na côrte de Elisabeth? Não é certo tambem que a sua formidavel obra de lojica não impedio que elle exercesse vingancinhas de mosquito? Si é verdade o que dizem os mexeriqueiros da historia, é igualmente exato que o seu monumento ético não presta para nada. A Bacon atribuem uma frase que, a ser verdadeira, pinta-o a vulto inteiro.

— Estou cansado, com semelhante talento, de suportar estorvos ao meu orgulho.

E cunhou opiniões como quem solta morteiros japonezes, que embasacam o povo e são-lhe muito uteis. Bacon, todavia, guardou respeito á sua filozofia. A sua probidade politica póde ser atacada. Mas o que elle escreveu sobre o metodo experimental é uma obra que ha de viver, como a de Aristoteles, através dos seculos.

— Em todo o cazo o nosso Bacon possui grandes qualidades de analista.

— Distingamos. Ha analistas e ha analistas. Darwin foi um analista. Mas as analizes, as autopsias que fez deram-lhe ensejo a formular a lei da orijem das especies. Elle não cuidou jámais em recolher opiniões. Analizou para depois generalizar. Não atrapalhou, não confundiu ninguém. Dizer que o brasileiro é pensador, é ainda um despropozito. Um moralista, muito mais!

A sua ética é teatral. No tempo dos escolasticos, talvez que elle pudesse ser um Duns Scot, e na companhia de Jesus, um Suarez, mas de fórmula atenuada. A sua operação como constitucionalista tem consistido unicamente em trincar as noções claras do direito. De certo tempo a esta parte apostatou. Fez-se filosofo segundo a dogmatica do catolicismo. E' facil compreender a dezerção. Não é impunemente que se enche a cabeça de têtos, de opiniões. Desde que se não póde regular esse cáos com uma forte sintheze social, a cabeça inflama e o cerebro cambaleia. O nosso *great old man*, sentindo a sua impotencia filosofica e uma enorme preguiça mental para a sintheze e para a meditação, agarrou-se, por instinto de conservação, á autoridade da Igreja, que é um otimo

travesseiro. Não seria para admirar, dadas certas circunstancias, que voltasse ás fogueiras da Santa Inquisição e á guilhotina purificadora de *mestre Robespierre*. E, no entanto, esse homem escreveu a introdução do

- *Papa e o Concilio*.

Almoçaram no White prazerosamente.

O regresso á cidade deu-se, graças á alegria da tarde, sem acidente e com prudencia. Não morreu ninguém.

A' noite encontráram Brazilino Dias na Esposição. Foi uma surpresa e um aparecimento misteriozo. Por algumas palavras que trocáram, depois de sete anos de auzencia, ficaram inteirados de que esse grande homem vem do Velho Mundo cheio de idéas novas e de planos estupendos.

1908, Novembro.









as 52.

## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliana@usp.br](mailto:brasiliana@usp.br)).